PROCEDIMENTO DO WORKSHOP (SEMINÁRIO, REUNIÃO) PARA O DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO ESPECÍFICO RELATIVO À CRISE DA CARNE DE CAÇA (BUSHMEAT)

SOUTHERN AFRICAN WILDLIFE COLLEGE
(COLÉGIO SUL-AFRICANO DA FAUNA SILVESTRE)

6 – 8 AGOSTO DE 2002

USAID

RECONHECIMENTO

Esta publicação tornou-se possível através do apoio provido pela Repartição de Recursos Naturais e Ambientais, Departamento de Programas Golbais. Pesquisa e Manutenção de Campo, Centro do meio-ambiente, Agência dos E.U para o Desenvolvimento Internacional, sob os termos da Concessão No. GEW-G-00-01-00014-11. As opiniões aqui expressas são dos autores e não refletem necessariamente as idéias da Agência dos E.U para o Desenvolvimento Internacional. Essa concessão foi facilitada pela African Wildlife Foundation (AWF). (Fundação Africana da Fauna Silvestry)

O Workshop para o Desenvolvimento do Treinamento da Carne de Caça (Bushmeat) foi organizado conjuntamente com o Colégio Sul-Africano da Fauna Silvestry (Southern African Wildlife College (SAWC)) e a Força Tarefa da Crise da Caça (Bushmeat Crisis Task Force, EUA (BCTF)).

Agradecimentos especiais são expressos à equipe de funcionários da SAWC por sua efficiência e hospitalidade demonstrada antes e durante o Workshop.

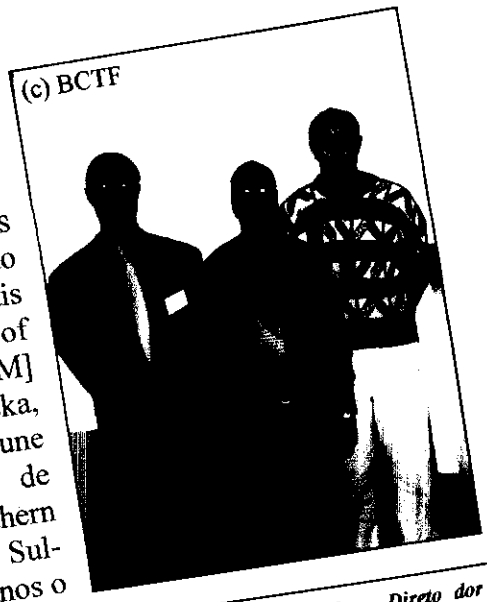
Gostaríamos de agradecer os l[illegible]abr[illegible] e A[illegible]o e mit[illegible] xecu[illegible]o da BCTF por seu apoio e contribuição [illegible] este Worksho[illegible]

ÍNDICE

Página	Actividade
2	- Reconhecimento
4	- Fundo Histórico
4 – 5	Estabelecimento do SAWC
5 – 6	- Colaboração dos Colégios Regionais
6	- Descrição Geral do projecto
7	- Resultados esperados do workshop
7 – 8	- Introdução
9	- Boas-vindas pelo Diretor Executivo do SAWC
10	- Boas-vindas pelo Membro do Comitê Executivo da BCTF
10 – 62	- Apresentações pessoais pelos participantes do workshop
63 – 70	- Introdução à sessão 1 da equipe de trabalho
70	- Conclusão da sessão 1 da equipe de trabalho
71 – 78	- Introdução à sessão 2 da equipe de trabalho
78	- Conclusão da sessão 2 da equipe de trabalho
79 – 87	- Introdução à sessão 3 da equipe de trabalho
87	- Conclusão da sessão 3 da equipe de trabalho

FUNDO HISTÓRICO

Um dos recursos mais sub-utilizados na África para os esforços de proteção à fauna silvestry é a educação formal e o sector do treinamento. A África mantém três colégios regionais excelentes de treinamento-da fauna silvestry (College of African Wildlife Management, Mweka, Tanzania [CAWM] Colégio do Manejo da Fauna Silvestry Africana, Mweka, Tanzânia; École pour la Formation des Spécialistes de la Faune de Garoua, Cameroon [EFG] Escola para a formação de Especialidades da Fauna de Garoua, Camarão; e Southern African Wildlife College, South Africa [SAWC] Colégio Sul-Africano da Vida Animal, África do Sul). Por mais de 30 anos o CAWM, a EFG e mais recentemente o SAWC tem educado, coletctivamente, 3000 gerentes Africanos da fauna silvestry. Os colégios concentram-se no treinamento formal de proficionais de meia-carreira e muitos dos seus estudantes anteriores tornaram-se líderes das autoridades de áreas e serviços de proteção à fauna silvestry, oragnizações não-governamentais (ONGs), oragnizações da comunidade, sector turista, empresários de safari de caça, bem como pesquisadores, adadêmicos e instrutores por toda a África



Da esquerda para direita: Direto dor Garoua College, Sr Ibrahim Njoya; Diretor do Mweka College, Sr Deo-Gratias M. Gamassa; Diretor Executivo do SAWC, Mr Fanie Greyling

ESTABLECIMENTO DO SAWC

No começo dos anos '90, após um estudo de praticalidade de dois anos, o World Wide Fund for Nature-South Africa (WWF – SA) {Fundo Mundial para Natureza- África do Sul} em conjunto com a SADC (CDSA) decidiram promover e assumir responsabilidades para o estabelecimento de um Colégio para o treinamento de Guarda-florestais Sêniors que seriam capazes de planejar e implementar programas de gerência efetivos para as reservas florestais na África sulina.

O local do Colégio era de suma importância para o sucesso desse empreendimento. Os factores considerados em localizar o colégio onde ele se encontra hoje incluem: a necessidade de minimizar o impacto no meio-ambiente, a proximidade do local às comunidades locais e potencial de trabalhadores, e o seu ascesso à áreas para o treinamento de preservação no sítio ou próximo a ele. Vários locais na África Sulina que poderiam satisfazer esses critérios, e providenciar também uma variedade de ecossistemas para o treinamento da preservação foram investigados.

O vasto local, eventualmente, limitou-se a uma área diretamente adjacente ao portão Orpen do Parque Nacional Kruger (Kruger National Park's (KNP)). Investigações preliminaries revelaram que o local de pesquisa Hans Hosheisen Research no Portão Orpen poderia servir de núcleo do Colégio uma vez que este satisfaria os critérios mencionados e permitiria ascesso às reservas provinciais e privadas.

Contudo, devido a uma série de factores ficou decidido contruir o Colégio nas 35 ha de terra 12 km a oeste do portão Orpen do PNK. Pertencente a WWF – SA, o terreno é administrado como um parque contractual incorporado no PNK. Interessantemente, apenas uma àvore foi derrubada durante a construção do Colégio.

O Colégio situa-se aproximadamente a uns 15 km da comunidade de Welverdiend o que significa que foi necessário construir menos casas no local, uma vez que uma número dos funcionários poderiam ser recrutados de Welverdiend e da comunidade Fronteira nos arredores do Colégio.

Os fundos foram oriundos de fontes nacionais e internacionais através da WWF – SA. A construção do Colégio foi possível devido a uma doação generosa de DM10 milhões (de marcos alemães) do governo da Alemanha através do Kreditanstalt fur Wiederaufbau (KfW).

A construção foi completa em 1996, antes do prazo previsto e dentro do orçamento. Esta foi registrada como companhia secção 21 "não para fins lucrativos" em Maio de 1996.

Os primeiros cursos breves, ou de curto prazo foram administrados em 1997, e os primeiros alunos matriculados para certificado, em 1998.

Desde 1999, o Colégio vem funcionando em sua capacidade total, com seu programa de certificado e a introdução de um programa para diploma, que provou ser de imenso sucesso. O Colégio tem um pequeno núcleo de funcionários responsáveis pelas tarefas diárias do mesmo. O Colégio preferiu oferecer os vários módulos de treinamento junto com o seu programa de certificado, do que contratar funcionários permanentes para procurar serviços de especialistas em seus campos respectivos.

A maioria, se não todos, dos nossos estudantes do curso longo vem de organizações que não possuem os fundos necessários para pagar o Colégio pelo treinamento oferecido, por isso o Colégio resta grandemente em doações para sustentar suas atividades. Os fundos são oriundos de organizações, tais como Peace Parks Foundation (PPF) e em grande escala do WWF – SA.

Tem-se tornado mais e mais evidente que, como Colégio, precisamos encorajar as organizações a sustentarem os seus estudantes, e persuadir os mesmos a pagarem por sua própria educação. Esse método está começando a produzir frutos vagarosamente, mas as organizações, certamente estão comprometendo-se a apoiar financeiramente os seus estudantes.

Uma grande iniciativa, com tremendo potencial para a viabilidade econômica futura do Colégio, foi o estabelecimento do SACET (Southern African Conservation Educational Trust Fund) (Sindicato Sul-Africano para Conservação Educacional). O objectivo desse sindicato é levantar por volta de U$10 milhões, o qual ajudaria não somente esse Colégio, mas também outras intituições semelhantes, a cobrir seus encargos financeiros. O sindicato foi oficialmente lançado em 25th de Outubro de 2001 e a convidada de honra durante esse evento prestigioso foi a Ilustre Embaixatriz da Republica Federal da Alemanha Sra Anna Margareta Peters.

COLABORAÇÃO DE COLÉGIOS REGIONAIS

Esses colégios providenciam oportunidades para profissionais de meia-carreira e estudantes, a obterem diplomas reconhecidos e cursos de treinamento a curto prazo em manejo da fauna silvestre. Até o presente, contudo, nenhum desses colégios mantém um currículo sobre a carne de caça (bushmeat). A conferência recente sobre o manejo da fauna silvestre Dezembro de 2000) realizada em CAWM resultou em mais da metade dos participantes da

conferência atendendo a sessão sobre a carne de caça patrocinada pela Bushmeat Crisis Task Force (BCTF). Após àquela sessão a BCTF tem sido repleta com pedidos individuais de estudantes de Mweka e outros professionais africanos para mais informação sobre o assunto. Subsequentemente a BCTF começou a discutir com colegas na EFG, CAWM e SAWC sobre a possibilidade de desenvolver um currículo sobre carne de caça. Todos os três colégios já haviam formado um acordo (em Março de 1999 na Reunião Internacional dos Colégios de Treinamento sobre a Fauna Silvestre - International Workshop of Wildlife Training Colleges) a trabalharem mais intimamente ligados e a colaborarem no desenvolvimento e revisão de um currículo. A BCTF está interessada em procurar e identificar o apoio necessário para possibilitar tal trabalho colaborativo a ocorrer, começando com a questão mais urgente sobre a conservação no continente africano: a carne de caça (bushmeat).

O desenvolvimento de um currículo formal sobre a caça através de um processo participatório e colaborativo providenciará perícia e conhecimento a profissionais da vida animal para lidar com essa questão diretamente no campo e assegurar que este torne-se um ítem prioritário no desenvolvimento de programas de manejo da fauna silvestre. O desenvolvimento de tal currículo formal pode representar um papel chave na identificação de soluções prolongadas para essa crise. Ao fazer do modulo 'bushmeat' (carne de caça) um requisito para todos os diplomas a serem conferidos e ao assegurar um controle continuo do desenvolvimento e aplicação das informações sendo comunicadas aos estudantes – o currículo passará a ser atualizado regularmente, assegurando assim, que os meios mais apropriados e efectivos de dirigir-se a esse assunto esteja sendo oferecido aos alunos. Além disso, esses módulos podem servir de base para cursos similares a serem desenvolvidos em outras regiões do mundo onde a crise da carne de caça é um problema. Das soluções a longo termo acima sugeridas, a educação e o treinamento profissional sobre a questão da caça é uma das maiores prioridades.

Para esse fim, o BCTF já completou a fase de planejamento inicial para um esforço colectivo no desenvolvimento do currículo carne de caça dentro dos três colégios regionais da fauna silvestre na África. Uma reunião foi feita em Washington, DC dos 17-21 de Maio de 2001 na qual estiveram presentes mais de 150 peritos em carne de caça e profissionais interessados, de mais de 20 países. O BCTF providenciou apoio da EFG, CAWM, e SAWC para participação nessa reunião. Uma reunião especial foi organizada em colaboração com o Grupo de Biodiversidade Colaborativo da África (Africa Biodiversity Collaborative Group) aos 16 de Maio de 2001 onde os três colégios representantes fizeram apresentações com respeito aos seus programas gerais de educação. Essa reunião sucedeu-se após à sua participação na reunião do BCTF, incluindo meio dia de workshop sobre o desenvolvimento de materiais didáticos sobre a carne de caça na África. Essa proposta oferece informação histórica sobre a reunião do BCTF e o desenvolvimento da educação sobre a carne de caça. Os resultados da reunião requereu uma ação sábia a empregar gradativamente, tomadores de decisão chaves (KDMs) na questão da carne de caça e no desenvolvimento do currículo para os colégios regionais.

DESCRIÇÃO GERAL DO PROJECTO

O objectivo fundamental desse empenho é estabelecer uma equipe profissional para desenvolver o currículo da caça, incluindo lições e exercício de campo que cubram o seguinte: o fundo histórico geral, as causas e os efeitos da transação commercial da carne de caça, as leis, a política de desenvolvimento, a economia, o controle ecológico/população, técnicas de avaliação do Mercado, gestão comunitária (i.e. trabalhar em conjunto com/ou desenvolve

associações de caçadores/comerciantes), execução da lei, controle das rotas de acesso, alternativas (econômica e proteínica), conscientização e educação, gerência dos dados de informação sobre a carne de caça, e o desenvolvimento da rede.

É importante notar que os cursos desenvolvidos serão oferecidos como parte do programa de diploma de cada colégio após a conclusão do curso curto inicial e assim que a monitoria da efetividade do curso possa ser colocada à disposição para feedback contínuo e melhoramento do currículo. A avaliação do curso breve inicial indicará o uso futuro mais apropriado do currículo e/ou as medidas necessárias para integrar o currículo 'bushmeat' (carne de caça) no programa do diploma.

Além do desenvolvimento do currículo, essa equipe formará a base para o estabelecimento da National Bushmeat Task Forces (Força-Tarefa Nacional da Caça) através da África Sub-Saarana e servirá de modelo para outras regiões do mundo – ambos em termos de educação e desenvolvimento da rede.

RESULTADOS PREVISTOS

- Um modelo para um currículo detalhado da caça para educar os estudantes dos três colégios africanos da fauna silvestre sobre as causas, os efeitos, e soluções apropriadas para o comércio da carne de caça, e como eles podem ser implementados mais efetivamente, com ênfase particular no desenvolvimento do material de educação ambiental para as escolas primárias e secundárias e as comunidades rurais: focalizando na crise da carne de caça;
- O estabelecimento de uma vasta rede de profissionais igualmente preparados
- A criação de uma estrutura para treinamento adicional e desenvolvimento das capacidades dentro dos departamentos da fauna silvestre do governo (uma vez que o currículo pode ser ensinado dentro e for a das dependências do colégio assim que necessário);
- A redução no comércio da carne de caça como resultado de melhor educação e treinamento sobre as questões da carne de caça para profissionais do manejo da fauna silvestre.

INTRODUÇÃO

O termo 'bushmeat' deriva-se da tradução do termo francês para carne de animais selvagens - *viande de brousse* – a qual tem sido uma fonte de proteína e renda para as comunidades de subsistência por milhares de anos. Recentemente esse comércio desenvolveu-se numa exploração commercial, ilegal insustentável, comprometendo as populações da fauna silvestre através de toda a África. Hoje, o comércio da carne dos animais selvagens tem-se escalado muito além do nível de subsitênca e nos últimos anos torno-se numa indústria multi-bilionária. Algumas das forces motrizes atrás dessa crise são o acesso incontrolável à fauna silvestre, a falta de alternatives, a indústria insustentável baseada na fauna silvestre que tem se tornado severa, principalmente na África.

Em seu artigo sobre esse assunto publicado no periódico African Environment and Wildlife [Ambiente Africano e Fauna Silvestre] (hoje conhcido como African Geographic [Geográfico Africano]) em Agosto de 2000, Bill Branch afirmou o seguinte: "A utilização da fauna silvestre como caça extende-se por toda a África sub-Saarana. Enquanto a pressão humana continua a aumentar, o conflicto entre o ser humano e os animais relativo a recursos e espaço,

tem também aumentado e os animais selvagens têm sido considerados somente em termos do seu valor para as comunidades adjacentes. Para a sobrevivência da herança da fauna silvestre na África é necessário presciência e governo firme, mantendo um equilíbrio entre as demandas da conservação e o desenvolvimento social.

Essa workshop para o desenvolvimento do currículo no colégio Southern African Wildlife foi o terceiro e o último na série, outros anteriormente relizados nos EFG e CAWM. Três workshops foram realizados para indentifcar as diferenças entre o estado e o comércio da caça, em cada região, enquanto enfatizando a natureza da crise pan-africana. Embora o processo tem colocado a co-operação e co-ordenação entre essas instituições em primeiro lugar, ele reconhece, ao mesmo tempo, que as diferenças, também, precisam ser reflectidas nesse currículo. A lista dos delegados convidados a participarem nesse workshop foi formulada baseada na representação apropriada e contribuição de especialistas, mantendo o grupo pequeno para garantir uma boa participação de cada delegado (veja Apêndice A para a lista completa dos delegados).

O programa do workshop consistiu de duas secções. No primeiro dia os participantes compartilharam apresentações formais para rever a situação do comércio da caça por toda a região. Nos dois dias seguintes houve três secções de trabalho onde os delegados foram divididos em três grupos ou equipes. Para a primeira secção os delegados foram alocados de forma a manter uma distribuição uniforme de acordo com a origen geográfica e a representação da organização. Cada equipe dedicou-se aos mesmos objectivos:

- Registrar e prioritarizar assuntos chaves sobre a carne de caça;
- Identificar as necessidades de treinamento ou módulos potenciais associados a essas questões;
- Identificar e prioritarizar os grupos aprendizes alvos.

Uma vez que os grupos deram relatórios concernentes aos resultados das suas deliberações nos assuntos acima mencionados, na plenária, eles foram reconstiuídos de acordo com as suas especializações. À cada um foi distribuido um grupo alvo aprendiz, e usando a lista de necessidades de treinamento como ponto de referência foi-lhes requerido desenvolvê-los ainda mais, em termos dos objectivos de aprendizagem ou resultados específcos, e identificar os valores essenciais a estes associados. Aqui, a sessão plenária representou um papel importante providenciando, a cada equipe, a oportunidade de contribuir com os outros grupos de aprendizes.

Nas últimas três sessões finais os mesmos grupos foram usados para desenvolver, ainda mais, os objectivos de aprendizagem, em unidades de estudo e sugerir uma estrutura para os módulos. A plenária foi assim usada para garantir que todo o insumo fosse capturado e que o concenso, quanto a essas propostas fosse, alcançado.

O SAWC proporcionou funcionários para a agir como facilitadores/gerentes de cada equipe em suas sessões de trabalho, e um orientador profissional e independente foi usado para supervisionar todo o seminário. Isso ajudou significativamente na orientação dos processos dos grupos e em obter a certeza de que os objectivos dos três grupos fossem alcançados dentro do tempo disponível. O Processo de Grupo Nominal (Nominal Group Process) foi usado inicialmente, para assegurar que os participantes tivessem uma oportunidade igual para expressar, discutir e capturar as suas idéias. Este foi reconhecido como o melhor processo para capturar a riqueza e a diversidade de habilidades representadas pelos delegados. Uma

vez que os delegados tornaram-se familiarizados uns com os outros as equipes começaram a usar menos métodos formais em gerar suas idéis.

Como já mencionado, essa série de workshop é o terceiro passo no processo do desenvolvimento e implemento de treinamento sobre a crise da caça. Assim, esse procedimento serve apenas como registro desses workshops nesse passo do processo. Eles serão agora, usados pelo colégio para desenvolver o currículo que os participante decidirem ser apropriado para tratar-se desse assunto. Embora essa seja uma grande contribuição, os resultados só serão vistos nos anos seguintes, quando os recipients do treinamento executarem o que aprenderam.

DISCURSO DE BOAS-VINDAS - SG Greyling, Diretor Executivo, SAWC

Em nome da administração, funcionários e estudantes, gostaria de dar as boas-vindas a todos os presentes nessa terceira etapa do Bushmeat Crisis Task Force Workshop sendo realizada no Colégio Sul-Africano da Fauna Silvestre (Southern African Wildlife College). Em particular, gostaria de dar as boas-vindas à Natalie Bailey, Coordenadora da BCTF, Reg Hoyt, Zoológico de Philadelphia e membro do Comitê de gerência da BCTF e meus colegas, Deo-gratias M. Gamassa, diretor do CAWM, e Ibrahim S. Njoya, Diretor do EFG.

No Colégio Sul-Africano da Fauna Silvestre (Southern African Wildlife College) nos orgulhamos de estarmos na linha de frente quanto às questões de conservação, o nosso Colégio é relativamente novo e a crise da carne de caça é um assunto quente que todos os conservacionstas, gerentes de recusos naturais e de áreas de proteção terão de enfrentar se desejarmos assegurar o uso sustentável futuro dos nossos recursos naturais. Por isso, esse Colégio compromote-se em fazer todo o esforço possível para vencer esse obstáculo enorme, embora como Colégio não podemos resolver esse problema sozinhos, precisamos não somente do apoio de todos vocês, mas também de toda a África.

Para aqueles de vocês não totalmente cientes, o termo 'bushmeat' é usado para descrever o uso da carne e dos produtos derivados da fauna silvestre. A caça clandestina e comercial dos animais selvagens, incluindo as espécies ameaçadas e/o em perigo, representa uma ameaça imediata à vida futura da fauna silvestre, na África, e essa já resltou na extinção local total de certas espécies na África Ocidental (West Africa). É, portanto, de grande importância não somente para nós, mas ainda mais para o futuro dos nossos filhos que lutemos a todo custo, não somente para alcançar os objectivos desse workshop, mas também tentar a ultrapassá-los. Como educadores e conservacionistas, uma das nossas principais responsabilidades é assegurar que a nossa herança natural, na África, seja preservada para as gerações vindouras.

A Bushmeat Crisis Task Force foi fundada em 1999 por uma conglomeração de conservacionistas, organizações e cientistas interessados em preservar as populações da fauna silvestre já ameaçadas, ou que poderão vir a ser ameaçadas por um comércio clandestino da caça.

O mercado da carne de caça é um problema na África e em todo o mundo. O problema já foi tratado em três sessões, utilizando os três Colégios já existentes na África. O primeiro workshop foi realizado em Garoua, Camarão no colégio da fauna silvestre situado lá, a segunda etapa em CAWM, Tanzânia, e a terceira etapa desses seminários está sendo, realizada na África Sulina. O objectivo desses três workshops é desenvolver um currículo, levando em consideração os problemas específicos das diversas áreas na África, que será usado para educar e treinar os responsáves pela administração dos recursos naturais e das áreas de proteção na África.

O verdadeiro e crucial problema da crise da carne de caça é reconhecer que as razões fundamentais para o florecimento desse mercado ilegal na África, fatores tais como a falta de educação, o acesso incontrolável à florestas e recursos da fauna silvestre, a superpopulação, o desemprego e a pobreza, todos são fatores que permanecerão mesmo após a depleção das espécies dos animais selvagens e a destruição da biodiversidade natural. A mensagem mais importante desse workshop é que cada um de vocês possa fazer uma diferença. Mais uma vez, em nome de todos nós, as nossas calorosas boas-vindas.

DISCURSO DE BOAS-VINDAS DA BCTF - Reg Hoyt.

Bemvindo a todos os delegados, em nome do Comitê Exectivo da BCTF. Embora haja uma focalização nas florestas, a carne da caça precisa ser vista como um ploblema pan-Africano. Ele não se limita apenas como um problema terrestre. Não existe nenhuma fórmula simples de lidar com essa questão. Como foi dito pelo Sr Greyling, esta é a terceira etapa numa série de workshops que tem sido hospedados pelos colégios da fauna silvestre da África. Estou ansioso pelas discussões e agradeço a BCTF, USAID, SAWC e os funcionários, por tornar esse workshop possível.

Dr Reg Hoyt. BCTF membro doComitê Executivo, dando as boas-vindas aos participantes do seminário

APRESENTAÇÕES INDIVIDUAS DOS PARTICIPANTES

A Força-Tarefa da Crise da Carne de Caça (Bushmeat Crisis Task Force) e a Colaboração Internacional
Reg Hoyt, Zoológico de Filadélfia

A Bushmeat Crisis Task Force (BCTF) é um esforço colaborativo de organizações de conservação, jardins zoológicos, museus, grupos de proteção animal e especialistas de várias discplinas baseadas no American Zoo e Aquarium Association em Silver Spring, MD. Estamos muito alegres de ter a oportunidade de trabalhar com profissionais Sul-Africanos no desenvolvimento de uma estrutura para o programa de treinamento da carne de caça no Southern African Wildlife College. Os fundos para esse workshop foram obtidos através de uma doação feita pela United States Agency for International Development (Agência Americana para Desenvolvimento Internacional) e assistência da African Wildlife Foundation (Fundação Africana da Fauna Silvestre). Essa pesquisa oferecer-lhes-á uma visão geral do mercado da carne de caça na África, da BCTF e das nossas acções para implementar soluções para a crise da caça.

Fundo histórico da carne de caça (Bushmeat)

O termo 'bushmeat' deriva-se da tradução do termo francês para a carne de animais selvagens - *viande de brousse* – a qual tem sido uma fonte de proteína e renda – principalmente através do comércio - para as comunidades de subsistência por milhares de anos. Recentemente esse comércio desenvolveu-se numa exploração commercial, ilegal insustentável comprometendo as populações da fauna silvestre através de toda a África.

Hoje, o comércio da carne de caça tem-se escalado muito além do nível de subsitência e nos últimos anos torno-se numa indústria multi-bilionária. Algumas das forças motrizes atrás dessa crise envolvem o acesso incontrolável aos animais selvagens, a falta de alternativas, e a indústria ilegal e insustentável baseada na fauna silvestre. Esse comércio ocorre por todo o mundo e é particularmente severo, na África.

As necessidades humanas básicas – ambas nutricionais e eonômicas – controlam o mercado da carne de caça. Em media o ser humano requer 50g de proteína por dia, mais-ou-menos o equivalente de 1/4 de um quilo de carne por pessoa por dia. Para satisfazer essa necessidade

de proteína, apenas a África Central precisará de 2.5 milhões de toneladas métricas de carne para 30 milhões de consumidores. Essa demanda é obviamente insustentável – a demanda anual da carne é equivalente a 10 milhões de gado ou 500 milhões de cabritos cinzentos. Naturalmente, muitas espécies são levadas por toda a África Central, e gado não é uma alternativa viável nas florestas.

A carne de caça é um "band-aid" (pequeno curativo) para os problemas maiores de economia, pobreza e escacez de alimento. O comércio da carne de caça é uma solução econômica para um fracasso do mercado: o fracasso de produzir proteína suficiente para a demanda existente. Para resolver a crise da caça precisamos manter um esforço conjunto para dirigir-se não somente às necessidades de proteger as populações da fauna silvestre existentes, mas também alviar a potencial tragédia humana, resultando de factores econômicos dirigindo o sistema.

Riscos de Saúde do Comérco da carne de caça

Durante a caça e matança de qualquer animal há um alto potencial para contacto direto com sangue. Quando os caçadores preparam uma carcaça eles expõem-se ao risco de doenças que podem ser transmitidas entre seres humanos e outras espécies de primatas. Vários pesquisadores têm relatado, ultimamente, que um alto nível de doenças infecciosas recentes podem afetar as populações humanas através do comércio da carne de caça. Um risco particularmente constrangedor de doenças é o SIV e outras doenças lentivirosas semelhantes ao HIV em primatas. Na África Ocidental (West Africa) 26 espécies de primatas foram identificadas como portadoras de lentivirus diferentes. Em 2002, uma equipe de pesquisadores, incluindo a Dra. Beatrice Hahn (que identificou uma conexão entre o SIV e HIV em 1999), descobriu que um total de 20% da carne de primatas nos mercados do Camarão mostrou-se positvo quanto ao SIV. Num workshop recente em Washington, DC, a Dra. Bernadetta Abela-Ridder, do Projecto PRESICA sobre HIV/SIDA em Camarão relata que o povo está mostrando sinais de HIV/SIDA, mas os testes são negativos para o HIV1 e HIV2. Esses resultados podem indicar que uma recombinação genética dos víruses já pode ter ocorrido.

Outra ameaça com relação aos primatas e a carne de caça é a Ebola e outras doenças infecciosas recentes. Nos fins de 2001 um surto da Ebola começou em Gabão e na República do Congo. Por volta dos 22 de Março de 2002 um total de 92 casos foram identificados, em seres humanos, com 69 casos de morte. A mídia relata uma conexão da ocorrência ao consumo da carne de primata por uma família em Gabão. A doença parece afetar também os primatas não-humanos. Uma equipe de veterinários, incluindo o veterinário Dr. William Karesh, da sociedade de Conservação da Fauna Silvestre (Wildlife Conservation Society), relatou ter encontrado 30 carcaças de gorilas ocidentais e 8 chipanzés na área da ocorrência. A Ebola é provavelmente apenas um tipo de doença infecciosa que pode emergir dos trópicos africanos. Em 2000 o Nathan Wolfe e uma equipe da Universidade Johns Hopkins relatou que a diversidade de micróbios e vertebrados nas florestas tropicas das planíces colocam os caçadores em alto risco de EIDs

Força-Tarefa da Crise da Caça

A Bushmeat Crisis Task Force (Força-Tarefa da Crise da Caça) é uma coleção de organizações e peritos comprometidos a dirigir-se à essa crise, por causa das gerações futuras de africanos e animais selvagens. Seus membros incluem todas as maiores organizações de conservação nos EU com programas de campo na África. A BCTF foi estabelecida como

resultado de uma reunião de especialistas no centro de operações do American Zoo e Aquarium Association em Silver Spring, MD em Fevereiro de1999. Ela tem operado totalmente por quase dois anos e meio, e desde aquela época tem mostrado um progresso imenso em alcançar os objectivos estabelecidos de apoiar as instituições membros ao lidarem com a crise da carne de caça e levar o conhecimento dessa questão àqueles que possuem o poder de tomar decisões chaves, e ao público geral. A BCTF mantém uma ampla rede de profissionais chaves e oficias governamentais na África e nos EU lidando com a questão da carne de caça. A BCTF serve de ponto central de contacto para os tomadores de decisões, cientistas, mídia e o público geral, sobre as questões da caça.

A missão da BCTF é "formar uma clientela governamental e profissional concentrada em identificar e apoiar soluções efetivas para a crise da carne de caça, na África e outras partes do mundo". Com o apoio dos nossos membros e a direcção do Comitê Executivo os funcionários da BCTF foram capazes de alcançar bastante nos 2 anos e meio, desde que passou a operar. A rede da BCTF inclue mais de 300 peritos globalmente, representando o desenvolvimento, a conservação, a educação, a mídia, o governo, o sector privado e a comunidade doadora. Além do mais, publicamos o "Bushmeat Working Groups Around the World update" três vezes ao ano, o qual liga as organizações e os grupos em funcionamento, uns com os outros. Essa conexão ajuda-nos todos a mantermos informados com os últimos desenvolvimentos sobre a questão da carne de caça.

A BCTF e o Planejamento Colaborativo de Acção

Em Maio de 2001, a BCTF realizou o nosso encontro de Planejamento Colaborativo de Acção, em Washington, DC. Tivemos mais de 150 participantes do governo, da mídia, da Universidade, e NGOs, incluindo uma grande porcentagem dos participantes da África. Os membros do CITES Bushmeat Working Group e um representante do Secretariado do CITES encontraram-se por um dia, após dois dias de apresentações e workshops focalizados nas soluções e acções de mais alta prioridade, com relação à crise da caça. O Comitê Executivo da BCTF e os Membros de Apoio revizaram os resultados e numa reunião de um dia votaram nas acções priortárias. O resumo final da reunião foi apresentado no National Press Club por uma conservacionista famosa, a Sra Stefanie Powers, da Fundação William Holden Wildlife. O procedimento da reunião encontra-se disponível na website da BCTF.

Através desse processo colaborativo de coleta e avaliação de informação, a BCTF e sua rede traçou um plano de acção de oito pontos, para as soluções priortárias da carne de caça. As soluções a longo prazo incluem: o desenvolvimento da polítca e legislação apropriadas para lidar com o mercado clandestino, comercial, insustentável, da carne de caça, com a educação e o treinamento (incluindo o desenvolvimento de treinamento nos três colégios regionas da fauna silvestre da África, o desenvolvimento da educação sobre a carne de caça, com educadores de Zoológicos dos EU, e coordenação da educação pública, e conscientização na África); financiamento sustentável e supervisão e manutenção da áreas de proteção. Para soluções a curto prazo incluimos: o desenvolvimento de fonte de renda e proteína alternativas; a organização de associações dos caçadores e comerciantes, e o controle das rotas de acesso à caça; o fortalecimento do elos entre a indústria, o governo, e NGOs, para dirigir-se colaborativamente ao problema, usando a mídia para despertar o público quanto ao problema, na África e nos EU.

Com esse plano de acção desenvolvido, os membros institucionais da BCTF são capazes de: unir as forças para desenvolver prospostas colaborativas para apoiar esforços de trabalho de

campo; as instituições financiadoras são capazes de verificar os esforços de mais alta prioridade para o campo; e as lacunas nos programas de campo poderão ser identificadas. Além disso esse plano de acção capacita a BCTF a identificar aqueles programas que são de alta prioridade mas para os tais há uma necessidade de um esforço-projeto gerenciado centralmente. Exemplos incluem os esforços para uma educação sobre a caça e o desenvolvimento da polítca com o CITES Bushmeat Working Group. A sua forte base de membros oferece a oportunidade de alcance para ambos a educação pública e o desenvolvimento de apoio e para conexão com o trabalho de conservação de campo, na Áfrca. A BCTF oferece um modelo inagualável para coordenar actividades de conservação e desenvolver vastas redes necessárias para a eficiência e a efetividade ampliadas nos programas de conservação do campo.

Levantamento Colectivo de Fundos

Um dos papéis mais importantes da BCTF é mobilizar um levantamento coletivo de fundos, e o desenvolvimento de projecto para evitar duplicação de esforços, para aumentar a eficiência e maximizar a efetividade da ação. Nos últimos 12 meses, a BCTF arrecadou aproximadamente US$1 milhão de dólares para as actividades voltadas à crise da carne de caça, incluindo o apoio da Fundação MacArthur, USAID, o US Fish & Wildlife Service, o Instituto Jane Goodall e World Wildlife Fund-US. Além disso, vários dos nossos Membros de Apoio estão envolvidos numa ação e levantamento de fundos colaborativos para o problema da carne de caça.

Centro de Informação Global

Outro dos papéis centrais da BCTF é formar uma rede para o problema da carne de caça. Nessa capacidade, a BCTF lidera uma pesquisa e arquivo da mídia de milhares de referências sobre o problema e suas soluções da carne de caça. A BCTF também mantém o Projects Database que cataloga os trabalhos de campo para tratar da crise da carne de caça, as suas causas e soluções. O BCTF Information Packet (Pacote de Informação da BCTF) é distribuido a milhares de tomadores de decisão chaves, acadêmicos, ativistas e cidadões públicos, por todo o mundo em brochura e online. A nossa website, que recebe mais de 5000 visitantes por mês, oferece informação atualizada sobre os documentários da caça, das atividades da BCTF, alertas de crises e próximos eventos relativos à carne de caça. Finalmente, o Bushmeat Listserv providencia meios de comunicação, para a nossa rede, dos especialistas globais no assunto dessa crise.

Interpretação e Análase de Dados

Para alcançar os seus objectivos de colaboração e distribuição de informação, com o fim de identificar e apoiar as soluções para a crise da carne de caça, a BCTF está em processo de desenvolver um "bushmeat hotspots map" (mapa das zones perigosas da caça) o qual identificará, virtualmente, as áreas de perigo para a caça e mercado da carne de caça. Esse equipamento de levar a crise aos responsáveis pelas decisões chaves, financiadores e mídia, ajudará também os especialistas a identificarem as lacunas nas actividades relativos à crise. O Bushmeat Hotspots Map combinará todos os dados da BCTF, incluindo o nosso arquivo de pesquisa, dados de projectos e plano de acção, com dados geo-específicos das áreas de proteção, densidade da população humana e concessão de toragem.

Conscientização Pública

Desde Janeiro de 2000 a BCTF tem despertado a consciência pública, governamental e setor privado para a crise da carne de caça através de eventos de alto perfil e publicações da mídia. Em 2000 hospedamos o evento Capitol Hill, o qual destacou a Dra. Jane Goodall como oradora principal. E 2001 encerramos a nossa reunião de Planejamento Colaborativo de Acção (Collaborative Action Planning) com um discurso pela Stefanie Powers no National Press Club em Washington, DC. A atenção da mídia recebida dos Associated Press, Reuters, National Geographic, Newsweek, US News & World Report, Forbes e BBC, despertou a consciência pública para essa questão crítica e focalizou mais atenção nas soluções agora sendo implementadas.

Tomadores de Decisão Chaves e Desenvolvimento da Política

A BCTF trabalha com tomadores de decisão chaves.para identificar e implementar as políticas apropriadas relativas à carne de caça. Com vários Membros de Apoio, a BCTF traçou uma resolução, que foi aprovada e agora recebe atenção priortária do IUCN Central African Program Office. A BCTF tem providenciado também informações chaves aos escritórios governamentais dos EU, que levou à aprovação do Great Ape Conservation Act (o qual contribue com US$1 milhão anualmente para a conservação dos símios grandes). Outros Departamentos governamentais chaves dos EU com os quais a BCTF colabora incluem: o US Fish e Wildlife Service, o Department of State, US Agency for International Development, e o US Forest Service.

Capacitação e Educação

A BCTF está trabalhando com várias organizações com o fim de obter apoio para o desenvolvimento de capacidade e educação referentes às questões da carne de caça, na África e nos EU. Através de uma concessão fornecida pela Fundação MacArthur, a BCTF apoia o CITES Bushmeat Working Group, facilitando a comunicação e providenciando mecanismos para o controle do mercado ilegal, insustentável, da caça. Junto com os três colégios regionais da África, a BCTF coordena esforços para desenvolver o currículo de treinamento sobre a caça, em cada colégio. Nos EU, a BCTF trabalha com uma equipe de educadores de zoológicos voluntários para desenvolver o *Bushmeat Resource Guide* que providenciará gráficos, programas, treino e avaliações aos educadores voluntários e suas visitas, nesse assunto crítico. A BCTF trabalhará com eles também com o fm de unir os seus esforços ao trabalho em andamento, na África. Além disso, a BCTF trabalha com membros de sua rede no apoio da educação da comunidade sobre a carne de caça, na África. Maiores informações sobre os projetos em andamento, nesse assnto, podem ser encontradas na website da BCTF www.bushmeat.org.

A BCTF está atualmente desenvolvendo o The Bushmeat Promise, um instrumento para encorajar indvíduos por todo o mundo – quer sejam cidadões civis, oficiais do governo, ou CEOs de indústrias- a assumir responsabildade pessoal para com o mercado da carne de caça. Os indvíduos comprometer-se-iam a várias atividades e relatá-las-iam à BCTF, quando essas fossem cumpridas. Essas atividades podem ser: comprometer-se a NÃO se envolver em caça, comércio, ou consumo de caça clandestina, educando-se a si mesmos e os outros sobre essa crise, apoiando políticas e leis apropriadas, e doando tempo ou dinheiro para manter os projectos de campo sobre a carne de caça. Acreditamos que The Bushmeat Promise tornar-se-

á parte integral da BCTF nos anos vindouros e esperamos que ele possa ajudar indvíduos, por todo o mundo, a descobrir o que podem fazer para ajudar nessa crise.

Direcções Futuras

Em 2002, a BCTF focalizou as suas energias nas áreas do desenvolvimento da política internacional, educação na África e nos EUA e alcance através da mídia/público. Em 2003, a BCTF utilizará mais do seu tempo nos seguintes esforços: áreas de proteção, desenvolvimento de alternativas para proteína e renda e conexão ao sector privado. Gostaríamos de convidá-los a continuar a colaborar com a BCTF compartilhando informações ou atividades. O nosso esforço coletivo pode fazer uma diferença, na fauna silvestre e na crise humana, na África e por todo o globo.

A BCTF não teria sido capaz de cumprir as suas atividades se não fosse o apoio dos seus membros. Atualmente, ela tem 30 Membros de Apoio e 2 Membros Contribuintes. Somos agradecidos por cada um de seus compromissos e atividades relacionados à questão da carne de caça (***bushmeat***). Somos, também, agradecidos ao nosso Comitê Executivo que providencia perícia e contactos necessários para realizar o trabalho de conservação da fauna silvestre.

O Programa 'Um com a Natureza' do Jardim Zoológico de Filadélfia E a Iniciativa da Carne de Caça em Libéria África Ocdental
Reg Hoyt, Philadelphia Zoo

O Jardim Zoológico de Filadélfia, como todas as instituições American Zoo and Aquarium Association (AZA), tem uma missão de quatro partes: recreação, educação, ciência e conservação. Enquanto as coleções de animais do Zoológico têm sido o elemento principal do seu trabalho de conservação, desde a fundação dos programas da AZA, como o Species Survival Plan (Plano de Sobrevivência das espécies), a conservação *in situ* não era uma grande priordade até a fundação do programa de conservação do jardim Zoológco *One With Nature* em 1992.

Durante os seus 10 primeiros anos, o programa *One With Nature* (Um com a Natreza) apoiou actividades de conservação em mais de 25 países no mundo. Hoje, o jardim Zoológico está envolvido em mais de 30 projetos em 19 países globalmente. Uma das maiores e mais antigas iniciativas do Jardim é o seu programa "Adopt Sapo" em Liberia, Africa Ocidental.

Alguém pode perguntar, "Porque a Liberia?" A Liberia é reconhecida como uma prioridade global porque ela retém alguns dos maiores blocos intactos das florestas tropicas nas planícies da parte superior da Guiné, em toda a Africa Ocidental. Essas florestas são essenciais para a sobrevivência de várias epécies de interesse concervacionista, incluindo o elefante de florestas, o hipopótamo pigmeu, o macaco Diana, o chimpanzé, e uma porção de outras epécies de primatas, como também uma variedade de epécies de cabrito do mato, incluindo o Jentink e o zebra. Embora ela mantém uma área florestal de quase 40% a Liberia só tem uma reserva florestal completa o Parque Nacional Sapo (Sapo National Park).

Em 1992, o Zoológico iniciou o seu programa "Adopt Sapo" (adote Sapo) num empenho de apoiar o Parque Nacional Sapo e os seus programas de conservação. Contudo, naquela altura a guerra civil já avançava pela Liberia, por mais de 2 anos. Enquanto os funcionários do Parque fgiram, como também grande parte da população na área, o Zoológico reconheceu a necessidade de manter a capacidade da Liberia de evolver-se em atividades concervacionistas assim que o conflicto chegava ao fim. Com isso em mente, o Zoológico providenciou apoio financeiro e de desenvolvimento de capacidade dos profissionais concervacionistas treinados, ambos junto às Autoridades de Desenvolvimento Florestal do Governo [ADF] (Government's Forestry Development Authority (FDA)) e à Sociedade de Conservação da Natureza da Liberia (Society for the Conservation of Nature of Liberia (SCNL)), a única organização não-governamental da Liberia (ONG) naquela época e até o final da guerra, em 1996.

Em 1997, meses após a trégua, o Zoológico financiou e participou na avaliação conservacionista do Parque Nacional Sapo e suas organizações parceiras, dentro da Liberia. Diferentemente de muitas partes da África, onde a fauna silvestre tem sido dizimada pela guerra, a vida selvagem da Liberia parece até ter beneficado desse conflicto porque disso resultou uma redução do comércio da carne de caça, devido a fuga da população e as batalhas que aconteceram em áreas adjacentes ao Parque. Enquanto a fauna silvestre da parte mais ao sul da Liberia parece ter florecido durante a guerra civil, a população sofria grandemente. Durante todo o ano de 1998, o Zoológico escolheu focalizar-se nas atividades de capacitação, para ambos os nosso parceiros na ADF e SCNL, mas conduziu também uma campanha para auxilo à população civil, ao redor do Parque Nacional Sapo. Antes da guerra, quase 30 vilas fez parte integral do sucesso do Parque e desejamos reconhecer o seu papel na conservação local e recompensá-los por sua participação nos esforços de conservação.

Por volta de 1999, as actividades conservacionistas na Liberia começaram a normalizar-se, e o Zoológico foi convidado a participar duma vistoria da bacia do Rio Cestos (Cestos River). Financiado pelo United Kingdom's Wild Invest, a vistoria deveria focalizar na distribuição e condição do hipopótamo pigmeu. Contudo, o meu trabalho foi montar armadilhas fotográficas e vistoriar também, os pequenos mamíferos. Durante o nosso trabalho à beira do Rio Cestos, deparamo-nos com uma situação semelhante ao sindroma "empty forest" do Kent Redford. Enquanto a vistoria estava sendo feita notamos que, aquilo que parecia ser um habitat de alta qualidade, mostrava pouco sinal de antílopes. Os primatas eram presentes, mas poucos. De uma maneira estranha ambos, o hipopótomo pigmeu e o búfalo do mato, pareciam ter uma população saudável. Somente quando entrevistamos os caçadores locais é que pudemos entender a situação.

Os caçadores locais reclamaram dizendo que os empregados de um acampamento de toragem estavam caçando, na área, para fins comerciais. Todas as noites ouvíamos o ruído de tiros e os caçadores disseram que os intrusos estavam armando até 300 laços por noite. Mais armadilhas do que eram capazes de inspecionar reglarmente, muitos animais foram deixados nos laços, a apodrecer. Isso explica a falta de indício dos antílopes, mas não a nossa observação quanto aos primatas, o hipopótomo pigmeu e o búfalo do mato. Contudo, os caçadores explicaram que esses eram ambas caças perigosas, e poucos eram qualificados a caçá-los. Além disso, com a abundância relativa de antílopes mais fácil de atirar do que os primatas, e com o alto custo de armamento (até US$2/por tiro), a caça dos primatas não era viável economicamente. Enquanto uma boa porção da carne era usada para alimentar as famílias dos madeireiros, era obvio que a maior parte da carne estava sendo seca e transportada para a cidade capital, Monrovia.

Para melhor entender a distribuição e situação das espécies de grande mamíferos de preocupação conservacionista, um levantamento de caçadores foi realizado em 2000. Essa pesquisa ressaltou o valor do conhecimento indígena e serviu como um ponto de partida para as iniciativas seguintes, do Jardim Zoológico de Filadélfia, quanto à carne de caça.

O levantamento de 2000 demonstrou a importância da caça para as comunidades rurais próximas ao Parque Nacional Sapo. Absorvidos na economia monetária, os aldeões têm de adquirir dinheiro para pagar pelos seus bens e serviços. Com pouca fonte de emprego, muitos aldeões dependem da caça para obter dinheiro e proteína. No entanto, nenhum estudo foi feito quanto ao impacto do comércio da caça nas populações selvagens da Liberia.

Em 2000, com um esforço de melhorar as comunicações com as aldeias locais, o Parque Nacional Sapo, a ADF e a SCNL, e o Community Relations Officer (CRO) (Centro de Relações Comntárias) inciaram um programa no muncípio de Sinoe. O papel do CRO era estabelecer contactos entre as ONGs, as agências do governo e as comunidades para melhorar a distribuição de informação e as comunicações. O CRO oferece educação ambiental formal e informal nas comunidades adjacentes ao Parque e apoio às aldeias, assim que possível. Ainda mais, o CRO coleta dados de caça de três aldeias.

Com quase dois anos de dados analizados, ficou claro que os antílopes representa a grande maioria da captura (73%), enquanto que os primatas representam menos de 2% do produto total. Notamos também que os aldeões tinham a tendência de serem caçadores avulsos e usavam relativamente poucos laços (25-35 aproximadamente). Isso contrasta grandemente

com o que foi visto no Rio Cestos, onde os madeireiros armavam tantos quantos 300 por noite.

Para melhor compreender o mercado da carne de caça a nível nacional, o Zoológico iniciou um estudo de duas etapas em 2002. O primeiro destes componentes deveria ser Um Levantamento da Carne de Caça & A Opnião Pública Urbana (Urban Public Opinion & Bushmeat Survey), financiado por uma concessão, Conservation Endowment Fund, da AZA. Realizado em oito comunidades da Liberia em Janeiro de 2002, este utilizou 20 estudantes universitários liberianos para conduzir quase 2.400 levantamentos. No processo da análise, os resultados sendo produzidos eram interessantes. Certamente a falta de alternativas para a proteína e/o emprego produz um impacto tremendo no mercado da carne de caça, e as rotas desse mercado na Liberia, juntamente com uma rede de estradas dos madeireiros e as rotas tradicionais, apontam geralmente para Monrovia. Além disso, parece haver uma quantidade substancial de carne sendo comerciada através da fronteira nacional. Esse levantamento usou um pôster informal intitulado "Liberia's Protected Wildlife" como um mecanismo de chamar a atenção pública, seguido de uma campanha formal da concientização pública. Em Dezembro de 2002, uma pesquisa de acompanhamento será conduzida em Monrovia para avaliar o impacto dessa campanha e determinar qual a melhor maneira de promover a concientização pública na Liberia.

Em 2003, o Levantamento da Carne de Caça & A Opinião Pública Rural (Rural Public Opinion and Bushmeat Survey) será conduzido em 5 regiões da Liberia, e a Campanha de Concientização Pública Nacional será inicada com financiamento do Critical Ecosystem Partnership Fund of Conservation International. Os dados das pesquisas rurais serão comparados e contrastados com os dados do Levantamento da Carne de Caça & A Opinião Pública Urbana para entender melhor o mercado da caça na Liberia. Além disso, esperamos que o "Liberia Bushmeat Working Group" seja organizado para lidar com essa crise. Este poderia servir de parceria entre as organizações governamentas e privadas dentro da Liberia, procurando assim desenvolver uma estratégia comum para dirigir-se a essa ameaça à biodversidade da Liberia.

Há solução para a crise da caça na Liberia? Enquanto a resposta à essa pergunta ainda está para ser descosberta, é claro que uma solução virá somente do empoderamento e confiança. Os indivíduos, as comunidades e as agências precisam ser autorizados a dirigirem-se à crise de maneiras apropriadas. Além disso, eles precisam trabalhar juntos, em confiança mútua, cientes de que o seu objectivo final é uma solução que melhor atende os interesses da Liberia e a sua biodiversidade.

Gostaria de agradecer os nossos amigos e companheiros da Sociedade para a Conservaçãoda Natureza da Liberia, a Autoridade de Desenvolvmento Florestal, a Universidade da Liberia e o Colégio Universitário Cuttington por facilitar esse trabalho. Gostaria também de agradecer o povo de Liberia que tem participado em nossos estudos. Eles são verdadeiramente o futuro da Liberia.

A Força-tarefa da Crise da Caça e as Actividades Educacionais
Natalie Bailey, BCTF, EUA

Desde o tempo em que a Tarefa-força da Crise da Carne de Caça (BCTF) começou a operar em Janeiro de 2000, ela tem recebido muitos pedidos de informações relativos à caça, de

colegas no mundo todo, e levado essa questão ao conhecimento do público nos EU e na África. Além disso, temos recebido inúmeros pedidos de assitência quanto ao desenvolvimento da capacidade de produção na África. Com a orientação de especialistas e educadores sobre a caça, na reunião da BCTF Colaborative Action Planning (Plano de Acção da BCTF), em Maio de 2001, elaboramos uma série de acções prioritárias para lidar com a crise da carne de caça na África, incluindo essas iniciativas educacionais como uma das nossas prioridades mais urgentes a longo prazo.

Desenvolvimento de Capacidade na África

A BCTF está trabalhando com os colégios regionais da fauna Silvestre da África (L'École pour la Formation des Spécialistes de la Faune de Garoua [EFG], em Camerão; College of African Wildlife Management [CAWM], em Mweka, Tanzânia; e Southern African Wildlife College [SAWC], na África do Sul) para elaborar um currículo sobre a carne de caça em cada colégio. Por mais de 30 anos, o CAWM e o EFG e mais recentemente o SAWC têm educado coletivamente 3000 gerêntes africanos da fauna silvestre. Os colégios focalizam-se no treinamento formal de profissionais de meia-carreira, e muitos destes estudantes anteriores tornaram-se em líderes das autoridades de áreas de proteção e serviços à fauna silvestre, de organizações não-governamentais (ONGs), de organizações comunitárias, do sector turístico, em operadores de safari de caça, bem como pesquisadores, acadêmicos e treinadores por toda a África.

Ao providenciar oportunidades para treinamento formal relativo à caça, a BCTF espera desenvolver a capacidade dos gerêntes das áreas de proteção e da fauna silvestre africana, dos oficiais de execussão da lei, das comunidades e dos educadores locais, a reagirem-se às necessidades específicas das regiões, relativas ao mercado da carne de caça. Durante o ano de 2002, a BCTF trabalhou com os colégios para realizar workshops com peritos e educadores regionais da caça para reverem a situação do mercado da caça em cada região e desenvolver um modelo para o desenvolviemnto do currículo da caça. O apoio para esses workshops foi providenciado pela U.S. Agency for International Development e facilitado pela African Wildlife Foundation (AWF), e para o workshop da EFG o apoio veio do programa World Wildlife Fund-US's R.E. Train Education for Nature. Mais de 100 africanos envolvidos nas quastões da caça contribuiram com o seu conhecimento nesse processo e somos profundamente gratos pela sua participação.

Conscientizaçáo Pública na África

A BCTF trabalha com os membros de sua rede para apoiar a educação sobre a carne de caça baseada na comunidade, na África. A BCTF apoia o CITES Bushmeat Working Group (BWG) com uma concessão da fundação John D. and Catherine T. MacArthur para despertar a concientização do povo sobre a crise da caça e descobrir o que as comunidades podem fazer para implementar as soluções à ela. O CITES BWG está, atualmente, revendo os termos de referência para um consultor da concientização pública que assistirá na organização de campanhas para despertar a concientização pública. A Pan African Sanctuary Alliance (PASA) [Aliança dos Santuários Pan-Africanos], um grupo coordenador de 17 santuários de primatas africanos que cuida dos órfãos do mercado da caça, está trabalhando com a BCTF para desenvolver e apoiar materiais didáticos relativos à caça. Além disso, a BCTF coopera com a Pan African Association of Zoological Parks, Aquariums and Botanical Gardens (PAAZAB) em seus esforços de alcance e educação públicos. O Comitê de Educação em Conservação (CEC) da American Zoo and Aquarium Association (AZA) tem mostrado o seu

interesse em unir os seus esforços educacionais nos EU àqueles na África. Maiores informações sobre os esforços educacionais do nosso associado na África podem ser encontradas na website da BCTF: www.bushmeat.org .

Conscientização Pública nos EUA

Em resposta ao tremendo interesse da comunidade de zoológicos dos EU. na crise da carne de caça africana, a BCTF aproximou-se ao CEC para requerer uma colaboração no desenvolvimento de materiais didáticos da caça para os membros da BCTF e AZA. Aproximadamente 30 educadores de quase 25 instituições membras da AZA trabalharam juntos na elaboração do Bushmeat Resource Guide (Manual de Recursos à Carne de Caça). As equipes fizeram pesquisas de interesses e necessidades das instituições da AZA relativas ao treinamento interno, ao alcance do público e às actividades sobre a crise da caça. Esses materiais incluem amostras de painel de publicidade (gráficos e texto), programas, actividades, materiais de treino e mecanismos de avaliação que ajudarão os zoológicos e os membros da BCTF a customizá-los para as suas respectivas visitas e audiência. Além disso, a BCTF tem trabalhado para lançar as bases para as ligações futuras entre os seus membros e a conservação de campo na África.

Os pontos principais do Bushmeat Resource Guide (Manual de Recusrsos da Caça) são:

- **A caça é a ameaça mais significante e imediata às populações da fauna silvestre na África**
- Muitos animais são afetados (elefantes, macacos, outros primatas, antílopes grandes e pequenos, roedores, etc.)
- Este é um problema pan-Africano (Oeste, Centro, Leste e Sul)
- Este é um problema global (Américas do Norte e Sul, África e Sudeste da Ásia)
- A caça é um 'band-aid' para os maiores problemas de pobreza, alimento e desenvolvimento econômico
- As indústrias extrativas podem escolher a ajudar a resolver os problemas da crise da caça
- A BCTF, os seus membros e colegas estão lutando para identificar e implementar soluções à crise da caça
- Você pode ajudar (aprendendo mais, apoiando projectos tais como os santuários, informando a indústria privada e o governo que você apreciaria o seu apoio às áreas de proteção na África)

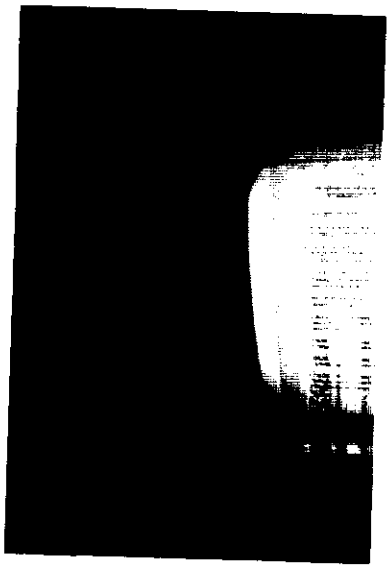
O Bushmeat Resource Guide ficará pronto nos meses seguintes e estará disponível no começo de 2003

The Bushmeat Promise (O Compromisso da Caça)

Atualmente a BCTF encontra-se no processo de desenvolvimento do Bushmeat Promise, uma ferramenta para encorajar os indivíduos por todo o mundo – quer sejam cidadões civis, oficiais governamentais ou CEs de companhias – a assumir responsabilidade pessoal para com o comércio da caça. Os indivíduos comprometer-se-iam a uma variedade de actividades e relatá-las-iam à BCTF quando essas fossem realizadas. Essas acções podem incluir: compromisso ao consumo sustentável (quer seja nos EU ou na África), educando-se a si mesmos e outros quanto à crise da caça, apoiando políticas e leis apropriadas e doando tempo ou dinheiro para apoiar os projectos de campo sobre a caça.

Acreditamos que The Bushmeat Promise tornar-se-á parte integral da BCTF nos anos seguintes, e esperamos que ele possa assitir os nossos Supporting Members a identificar o que o público pode fazer para dirigir-se à essa crise.

A BCTF não teria sido capaz de realizar as suas actividades, se não fosse o apoio de seus membros. Atualmente ela tem 30 membros de apoio e 2 contribuintes. 24 dos nossos membros são instituições da AZA. Somos gratos pelo compromisso e actividades de cada um com relação à questão da crise da caça. Além disso, somos muito agradecidos ao nosso Comitê Executivo, que providenciou perícia e conexões necessárias para realizar o trabalho de concervação da fauna silvestre. Finalmente, gostaríamos de agradecer o Southern African Wildlife College, os diretores do SAWC, Mweka e Garoua e todos os que atenderam os workshop pela sua contribuição valiosa.



Dr Will Banham, apresentando o resumo do workshop de Mweka

RESUMO DO WORKSHOP DE DESENVOLVIMENTO DO TREINAMENTO DA CAÇA, EM MWEKA

Dr Will Banham, College of African Wildlife Management

INTRODUÇÃO

O comércio da caça clandestina é hoje, uma das questões da conservação mais significantes no continente africano. Uma importante solução a longo prazo para a crise da caça na África é o desenvolvimento de programas de treinamento integrado para os profissionais africanos, na conservação aplicada, que dirigir-se-ão às questões oriundas do comércio ilegal da caça.

A elaboração de um currículo formal da caça através dum processo participatório e colaborativo munirá os profissionais da fauna silvestre com conhecimento e habilidades para tratarem dessas questões directamente no campo e garantirá que este torne-se um ítem prioritário no desenvolvimento de programas do manejo da fauna silvestre. A elaboração desse currículo pode representar um papel importante na identificação das soluções de longo prazo para essa crise.

Para esse fim, a Bushmeat Crisis Task Force completou as fazes iniciais do planejamento para uma tarefa colaborativa no desenvolvimento do currículo da caça nos três colégios regionais da fauna silvestre na África. Uma reunião que constou com mais de 150 peritos no assunto e profissionais interessados, de mais de 20 países, foi realizada nos dias 17-21 de Maio de 2001, em Washington, DC. A BCTF providenciou apoio dos colégios Mweka, Garoua e SAWC, para a participação nessa reunião. Uma reunião especial foi organizada em colaboração com o Africa Biodiversity Collaborative Group aos 16 de Maio de 2001, onde os 3 colégios representantes fizeram apresentações sobre os seus programas gerais de educação. O resultado dessa reunião requereu um meio de envolver gradativamente os tomadores de decisões chaves (KDMs) nos problemas da caça e no desenvolvimento do currículo para os colégios regionais. Sem o estabelecimento da educação formal e as oportunidades de treinamento para profissionais de manejo da fauna silvestre, é quase impossível que os esforços positivos de qualquer das propostas soluções à curto prazo relativos à caça, sejam sustentavelmente implementadas.

Esse relatório cobre um dos workshops regionais para o desenvolvimento do currículo, realizado no College of African Wildlife Management, Mweka, Tanzânia em Maio de 2002.

ii) WORKSHOP DE MWEKA

Esse workshop foi atendido por 39 participantes, consitindo de representantes de 6 países africanos do leste (Burundi, Ruanda, Quênia, Tanzânia, Uganda e Zâmbia), como também do Camarão, da África do Sul e dos EUA. Representantes de Malawi foram convidados mas, infelizmente foram incapazes de comparecer.

Os participantes foram selecionados de acordo com o seu interesse e especialidade nos assuntos relacionados ao treino e a utilização da carne de caça na região leste da África. Por isso, os participantes representaram uma combinação de autoridades nacionais e regionais da

fauna silvestre, ONGs e instituição de treinamento, e também indivíduos com relevante experiência de campo e conhecimento.

O objectivo geral do workshop era desenvolver uma estrutura para o treinamento na utilização sustentável da caça na região leste da África. O seminário combinou três métodos para alcaçar os seus objectivos gerais. Estes são os seguintes:

- Apresentações individuais
- Discussão em grupo, usando o Nominal Group Process (Processo de Grupo Nominal)
- Discussões plenárias atingindo concenso.

Após as apresentações individuais, os participantes do seminário dividiram-se em três equipes. Os participantes foram pré-distribuidos para essas Equipes de Trabalho baseadas em sua origem geográfica, tipo de organização e áreas individuais de especialização.

As equipes receberam uma série de objectivos a alcançarem antes das Sessões Plenárias concordarem em receber os seus resultados e tentarem alcançar consenso geral. Esses objectivos foram:

OBJECTIVO 1: As equipes de Trabalho sugerem os problemas chaves relativos à caça, às necessidades associadas a esses problemas e os aprendizes alvos.

OBJECTIVO 2: As equipes de Trabalho definem as necessidades associadas ao treinamento em termos de competências específicas e os valores centrais (KSAs).

OBJECTIVO 3: As equipes de Trabalho propõem uma lista de cursos para cobrir as competências específicas e os valores centrais.

OBJECTIVO 4: As equipes de Trabalho propõem os métodos de aprendizagem/ensino, exercícios específicos ou estudo de determinados casos, e um horário para os cursos.

Devido à falta de tempo, o Objectivo 4 só foi discutido por uma das Equipes de Trabalho.

iii) APRENDIZES ALVOS

O resultado do workshop consiste de uma relação de matérias para os 3 cursos breves destinados aos três grupos diferentes de aprendizes. Esses grupos eram:

A: Gerentes de Rescursos

Esse grupo de aprendizes consiste de gerentes de recursos dos setores da fauna silvestre, da área florestal e da pesca, dos guardas florestais, guarda-caças municipais/regionais e gerentes do setor privado, ou baseado na comunidade, ou ONGs, das reservas florestais ou áreas protegidas.

B: Oficiais de Execução das Leis

Esse grupo alvo consiste de fiscais aduaneiros, policiais, oficiais anti-caça clandestina, oficiais de autorização (licenciadores), oficiais veterinários do governo, oficiais de execução

das leis relativas aos animais selvagens/silvicultura/pesca e guarnição military (onde este tem o poder de executar leis civis).

C: Representantes da Comunidade, do Sector Privado e das ONG

Esse grupo alvo consiste de líderes comunitários nomeados, eleitos ou tradicionais, presidentes de comitês de recursos naturais locais, líderes das ONGs e do sector privado.

iv) ESBOÇO DO CURSO

Os detalhes das necessidades de treinamento, das competências, dos valores centrais e das matérias para cada grupo estão incluídas na parte principal do relatório, contudo, a seguir encontra-se um esboço das matérias para cada curso:

A: Representantes da Comunidade, do Sector Privado e das ONG

1. ***Introdução à Caça (Bushmeat)***
   - *1.1 Definições*
   - *1.2 Aspéctos Legais e ilegais*
   - *1.3 Impactos Ambientais*
   - *1.4 Factores sócio-econômicos Comunitários*
   - *1.5 Factores econômicos do sector privado*
   - *1.6 Espécies usadas para a carne de caça (estudos de certos casos sobre o que é usado regionalmente no passado e no presente)*

2. ***Introdução aos princípios de conservação***
   - *2.1 Valores Comunitários*
   - *2.2 Valores Nacionais*
   - *2.3 Valores Internacionais*
   - *2.4 Princípios da biologia de conservação (quarto males, colheita demasiada, perca de habitat, SLOSS, efeitos da endogamia genética, decadência da população)*

3. ***Introdução à legislação relevante e às implicações para as comunidades locais***
   - *3.1 Tratados Internacionais e regionais relativos à fauna silvestre na África Leste*
   - *3.2 Leis nacionais relacionadas à fauna silvestre e seu uso*
   - *3.3 Leis secundárias locais relacionadas à fauna silvestre*
   - *3.4 Leis tradicionais/costumárias relacionadas à fauna silvestre (relatórios dos estudantes)*

4. ***Introdução à Economia Ambiental***
   - *4.1 Características, curvas de demanda/oferta da exploração de recursos de acesso livre*
   - *4.2 História*
   - *4.3 Aplicação de princípios da EA*
   - *4.4 Identificação de ferramentas/mecanismos*
   - *4.5 Identificação de ferramentas/mecanismos usados e disponíveis EA (análise dos benefícios de custo, EIA)*
   - *4.6 Informação básica em como eles são usados*

5. *Introdução aos métodos usads para comunicação eficaz*

5.1 Escrito
5.1.1 Composição de relatórios – Mweka, livros de texto
5.1.2 Composição de cartas – Mweka, livros de texto
5.1.3 Composição de propostas – Mweka, livros de texto
5.1.4 Desenho de Brochura/panfletos – ONGs, sector privador
5.2 Oral
5.2.1 Modos de Apresentação
5.2.1.1 Discurso Público – Anunciadores (brindadores)
5.2.1.2 Gestos – Livros de texto
5.2.2 Uso de métodos de contar histórias tradicionais
5.2.2.1 Teatro – músicos, artistas, grupo de drama
5.2.2.2 Músicas –músicos, artistas
5.2.3 Modos de Negociação – Dept.UN,, UNHCR, livros de texto
5.3 Habilidades básicas de rede de comunicação – escola de comércio, livros de texto

6. *Introdução às questões relacionadas aos sexos*

6.1 Fundo histórico
6.1.1 Definindo gênero
6.1.2 Panorama histórico (trabalho em sala de aula – experiências pessoais de suas comunidades)
6.1.3 Definindo questões relacionadas aos gêneros (decidindo sobre recurso ambiental/natural)
6.2 Questões ...
6.2.1 Identifcar problemas/disparidades relacionadas aos gêneros nas comunidades
6.2.2 Como mitigar essas questões na comunidade

7. *Introdução às políticas e medidas de execução da lei a níveis nacional e local.*

7.1 Conhecimento de todas a leis/actos/leis secundárias relevantes à founa silvestre e ao comércio da mesma
7.2 Conhecimento das multas do comércio clandestino
7.3 Conhecimento das opções legais positivas
7.4 Obrigações do governo em retornar investimento às comunidades
7.5 Conhecimento das instituições relevantes que trabalham nesse campo e suas obrigações/objectivos/responsabilidades

8. *Princípios da Caça*

8.1 Técnicas de caça/colheita
8.1.1 Identificação de técnicas insustentáveis ou moralmente/eticamente inaceitáveis (estudo de casos das comunidades locais)
8.2 Doenças zoonóticas relacionadas à carne de caça
8.2.1 Impacto das doenças nos animais domésticos/seres humanos
8.3 Métodos higiênicos para manusear/abater/consumir/transportar/preservar a carne de caça
8.4 Técnicas usadas para a identificação dos tipos de carne

9. *Uso sustentável da fauna silvestre*

9.1 Visão holística da concervação e uso
9.2 Técnicas de caça/colheita
9.3 Constatação de cota
9.4 Pesquisa, habilidades/técnicas de monitoria (censo, contagem da população, avaliação da biodiversidade, interdependência das espécies, princicipios de biodiveridade)
9.5 Habilidade de arquivar

10. Introdução à auto-regulação nas comunidades
10.1 Como lidar com indivíduos que praticam atividades clandestinas (estudo de caso das comunidades tradicionais)
10.2 Procedimentso de Constatação de cota

11. Introdução ao modo/habilidade de avaliaçã das necessidades
11.1 Modos de efetuar a avaliação das necessidades
11.1.1 PRA (APR)
11.1.2 RRA (ARR)
11.1.3 Outros mecanismos usados

12. Introdução à gerência de programa/projecto
12.1 Princípios de administração de projecto
12.1.1 Análise do quadro lógico
12.1.2 SWOT (AFFOA)
12.2 Princípios de administração de recursos humanos
12.3 Princípios de orçamento/contabilidade/guarda-livros

13. Introdução aos princípios comerciais
13.1 Apropriar mecanismos que podem ser usados pelas comunidades locais
13.2 Princípios de desenvolvimento de plano commercial
13.2.1 Razões (exercício para desenvolver um plano commercial usando os princípios EA)

14. Introdução ao plano commercial opcional participatório
14.1 Princípios de PBOP (tarefa – desenvolver um plano para suas comunidades)

15. Alternativas para a carne de caça
15.1 Economica
15.1.1 Identificação de outras alternativas de atividades econômicas adequadas para o povo local na região
15.2 Carne
15.2.1 Requerimentos nutricionais básicos para os seres humanos
15.2.2 Razões para outras fonts de proteína (preconceito cultural)
15.2.3 Identificação de alternativas regionais adequadas (estudos de caso opcional)

16. Trainamento de instrutores

B: Gerentes de Recursos

1. Indústria da caça

1.1 Introdução ao conceito 'bushmeat' (carne de caça)
1.1.1 Definição
1.1.2 História
1.1.3 Funções e impactos
1.2 Pessoas interessadas na caça

2. Produtos da caça
2.1 Introdução
2.2 Questões de saúde pública
2.3 Preservação de carne
2.4 Identificação de carnes

3. Gerência da fauna silvestre
3.1 Introdução ao manejo da fauna silvestre
3.2 Controle e pesquisa da fauna silvestre
3.2.1 Coleta e análise de dados
3.3 Economia ambiental
3.3.1 Introdução
3.3.2 Habilidade analítica
3.3.2.1 Análise ambiental
3.3.2.2 Análise de custo-benefícios

4. Princípios de utilização sustentável
4.1 Introdução
4.2 Utilização da fauna silvestre (pessoas interessadas)
4.3 Alternativas para a carne de caça
4.4 Desenvolvimento de habilidades na Comunidade
4.5 Fixação de cotas

5. Políticas e leis
5.1 Introdução
5.2 Políticas e leis internacionais e locais
5.3 Execução da lei
5.3.1 Anti-caça clandestina
5.3.1.1 Nacional
5.3.1.2 Internacional
5.3.1.3 Transfonteiriça

6. Capacidade de recursos humanos
6.1 Introdução
6.2 Resolução de conflictos
6.3 Relações públicas
6.4 Capacidade de negociação
6.5 Dinâmica de grupo
6.6 Habilidade em comunicação
6.7 Treinamento de treinadores

C: Oficiais de execução da lei

1. Introdução aos problemas da caça

1.1 Definição/conceitos (o que é carne de caça [bushmeat])
1.2 Aspéctos históricos dos valores da concervação da carne de caça (direto e indireto)
1.3 O impacto da carne de caça na concervação (concervação da fauna silvestre, dos recursos naturais, cultural e econômica)
1.4 A função das pessoas interessadas chaves (ONG's, comunidades locais, sector público e privado)

2. Execução da lei

2.1 Introdução às leis, políticas, regulamentos, diretrizes e tratados relevantes à caça
2.2 Procedimento para execução da lei (detenção, investigação/inteligência, processar, manejo de evidências, preparação de carta de reclamação)
2.3 Modos de planejamento e orçamento (preparação de planos de trabalho, de orçamento e relatórios)
2.4 Análise da execução da lei da parte interessada (estrutura institucional, nacional e internacional)
2.5 Identificação de carne (identicação de espécie, métodos de identicação, vantagens e desvantagens de cada método de identicação e procedimento de outsourcing)

3. Pesquisa e monitoria

3.1 Método de coleta de informação (conhecimento indígena, questões de saúde e veterinárias)
3.2 Importância do conhecimento indígena para pesquisa e monitoria
3.3 Fontes diferentes de informação
3.4 Introdução à metodologia de pesquisa e monitoria (APR etc.)
3.5 Aplicação dos resultados das pesquisas

4. Educação e conscientização

4.1 Treinamento (identificação de: necessidades de treinamento, aprendizes, metodologia de treinamento básico, avaliação e técnicas de relatar)
4.2 Habilidade de comunicação (grupos alvos, mídia, interpessoal, função, meios de comunicação/produção/outsourcing)
4.3 Habilidade de extenção
4.4 Fonte de renda/proteína alternativas (identificação de alternativas, aplicabilidade, incentivos, rede de relacionamento, estudos de casos)
4.5 Produção sustentável da carne de caça (critéria para sustentabilidade, constatação e aderência de cotas, métodos de produção, vantagens e desvantagens)
4.6 Outras formas de utilização (doméstica e comercial, outros produtos de uso e da fauna silvestre)
4.7 Métodos de processamento

5. Social, cultural e econômicos

5.1 Benefícios econômicos (valores múltiplos da vida animal ex. eco-turismo, valores culturais, valores medicinais)
5.2 Custos da interação humana à fauna silvestre (transmissão de doenças, pilhagem da colheita, ferimento humano, conflicto sobre o uso da terra)
5.3 Factores influenciando o uso da caça (motivações)
5.4 Tendências quanto ao consumo da caça

6. Utilisação

Após o workshop, as tarefas mencionadas a seguir ficaram para ser discutidas, com o fim de alcançar o objectivo geral da presentação de cursos em apoiar a utilização sustentável da caça na região leste da África.

- Consolidação da estrutura em 3 esboços detalhados do curso, seguindo o formato estabelecido em Mweka.
- O desenvolvimento de materiais de treinamento (manuais de treinamento) para cada um dos 3 cursos.
- A integração do currículo da caça e os materiais de treinamento no currículo dos longos cursos já existentes em Mweka (em oposição aos sugeridos cursos a curto prazo).
- Marketing e entrega dos 3 cursos breves, seguido de avaliação de treinamento com revisão do currículo ou materiais de treinamento, se necessário.
- Apoio contínuo através da rede estabelecida de especialistas de treinamento sobre a caça.

College of African Wildlife Management (Colégio do Manejo da Fauna Silvestre Africana)
Deo-Grassias Gamassa, Diretor do CAWM, Tanzânia

A Visão do Colégio

Essa visão do College of African Wildlife Management é ser um centro de exelência em providenciar treinamento técnico e profissional. pesquisa e consulta para encarar os desafios dos países africanos administrando a fauna silvestre e conservando a biodiversidade para derivar o máximo dos benefícios sustentáveis da conservação.

A História e Geografia do Colégio

- Fundado em 1963
- Início com 25 alunos de 5 países
- Localizado nas escarpas da Mt Kilimanjaro
- Facilmente ascessível por terra ou vôo
- Próximo a reservas florestais famosas mundialmente (Serengeti. Kilimanjaro. Ngorongoro. Lake Manyara. Arusha Tarangire. Mkomazi)

Realizações do Colégio

- Sasakawa Global Award for Conservation 1986
- Reconhecimento dos EAC e SADC
- Treinamento de mais de 2,500 gerentes da fauna silvestre de 26 países africanos e 16 de outros países.
- Fornecimento de serviços de consultoria à Divisões da fauna silvestre (Wildlife Divisions), Agências de Conservação (Conservation Agencies) e UNDP
- Líder de campo por quatro décadas
- Instituição de treinamento dinâmica e moderna focalizada nas necessidades de gerência contenporânea da fauna silvestre.

Mandatos

- Proporcionar treinamento técnico e profissional em Gerência e Conservação da fauna silvestre Africana (African Wildlife Conservation and Management)
- Proporcionar serviços de **pesquisa** e **consultoria** em gerência e conservação aplicadas à fauna silvestre.

Os Programas do Curso

Cursos Prolongados

- Curso eEspecial (1 ano)
- Curso-Certificado (1 ano)
- Diploma (2 anos)
- Diploma Avançado (3 anos)
- Diploma de Pós-graduação (1 ano)

Cursos Breves

- Cursos Modulares (2-4 semanas)
- Cursos breves (2-12 semanas)
- Cursos de incumbência (2-4 semanas)
- Cursos de alcance (2-4 semanas)

Estrutura dos preços dos Cursos

Preço dos cursos prolongados por pessoa/curso

- Estudantes de Tanzânia US$ 3,125
- Estudantes estrangeiros US$ 6,000

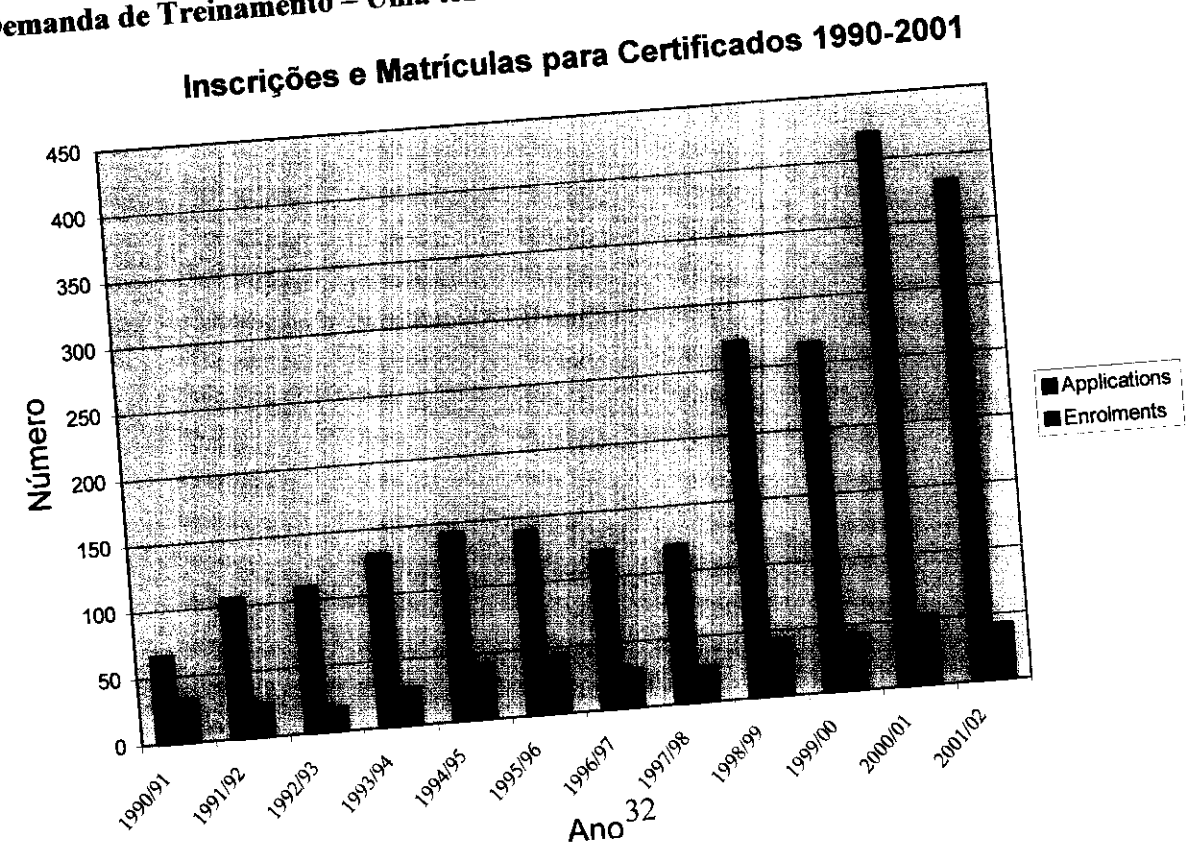
Preço dos cursos breves por pessoa/semana

- Cursos Modulares US$ 250
- Cursos breves US$ 450
- Cursos de incumbência US$ 450
- Alcance US$ 250

Demanda de Treinamento

- As inscrições para os cursos mais populares aumentaram 5 vezes mais nos últimos dez anos.
  - Certificado – de 66 inscrições em 1990/1991, para 420 em 2000/2001
  - Diploma – de 50 inscrições em 1990/1991, para 280 em 2000/2001
- Para os cursos prolongados mais populares mais de oito vezes, inscreveram-se em 2001/2002.
  - Certificado - 42 admissões de 380 applicações.
  - Diploma - 36 admissões de 295 applicações.

Demanda de Treinamento – Uma tendência clara



Inscrições Matrículas

Desafios

- Declínio dos fundos para bolsas de estudo
- Falta de sustentabilidade financeira
- Mudanças rápidas nas práticas de gerência da fauna silvestre na África
    - Devolução de gerentes da fauna silvestre às autoridades locais. comunidades. sector privado, ONGs. CBOs
    - Benefícios além dos limites
    - Conservação da biodiversidade e desenvolvimento sustentável
    - Políticas de manejo e conservação da fauna silvestre.

Vencendo os Desafios

- Estabelecer viabilidade financeira para sustentar treinamento de qualidade
    - Plano empresarial (2000-2004)
    - Levantamento de fundos
    - Curso modular
- Programa de reforço institucional
    - Expansão e elevação de facilidades e infra-estruturas de treinamento
    - Provisão de cursos impulsionados pela demanda
    - Desenvolvimento de unidade para cursos breves
    - Revisão das tarifas do Colégio
    - Melhor remuneração
    - Organização no tamanho certo
    - Capacidade de produção

CURSOS DO COLÉGIO SUL-AFRICANO DA FAUNA SILVESTRE (SOUTHERN AFRICAN WILDLIFE COLLEGE)– Kathleen Hay - SAWC

Sta. Kathleen Hay, apresentando um panorama do SAWC

Tipos de Programas de Treinamento

O Colégio oferece os seguintes Programas de Treinamento:

- **Cursos Prolongados**: Inclue ambos os cursos de Certificado e Diploma.
- **Cursos Breves**: São direcionados à uma Audiência específica dentro duma estrutura mais ampla de Gerência Ambiental.
- **Cursos Costumários**: São disponíveis de acordo com a demanda. Os cursos são designados a satisfazer necessidades especializadas e a Audiências específicas.
- **Turismo Universitário**: O Colégio hospeda grupos de Universidades populares do exterior, geralmente da Faculdade de Ciências Naturais.

O Programa de Treinamento dos Cursos Prolongados

O Southern African Wildlife College tem capacidade para acomodar 50 estudantes, 25 em cada curso. A duração dos cursos oferecidos aqui é de 9 meses , de Janeiro a Outubro. Esse curso oferecido focaliza-se nas Áreas de Proteção e Gerentes de Recursos Naturais que já se encontram a serviço da conservação e das Agências Ambientais por toda a África.

Curso-Certificado em Gerência de Recursos Naturais

Objectivo: Equipar os aprendizes com conhecimento e habilidade de gerência prática necessários para implementar efetivamente as atividades administrativas em suas áreas protegidas.

Esboço do Módulo do Curso-Certificado

- *Filosofia e Ética*
- *Integridade do Ecosistema & Execução da Lei*
- *Solo & Clima*
- *Vegetação & Administração Animal*
- *Queima de campos*
- *Administração de Represas*
- *E.I.A's*
- *Desenvolvimento da Comunidade & Conservação*
- *Administração da Infra-estrutura*
- *Gerência dos Sítios Culturais*
- *Administração de Pessoal & Pública*
- *Gerência de Turismo*

Diploma em Administração de Recursos Naturais

Objectivo: Equipar os aprendizes com conhecimento e perícia para administrar efetivamente as áreas de proteção e suas atividades de acordo com um método de gerência integrado.

Esboço do Módulo do Curso de Diploma

- *Comunicação & Metodologia de pesquisa*
- *Administração de Paisagem*
- *Gerência de Projectos*
- *Administração de Recursos Humanos*
- *Administração de Recursos Naturais*
- *Planos de Desenvolvimento Ambiental*
- *Gerência de Sistemas Aquáticos*
- *Desenvolvimento da Comunidade & Conservação*
- *Economia de Recursos*
- *Educação Ambiental*
- *Proteção dos Recursos Naturais*

Equipando os Estudantes com perícia para lidar com a Crise da Caça

Administração Animal

- *Identificação Animal*
- *Hábitos, Habitat & Ecologia*
- *Comportamento Animal*
- *Técnicas de Captura & monitoria*
- *Gerência Sustentável de Populações*

Integridade Ecosistêmica

- *Monitorar*
- *Patrulha & Observação de Campo*
- *Manuseio de Armas*
- *Desenho & Implemento de Planos de Segurança*

Planejamento de Gerência das Áreas de Proteção

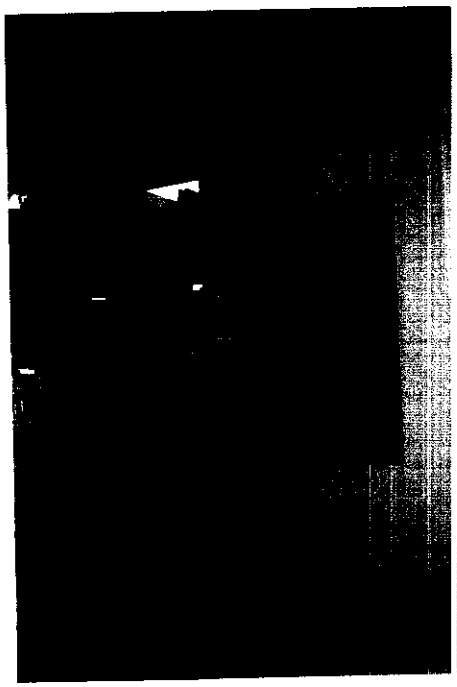
- *Identificação & Entendimento de todos os components de administração na área protegida*
- *Elaborar & Implementar Plano de Gerência*
- *Planejar & selecionar atividades de acordo com as prioridades numa Área de Proteção*

Desenvolvimento da Comunidade & Conservação

- *Compreensão dos problemas relativos às Áreas de Proteção e às Comunidades Locais*
- *Identificar estratégias de cooperação apropriadas (extensão. gerência colaborativa & CBNRM)*
- *Resolução de Conflictos*

Gerência de Paisagem

- *Biodiversidade*
- *Inter-dependência de components no Sistema Natural*
- *Reservas Biosfera & Parques Transfronteiriços*
- *Ameaças às Populações da fauna silvestre – Extinção.*
- *Perca de Diversidade*



Sr Norman Rigava, coletando dados durante uma sessão de trabalho em grupo.

CONSTATAÇÃO PARTICIPATÓRIA DA COTA DA FAUNA SILVESTRE: UM MECANISMO PARA PROMOVER A PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL DOS RECURSOS DA FAUNA SILVESTRE NOS SISTEMAS (GRNBC): LIÇÕES E EXEMPLOS DO CAMPFIRE

Norman Rigava, WWF - SARPO

Introdução

Esse documento descreve brevemente uma técnica de produção dos recursos da fauna silvestre desenvolvida pela WWF – SARPO [1] chamado de constatação de cota participatória da fauna silvestre. Essa técnica, embora possa ser adaptada para a colheita da fauna silvestre em outras situações, tem sido usada principalmente em iniciativas de administração de recursos em multistakeholders tais como GRNBC/CBNRM, e particularmente CAMPFIRE. Desde 1996, a constatação de cota participatória da fauna silvestre tem sido usada por comunidades rurais envolvidas em projectos de utilização da fauna silvestre baseados na comunidade em Zimbabwe para estipular as cotas sustentáveis da fauna silvestre. Esse documento sublinha também algumas das lições mais importantes aprendidas no uso do método de elaboração de cotas participatórias da fauna silvestre. Ele conclue observando a importância de tais técnicas em gerência de recurso local.

Gerência de Recursos Naturais Baseados na Comunidade (GRNBC)

A Gerência de Recursos Naturais Baseados na Comunidade [Community Based Natural Resources Management (CBNRM)] é uma estratégia de gerência e desenvolvimento de recursos que oferece "estrutura legal, institucional e econômica para stakeholders (pessoas interessadas) tornarem-se co-gerentes[2] de seus recursos" (Rihoy et al, 1999: 9). A GRNBC defende a descentralização e a devolução do poder de gerência sobre os recursos de uso comunal. Seu objectivo é aumentar a conservação de recursos naturais fora das áreas tradicionalmente protegidas, para apoiar o desenvolvimento rural, usando benefícios directos e tangíveis (derivados da fauna silvestre) às pessoas envolvidas na gerência da fauna silvestre e outros recursos naturais.

A CBNRM/GRNBC é um conceito envolvido que integra múltiplas disciplinas e envolve mútiplos stakeholders. O seu implemento é geralmente cheio de conflictos e a sua natureza dinâmica requer que ele seja implementado da melhor maneira, usando os princípios adaptáveis de gerência.

Na região sul-africana, o programa de gerência das áreas públicas de Zimbabwe para recursos indígenas (CAMPFIRE) (Martin, 1986), é uma inicitativa famosa da CBNRM/GRNBC.

---

[1] A constatação de cota participatória da fauna silvestre foi desenvolvida pelo WWF-SARPO em conjunto com o Zimbabwe Trust e o Department of National Parks and Wildlife Management, Zimbabwe.

[2] Borrini-Feyerabend, Favar, Nguinguiri e Ndangang (2000: 1), definem gerência colaborativa como "uma situação na qual dois ou mais agents sociais definem e garatem entre si uma justa distribuição das funções administrativas, direitos e responsabilidades para um determinado território, área ou conjunto de recursos naturais".

CAMPFIRE

O CAMPFIRE tem munido as comunidades rurais com certo grau de posse e controle sobre os recursos dos animais selvagens em suas áreas. O CAMPFIRE tem também providenciado uma estrutura que capacita essas comunidades rurais a beneficiarem-se diretamente da gerência e uso consciente dos recursos da fauna silvestre.

> *O princípio ou política do CAMPFIRE salienta a necessidade de apropriação (posse e controle) local (distrito e sub-distrito) dos recursos da fauna silvestre como um processo de empoderamento[3] das comunidades locais. O conhecimento e a perícia para a gerência de recursos, como parte da capacidade de desenvolvimento, é um componente que contribui grandemente na habilitação das comunidades locais para administrar e tomar decisões relativas à monitoria e administração de recursos. (Rigava e Dimbi, 1999).*

Constatação de Cota Participatória da Fauna Silvestre

O processo de determinação de cotas da fauna silvestre do CAMPFIRE leva em consideração a "a natureza fugitiva dos animais selvagens e os múltiplos stakeholders envolvidos em sua administração" (Taylor, 2001). Esse processo é baseado em gerência adaptativa. Essa técnica emprega ambos os conhecimentos tecnológicos científicos e os indíginas sobre a fauna silvestre e o seu comportamento.

O desenvolvimento do método evoluiu-se através dum processo iterativo (chamado de desenvolvimento participatório de tecnologia - DPT) (Sutherland, Martin e Salmon, 1998) que reuniu especialistas técnicos da fauna silvestre e peritos residents nas comunidades locais para desenvolver uma metodologia simples, socialmente aplicável e tecnicamente forte para determinar as cotas da fauna silvestre.

Desenvolvendo a cota

Para determinar a cota da colheita da fauna silvestre, esse processo participatório de estipulação das cotas da fauna usa o sistema de avaliação independent para estabelecer as tendências da população para com cada das maiores espécies de animais selvagens. Essa avaliação independent coletada, distribuida e analizada num workshop dirigido incluem: levantamento aéreo de dados, medidas da qualidade de troféu, cotas de venda, utilização de cotas, a incidência de caça clandestina, animais problemáticos, caça, percepções da comunidade local, e resultados participatórios de censo terrestre. Essa avaliação independent oferece uma série de índices para cada espécie de animal selvagem, reunida através de um processo de triangulação[4] e combinados numa matriz usada para adaptar as cotas anteriores. Na matriz, os dados disponíveis da tendência da população para com cada espécie de animal é representada graficamente. Veja tabela 1 a seguir..

---

[3] Empowerment é "empoderamento. Significa aumentar a eficiência e a eficácia e assegurar a sustentabilidade do desenvolvimento trasnmitindo a responsabilidade àquelas pessoas, comunidades e iniciativas que se importam com a eficiência, efitividade e sustentabilidade" (Wakely, 1996).

[4] Triangulação significa rechecar informação no mesmo assunto produzida através de técnicas e métodos diferentes. A triangulação é baseada na administração adaptive. A filosofia fundamental da triangulação como uma estratégia de validação é o aumento da validade e credibilidade das descobertas baseadas em múltiplas fontes de dados e métodos, do que confiando apenas numa única fonte de dados ou método. A estipulação de cota participatória dos animais selvagens tenta estabelecer a "verdadeira" cota verificando qualitativa e quantitativamente, a coherência da informação recebida de stakeholders principais.

Tabela 1: Uma sessão da matriz de triangulação participatória resumindo os indicadores chaves para as espécies individuais em relação à cota corrente e proposta

ESPÉCIES	COTA ATUAL	CENSO TERRESTRE	LEVANTAMENTO AÉREO	QUALIDADE DO TROFÉU	OPERADORES DE SAFARI	INFORMAÇÃO PÚBLICA	COTAS PROPOSTAS PARA O ANO SEGUINTE
Elefante (m)	7	⇔	⇔	⇔	⇓	⇑	7
Búfalo (m)	20	⇔	⇔⇓	⇑	⇔	⇑	20
Leão	3	8	8	8	⇔	⇔	3
Leopardo	4	8	8	⇔⇓	⇔	⇔	3

CHAVE DA TABELA		
⇑ = pouco aumento na população	⇔ = população estável	⇓ = baixo declínio
⇑⇑ = aumento médio na população	⇔⇑ = estável mas em crescimento	⇓⇓ = médio declínio
⇑⇑⇑ = alto aumento na população	⇔⇓ = estável mas em declínio	⇓⇓⇓ = alto declínio
8 = Informação indisponível/irrelevante		

Quando a cota desenvolvida através desse processo é utilizada, a informação biológica colecionada das espécies caçadas é integrada com aquelas das caças anteriores, analizadas e usadas na elaboração de cotas subsequentes.

Lições aprendidas (develvimento e uso da elaboração participatória da cota para a fauna silvestre)

A elaboração participatória da cota para a fauna silvestre (Participatory wildlife quota setting) tem ajudado em aumentar a participação do povo rural/comum nas atividades de gerência da fauna silvestre. A participação do povo local ajuda em aumentar o apoio popular e instilar um senso de posse dos recursos da fauna. Ela ajuda também incentivar as comunidades locais a investirem em outras atividades de administração de recursos ligadas à determinação da cota, tais como a contagem de animais (Bond, 1999) e a execussão da lei.

Participatory wildlife quota setting serve também como um mecanismo de resolução de conflictos uma vez que ele é um consenso negociado envolvendo ...entre stakeholders promovendo assim uma co-administração dos animais (Rigava, 2001). A natureza participatória da metodologia enriquece também o processo de administração despertando a consciência, o conhecimento e a perícia de todos os stakeholders principalmente do povo rural que por muitos anos tem sido realmente marginalizado nesse processo. Através da troca de conhecimento e perícia, a cota participatória dos animais oferece também oportunidade para treinamento e desenvolvimento de perícia entre os vários stakeholders

Comércio e uso ilegal da caça nos projetos da CBNRM/GRNBC em Zimbábue

A extensão e a escala do mercado ilícito da carne de caça nos projetos CBNRM/GRNBC em Zimbábue não são bem documentadas e por isso não são bem entendidas. No entanto, as observações de campos na maioria dos projectos da GRNBC em Zimbábue sugerem que devido ao acréscimo de posse e controle, o comércio clandestino da caça tem geralmente diminuido nas áreas comunais. Enquanto essa redução não pode ser atribuída somente à elaboração participatória da cota da fauna silvestre, a influência desse processo não pode ser sub-estimada. A experência tem mostrado que a colheita e uso ilegal da caça como fonte de alimento e renda aumenta em épocas de secas e crise econômica.

Conclusão

A elaboração participatória da cota da fauna silvestre tem contribuído grandemente no desenvolvimento das capacidades de gerência da fauna, do povo rural, envolvidos em CAMPFIRE, bem como também em despertar os interesses desses residents rurais para com as questões da utilização da fauna terrestre. A experência tem mostrado que se o povo rural tiver conhecimento e perícia e puderem participar activamente na gerência dos recursos eles serão capazes de obter maior controle sobre os recursos em suas áreas. A apropriaçã efetiva da fauna silvestre (por residents de áreas comunais/públicas) e os incentivos apropriados para gerência dos mesmos, resultando no desenvolvimento da comunidade, representa um papel importante no despertamento do interesse da comunidade local para com uma gerência sustentável dos recursos da fauna silvestre nas áreas públicas. (Barnett, 2000).

Literatura citada

1. *Barnett, R. (Ed.) (2000).* The Utilization of Wild Meat in Eastern and Southern Africa. *TRAFFIC Eastern/Southern Africa, Nairobi, Kenya.*

2. *Barton, T., Borrin-Feyerabend, G., de Sherbinin, A. and Warren, P. (1997).* Our People Our Resources, *IUCN, Gland Switzerland.*

3. *Bond, I. (1999).* Participatory Quota Setting in CAMPFIRE: A critical factor in promoting institutional change. *CAMPFIRE News, 21: 7*

4. Borrini-Feyerabend, G., Farvar, M. T.,Nguinguiri, J.C. and Ndangang, V. A (2000). *Co-Management of Natural Resouces: Organising, Negotiating and Learning-by-Doing.* GTZ and IUCN, Kasparek Verlag, heidelberg, Germany

5. Rigava N. (2001). *Participatory Wildlife Quota Setting Process:Linking Biodiversity Conservation, Sustainable Use and Equity Issues,* in. Assessment, Conservation, and Sustainable Use of Forest Biodiversity, CBD Technical Series No. 3: (39): pp. 114-115, .Montreal, Canada: Secretariat of the Convention on Biological Diversity.

6. Rigava, N. and Dimbi, L. (1999). Participatory Wildlife Quota Setting: A CAMPFIRE Case Study in Schei, P. J., Sandlund O. T and Strand, R. (Eds.). *Proceedings of the Norway/UN Conference on the Ecosystem Approach For Sustainable Use of Biological Diversity,* Trondheim, 6-10 September 1999, Directorate for Nature Research, Trondheim, Norway Management and Norwegian Institute for Nature

7. Sutherland, A., Martin, A. and Salmon, J. (1998). *"Recent Experiences with participatory Technology Development in Africa: Practitioners Review"*, Natural Resource Perspectives 25, ODI, London.

8. Taylor R. D. and Bond I. (2000). *Participatory Technology Development for Community Based Wildlife Management in Zimbabwe, the WWF Support To CAMPFIRE Project –* in Watson A., Aplet E. and Greg (2000). Personal, Societal, and Ecological Values of Wilderness Congress Proceedings on Research , Management, and Allocation, Vol. II, Proc. RMS-p-000. UT: U.S.

9. Taylor R. D. (2001). *Participatory Natural Resource Management: Implications for Conservation* in Hulme D. and Murphree M. (Eds). African Wildlife and Livelihoods, The Promise and Performance of Community Conservation. Oxford, James Currey

10. Wakely, P. (1996). *Capacity Building for Better Cities.* DPUNEWS No. 34, Development Planning Unity, University College of London

CRISE DA CAÇA – ÁFRICA ,UM GRUPO TRABALHANDO SOB O PATROCÍNIO DA PAAZAB - Dave Morgan

FUNDO HISTÓRICO

Esse grupo passou a existir na conferência anual da PAAZAB em Plettenberg Bay em Junho de 2001, subsequentemente ao workshop da BCTF liderado por Mike Hutchins. Tornou-se claro que um grupo africano ativo era necessário para dirigir a iniciativa da assossiação Africana regional com relação à crise da caça. Desde então ficou decidido chamar esse grupo ativo de **"Bushmeat Crisis - Africa" ("Crise da Carne de Caça – África")** para dá-lo uma identidade distinta dos grupos da BCTF e EAZA lidando com a crise da caça. Embora este procurará manter uma ligação íntima com esses grupos e seus representantes, ele permanecerá sob o patrocínio da Associação de Zoológicos regional da África.

O núcleo do grupo inicial icluía o **Dave Morgan** (anteriormente Montecasino Bird Gardens, atualmente Cheetah Conservation Foundation), **Tony Blignaut** (Monkeyland), **Willie Maritz** (East London Aquarium) e **Karl Westphal** (Mitchell Park Zoo) como Presidente. Subsequentemente o Willie Maritz afastou-se do grupo e agora atua como contacto da iniciativa "Fishmeat" (carne de peixe). Além disso, **Judy Mann-Lang** (Sea World - Durban) foi convidada a ser consultora em termos de aspéctos educacionais, e **Yolan Friedmann** (CBSG - South Africa) como representante para o Conservation Breeding Specialist Group (CBSG) e Endangered Wildlife Trust (EWT).

Investigações na África do Sul têm mostrado que até mesmo a mídia, que é geralmente bem informada, ainda érelativamente ingnorante quanto a esse problema particular, e até mesmo da extensão das questões de extinções atuais e futures das espécies e as pressões ambientais, em geral. Por isso, é óbvio que o público em geral vem a ser muito menos informado.

Numa reunião do grupo activo em Durban no dia 13 de Maio de 2002, o assunto acima mencionado foi discutido e a conclusão é que a necessidade mais imediata seria a iniciação de **"groundswell of awareness" (conscientização pública crescente)**. Essa deveria ser alcançada por meio de uma campanha de pôsteres. Ficou decidido em dois tipos de pôsteres: um deles deveria ser dirigido às regiões mais desenvolvidas (principalmente à África do Sul), e deveria ser um gráfico demonstrando o problema com o fim de despertar a consciência e interesse na crise em desenvolvimento. O segundo deveria dirigido às populações nos estados em crise. Como foi aceito que uma certa quantidade da carne era necessária para a sobrevivência das populações mais pobres dessas regiões, o pôster deveria descrever criticamente as espécies ameaçadas, que não deveriam ser usadas (ex. chipansés, gorillas, etc.), e aquelas que poderiam ser utilizadas. Esse deveria ser publicado em Inglês e Francês e distribuido tanto quanto possível nos estados em crise. Após maiores considerações, ficou decidido interromper esse projecto devido a outros de maiores urgências..

Outras iniciativas incluem o desenvolvimento de uma **rede de contacto** na África, ambas as pessoas influenciais (líderes políticos, de corporação e social e elaboradores de opiniões) que podem ser pressionados e informados da crise em desenvolvimento, e uma rede de trabalhadores rurais ativos na África que podem fornecer ao grupo informações e avaliações exatas. Além disso, o **patrocínio** de um personagem africano prominente deve ser procurado para credenciar a população Africana no trabalho da Crise da caça (Nelson Mandela, Valli Moosa e Mark Shuttleworth foram sugeridos a serem contatados para esse fim).

Devido às próximas conferências anuais da PAAZAB e AGM, ficou decidido apresentar essas iniciativas sugeridas ao Conselho da PAAZAB para aprovação, e então procurar patrocínio para essas acções.

PAAZAB AGM 2002:

Durante a Conferência da PAAZAB em 2002, houve longas discussções com o **Edem Eniang** do Grupo de Preservação da Biodiverdidade em Nigeria. Ele é um dos dois primeiros a receber o prêmio de Conservação da PAAZAB, a ele conferido pelo seu trabalho de pesquisa e combate ao abuso da carne de caça no Parque Nacional Cross River em Nigeria. O facto que ele tem estado a empregar ex-caçadores como assistentes e portadores, bem como patrulhas de anti-caça clandestina, veio à tona. Esse trabalho, em sua maior parte, é financiado por ele próprio, o que lhe foi necessário fazer mais trabalho para instituições de pesquisas, com o fim de conseguir subsídio para o seu trabalho. Ele usa também, o seu veículo pessoal para transporte, o qual (grandemente devido a inapropriedade do terreno) chegou ao seu estado final.

Por isso ficou decidido iniciar um **projeto piloto** para, primeiramente, apoiar o Edem e sua infra-estrutura existente com equipamentos básicos em operação para seus "guarda-florestais", e, mais tarde, dependendo do seu sucesso e relatórios provisionais regulares, estabelecer uma base de operações permanente. Mais uma outra iniciativa sugerida por ele é a montagem de logística (caminhões e motoristas) para transportar a carne das áreas onde ela é produzida e relativamente barata, para as áreas onde atualmente não há alternativas para a caça, tais como áreas de reservas.

O Lee Stewart do Parque Ambiental Munda Wanga em Zâmbia foi convidado a atuar como agente de campo em Zâmbia e países vizinhos para identificar áreas problemáticas e possíveis projectos futuros nos quais a BCA poderia envolver-se.

Embora nenhum patrocínio foi garantido, esse assunto está em andamento com a ajuda de Thembi Mogoai do Zoológico de Joanesburgo.

Iniciativas adicionais – A produção de um **Manual educacional da Carne de Caça** a ser disponível nas instituições com programas educacionais, o qual pode ser facilmente acrescido ao seu próprio material de recurso. Também, em vez de solicitações, foi requerido dos membros pressionar "**lobby" o contacto VIP** em suas áreas com o fim de aumentar ainda mais a conscientização. As discussões iniciais estão a caminho para a produção de um **documentário para a TV** para ser televisionado na África do Sul e em conferências.

Na conferência da PAAZAB uma **doação** de R 20 000 foi feita pela Cheetah Conservation Foundation, a qual será usada para o financiamento parcial das iniciativas mencionadas acima. **Mais fundos** de patrocinadores associados africanos e doadores internacionais devem ser levantados.

Karl Westphal
Presidente - Bushmeat Crisis Africa

PARQUES DA FAUNA SILVESTRE DE NAMIBIAN - Dr. Victoria Nicodemus

A Dra. Nicodemus apresentou apresentou uma breve informação histórica de Namibia e explicou o relacionamento dos Namibian Wildlife Resorts com a instituição gerencial da fauna silvestre de Namibiana. Foi reconhecido que enquanto ela não possuia informação suficiente para contribuir com o workshop, o impacto potencial da crise da caça nos Parques Nacionais dentro dos quais se encontram essas reservas significava que seria apropriado para ela discutir o assunto com os seus colegas em seu retorno. Enquanto isso, ela participaria construtivamente tanto quanto possível no workshop colecionando, ao mesmo tempo, o máximo possível de informações.

CAÇA ESPORTIVA - Felismina Langamane – Moçambique

INTRODUÇÃO

Esse documento é uma contribuição da Conferência Sul Africana da Caça, e apresenta um breve sumário do Sistema Nacional das Áreas de Conservações, da política e legislação sobre a caça esportiva em Moçambique.

Sra Felismina Langamane, expondo idéias sobre a Caça Esportiva em Moçambique

O Moçambique reiniciou suas atividades de caça esportiva em 1993, após 16 anos de Guerra civil que começou logo após a independência.

A caça iniciou-se em 1993 com poucas companhias e atualmente há mais de 10 companhias operando em Áreas de Caça (Coutadas) e algumas em Fazendas de Caça (Game Farms).

O Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural através do Diretorado Nacional .. (DNFFB) é responsável pelo manejo da fauna silvestre nas áreas de múltiplo uso onde, de acordo com a lei, a caça é permitida mas restricta aos cidadãos moçambicanos. Nessas areas investidores podem desenvolver a criação de animais.

Por outro lado, o Ministério do Turismo através do Diretorado Nacional das Áreas de Conservação (DNAC) é responsável pela gestão das Áreas de Proteção, isto é, Parques Nacionais, Reservas Nacionais e Coutadas.

1.1. Políticas e Leis

A Política da Silvicultura e Fauna Silvestre (Forest and Wildlife (DNFFB, 1996)) reconhece a importância dos recursos naturais de Moçambique e pronuncia os seus objectivos como: "*a proteção, a conservação, o desenvolvimento e o uso racional dos recursos da flora e fauna para benefícios econômicos, sociais e ecologógicos das gerações moçambicanas presentes e futuras*".

Uma nova Lei da Forest and Wildlife (Lei 10/99) foi aprovada pelo parlamento aos 7 de Julho de 1999. De acordo com o artigo 10/99 dessa legislação, a caça esportiva pode ser feita por pessoas nacionais e estrangeiras, em áreas de caça controladas (Coutadas) e em fazendas de animais selvagens. Os indivíduos nacionais podem praticar esse esporte nas áreas de múltiplo uso, sob os termos reguladores (Artigo 22).

1.2. Áreas de Caça (Coutadas) em Moçambique

O Sistema de Conservação Nacional de Moçambique consiste dos Parques Nacionais, Reservas Animais, áreas Coutadas.

Há 13 Coutadas abrangendo 5.1 milhões de hectares. A Tabela abaixo fornece uma lista completa das áreas de caça em Moçambique, o seu tamanho e local. Todas as Coutadas são gerenciadas sob contracto entre o governo e os operadores privados. Os operadores privados que obtém concessões por um período de tempo limitado, depois de terem sido qualigficados no processode licitação caçam nas Coutadas.

Há também pouca quantidade de atividades de caça nas zones de Niassa Game Reserve e algumas fazendas.. Essas não são oficialmente incluidas como áreas de caça. mas o plano de gestão recomenda que esses operadores sejam autorizados pelo governo para exercer os seus Hunting Safaris (Safari de Caça) devido à disponibilidade de caça.

Tabela 1: Lista Completa das coutadas, local, área e a situação presente

Número de Coutadas	Situação	Província	Área (Km²)
4	Nenhuma atividade de caça	Manica	3.227
5	Nenhuma atividade de caça	Manica/Sofala	6.868
6	Nenhuma atividade de caça	Sofala	4.563
7	Nenhuma atividade de caça	Manica	5.408
9		Manica	4.333
10	Actividade de caça desde 1997	Sofala	2.008
11	Actividade de caça desde 1993.	Sofala	1.928
12	Actividade de caça desde 1997	Sofala	2.963
13		Manica	5.683
14	Actividade de caça desde 1995	Sofala	1.353
15		Sofala	2.300

1. MONITORIA E ADMINISTRAÇÃO

A Monitoria e a Administração tem sido feita a nível central, onde as licenças ou autorizações são emitidas. O sistema de Autorização é um dos métodos mais importantes usado para controlar as cotas anuais. Cada licença/autorização emitida indica as espécies a serem caçadas e determina a área onde a caça deve ser feita.

Devido a falta de informação da situação e/ou condições dos animais por todo o Moçambique. o estabelecimento da cota é baseado no seguinte:

1. Informação recebida dos guardas-florestais;
2. Informação do SPFFB (relatórios anuais);
3. Relatórios dos safaristas de caça esportiva.;
4. Cota de consumo dos anos anteriores; e
5. Cota proposta pelos operadores e SPFFB;

Atenção especial é dada às espécies protegidas por leis nacionais e internacionais (ex.. CITES).

2. COTA DE CONSUMO

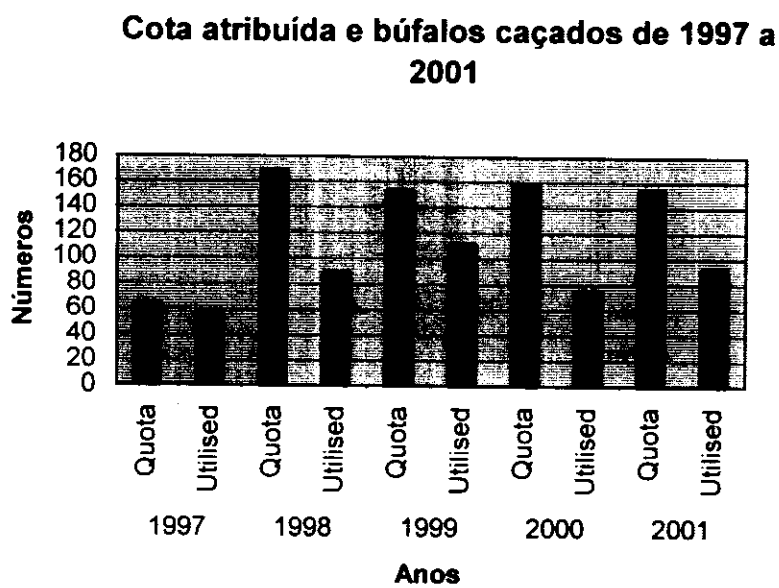
Tabela 1: Cotas dos últimos 11 anos - 1991 a 2001

Animal/ano	**91**	**92**	**93**	**94**	**95**	**96**	**97**	**98**	**99**	**2000**	**01**
Búfalo	265	275	230	311	105	198	65	169	153	158	154
Carito Cinzentor	259	259	131	420	105	182	115	175	188	205	191
Chango	64	64	42	155	45	123	46	90	69	98	96
Gnu	10	10	5	10	2	17	2	4	4	9	7
Crocodilo	-	-	-	-	-	78	21	51	49	80	71
Kudu	90	70	46	128	23	53	25	23	39	50	40
Elã	7	7	6	21	6	23	3	9	7	18	20
Elefante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	4
Javali Africano	153	153	53	215	68	122	52	92	103	154	154
Francolim	-	-	-	-	-	65	32	114	119	213	193
Galinha-d'Angola.	-	-	-	-	-	89	50	140	185	282	307
Veado-do-cabo	24	24	13	19	3	30	10	10	8	14	14
Hipopótomo	58	58	41	38	16	40	8	15	16	20	19
Imbalala	54	54	38	96	45	98	45	74	75	115	104
Impala	320	320	115	260	75	155	45	76	82	104	78
Piva	130	130	70	156	37	67	21	41	38	48	40
Inhala	55	55	30	40	12	26	27	19	23	23	16
Leão	47	47	26	80	22	38	18	27	26	34	30
Leopardo	37	37	20	55	32	59	22	39	37	46	44
Macaco Amarelo	180	160	100	165	57	139	68	134	101	124	155
Zibelina	53	53	40	83	20	40	15	25	32	47	49
Porco Bravo	48	48	30	190	62	138	48	95	86	135	124
Zebra	43	43	34	42	10	10	5	12	9	21	22

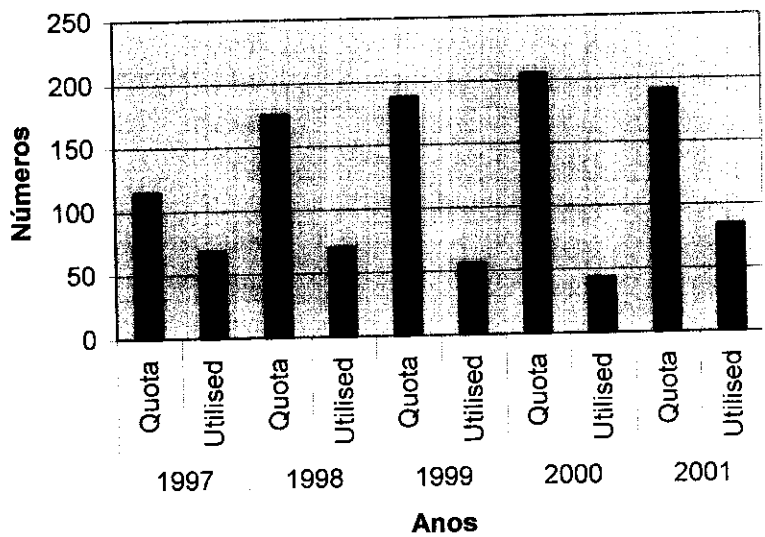
A utilização de cota dos últimos 5 anos (1997 a 2001) é mostrada na tabela abaixo. O buffalo é a espécie mais caçada durante o período de revisão.

Tabela 2: Utilização de cota; 1997-2001

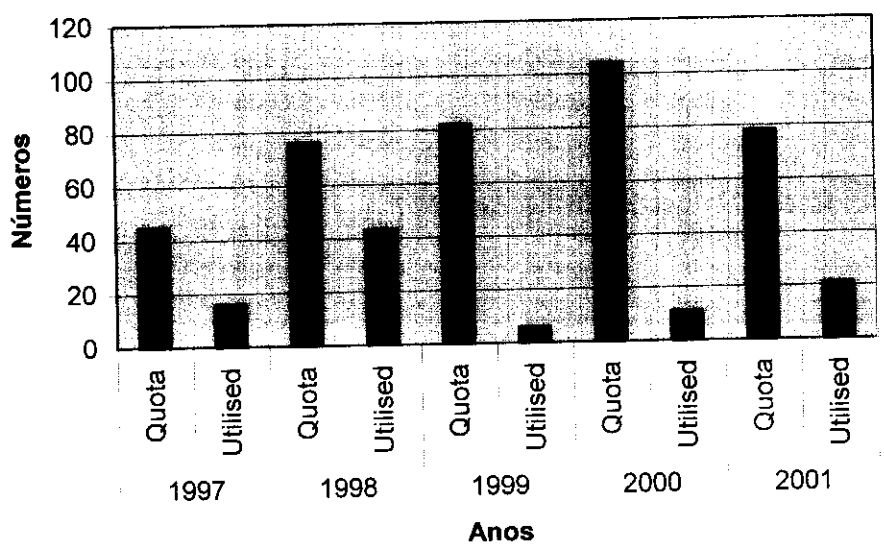
Animal/ano	97	98	99	2000	01
Búfalo	59	89	111	75	92
Cabrito Cinzento	69	70	56	43	84
Chango	8	26	6	19	46
Gnu	10	4	4	3	7
Crocodilo	5	22	19	16	27
Kudu	10	23	18	8	23
Elã	12	1	4	5	8
Elefante	0	0	0	2	2
Javali Africano	21	37	34	23	63
Veado-do-cabo	3	4	3	7	8
Hipopótomo	2	6	6	10	10
Imbalala	18	24	26	22	49
Impala	16	43	6	11	21
Piva	8	22	14	6	27
Inhala	5	16	8	6	12
Leão	10	15	18	22	15
Leopardo	14	25	20	23	224
Macaco Amarelo	6	20	5	5	14
Zibelina	17	21	15	21	33
Porco Bravo	5	19	17	22	40
Zebra	7	6	4	2	7



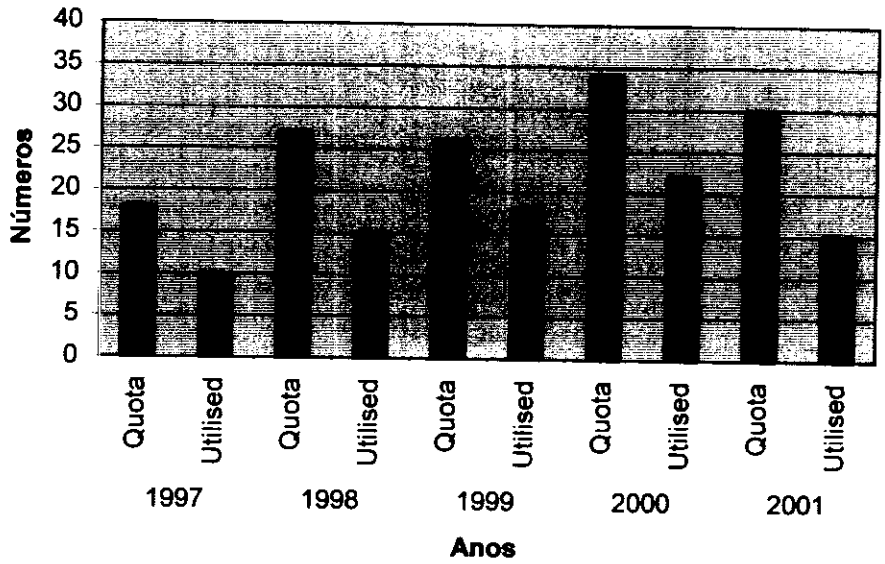
Cota atribuída e cabritos cinzentos caçados de 1997 a 2001



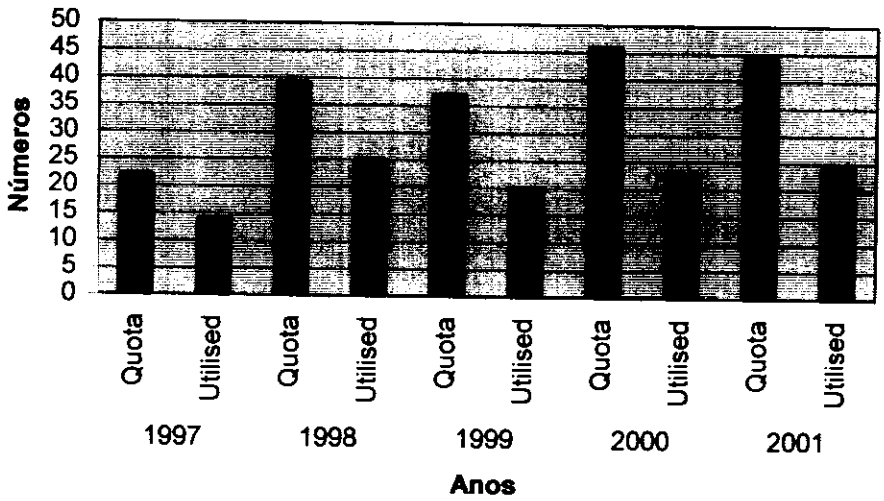
Cota atribuída e impalas caçadas de 1997 a 2001



Cota atribuída e leões caçados de 1997 a 2001



Cota atribuída e leopardos caçados de 1997 a 2001



3. PROBLEMAS/LIMITAÇÕES

- Falta de informação da situação da fauna silvestre
- Pessoas morando dentro das áreas Coutadas, caça desenfreada e destruição do habitat
- Baixos preços dos animais
- Caça clandestina
- Falta de monitoria da qualidade dos troféus

PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL DA CAÇA NAS ÁREAS CAMPFIRE: O CASO DO DISTRITO NYAMINYAMI EM ZIMBÁBUE

Charles Jonga, Gerente do Programa – CAMPFIRE, Zimbabwe

INTRODUÇÃO

O objectivo principal do Programa de Gestão das Áreas Públicas/Comunais para os Recursos Indígenas (Communal Areas Management Programme for Indigenous Resources (CAMPFIRE)) é contribuir para o desenvolvimento rural através da prática e promoção da utilização dos recursos naturais, incluindo a fauna silvestre como uma opção econômica e sustentável do uso da terra, para as pessoas morando nas regiões rurais. Aproximadamente US$2 milhões é gerado anualmente com a caça esportiva constituindo atualmente 90% da receita das actividades dos CAMPFIRE em aproximadamente 15 dos 50 distritos membros. Nyaminyami é um dos maiores e pioneiros distritos da fauna silvestre em CAMPFIRE. Ele está localizado na região semi-árida do noroeste de Zimbabwe com menos de 500mm de chuvas sazonais. Por isso a agricultura de subsistência é apertada e a produção de gado limitada. Já nos anos de 1989 o sindicato Nyaminyami Wildlife Management Trust foi fundado como uma ramificação do Conselho para administrar os recursos da fauna silvestre para o beneficio do povo de Nyaminyami. Uma das maiores actividades administratrivas do sindicato foi o uso sustentável de impalas com o apoio do CIRAD/EMVT para fornecer carne ao povo do distrito a um preço controlado e subsidiado, gerar emprego e desenvolver perícia e conhecimento. Esse programa, agora conhecido como "Projeto Nyama" ou projeto da carne, expandiu-se ao ponto de incluir grandes mamíferos tais como o elefante, o hipopótamos e búfalos. Mais de dez anos de execução do projecto confirma a demanda da caça como uma alternativa e fonte de proteína relativamente barata em comparação com a carne de gado, mas isso gera questões quanto a administração sustentável da colheita para satisfazer a demanda local, nacional e internacional crescente.

VISÃO GERAL DO PROJETO NYAMA

Estrutura Legislativa

A caça em Zimbábue é regulada pelas provisões do Acto [Capítulo 20:14] da emenda de 1975 dos Parques e da Fauna Silvestre. A secção 59 do Acto estabelece as condições sobre as quais a caça e venda subsequente dos animais e os seus produtos deve ser efetuada, isto é, através da emissão de uma licença a uma Autoridade Apropriada (AA). Em termos do mesmo Acto a AA é concedida, através de um manifesto, a qualquer proprietário de terra vendáveis ou invendáveis. Toda a caça é controlada pelas cotas de caça aprovadas e emitidas anualmente pelas Autoridades dos Parques e Fauna Silvestre.

Revisão do Programa de colheita

O projeto Nyama tem sido implementado desde 1989 com comunidades locais beneficiando da carne produzida duma cota annual de 1.500, sendo 10% duma população inicial estimada de 15.513. Durante esses quatro primeiros anos os operadores comerciais arrendados e a Câmara Municipal Rural obtiveram todos os custos de capital da caça para a distribuição da carne. Toda a carne foi vendida a preço de custo mas, abaixo do seu preço comercial. Por volta de 1995 a Câmara Municipal Rural havia assumido a gerência geral do projeto

resultando no aumento do preço da carne e a introdução subsequente de grande espécies tais como o elefante, o búfalo e o hipopótamo, e aves em 1999. A utilização da cota da impala diminuiu com o tempo devido, entre outros factores, à mudanças da sua ecologia e agora elas têm medo de tiros uma vez que os animais são caçados à noite usando farolete e algumas vezes armas sem silenciadores. Em 2001 a cota foi reduzida para 1100 e ainda não foi totalmente utilizada. A cota para 2002 foi 505. Por isso, o tempo empregado nesse esforço aumentou para 3 noites por semana, 3 semanas por mês e seis meses ao ano. Enquanto o lucro da venda da carne da impala tem sido baixo, mais renda tem surgido das peles, principalmente dos grandes mamíferos. Uma fábrica de 'biltong' (carne-seca) está sendo montada.

...DEMONSTRAÇÃO FINACEIRA DO PROJECTO NYAMA : 1995-2001 (Z$)

	1995/6	1996/7	1997/8	1999	2000	2001	TOTAL
RENDA	46586.16	74631.07	103193.65	68405.05	196362.36	558795.1	1047973.39
VENDA DE CARNE	18376.25	14817.22	92554.5	200075	1946948	121000	2393770.97
VENDA DE PELE	101600				1322.46	165.31	103087.77
OUTRAS							
RENDA TOTAL	166562.41	89448.29	195748.15	268480.15	2144632.82	679960.41	3544832.13
GASTOS	449430.83	98641.68	90207.48	25506.39	313985.1	488456.83	1466228.31
EXCED/DE FIC.	**-282869.1**	**-9193.39**	**111016.6**	**242973.66**	**1830647.72**	**191502.57**	**2084078.04**

Fonte: CMR de Nyaminyami.

NB: O projeto é subsidiado pela conta CAMPFIRE em forma de munição, combustível, manutenção de veículos, roupa de proteção, salários e compensações, e esse gasto não é capturado.

Impacto da Produção/colheita de Grandes Mamíferos e Aves

A renda provinda da impala caiu rapidamente em 1996/7. A melhoria das vendas em 1999/2000 é devido a introdução de grandes mamíferos e aves. Contudo, o suprimento em massa (por atacado) compensa a queda da carne da impala e mais retorno provém das vendas das peles dos animais. No entanto, os grandes mamíferos reagem mais rapidamente e o aumento da caça para para reduzir o número dos animais pode causar um impacto totalmente adverso na caça-troféu, a qual ocorre no mesmo distrito e produz maiores retornos.

QUESTÕES A CONSIDERAR NO PLANEJAMENTO E GESTÃO DO MERCADO SUSTENTÁVEL DA CAÇA

Sócio-econômicas: Parece haver uma falta de clareza dos objectivos econômicos dos planos de produção e uma falta no entendendimento das limitações das comunidades rurais de subsistência.

Financeiras: Até que ponto o capital de custo e a caça da carne iguala aos benefícios? Os custos dos maiores esforços em capturar as presas devem ser transmitidos ao consumidor?

Biológicas: A produção em excesso do seguimento reprodutivo de uma espécie pode contribuir para o declínio prolongado nas quantidades. O estabelecimento da cota deve alocar cuidadosamente os machos em relação às fêmeas, para produção.

REFERÊNCIAS

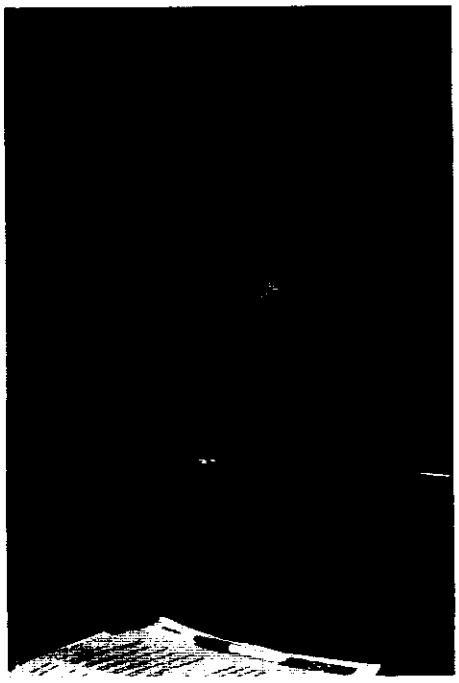
Chardonnet P and Le Bel S., 1998. Feasibility Study for a Micro Project – Gonono Communal Game Ranch, CIRAD-EMVT Report No. 98-049,.

Nyaminyami Wildlife Management Trust, 1987. The Wildlife of Nyaminyami, Harare, Zimbabwe.

Taylor R.D. 1990. Socio-Economic Aspects of Meat Production from Impala Harvested in a Sustainable Zimbabwean Communal Land, WWF SARPO, MAPS Project No. 8.

WWF SARPO, 1996. Impala Cropping Programme 1989-96 in Omay Communal Land, Nyaminyami District, Workshop Report.

WWF SARPO, 2002. Impala Cropping Programme 1989-96 in Omay Communal Land, Nyaminyami District, Workshop Report.



Sr V Andrianjakarivelo, apresentando alguns factos sobre a caça dos Lêmures em Madagascar

AVALIAÇÃO DA CAÇA DE LÊMURE E A VALORISAÇÃO DO POTENCIAL DE RECURSOS
O CASO DOS PORCOS BRAVOS (*Potamochoerus larvatus*)

Vonjy Andrianjakarivelo – Administrador do Programa dos Mamíferos da WCS, Madagascar

A WCS (Sociedade de Conservação da Fauna Silvestre) de Madagascar está procurando salvar a biodiversidade e valorizar, sustentavelmente, os recursos naturais através de muitos programas. A actividade relativa à carne de caça na WCS de Madagascar é incluida na estrutura do nosso Programa dos Mamíferos. O Programa dos Mamíferos da WCS almeja administrar a conservação das espécies nas florestas selvagens protegendo as espécies de mamíferos nativos ameaçadas e o impacto das espécies introduzidas. O nosso objectivo principal relativo à crise da caça e reduzir a caça clandestina dos lêmures.

LOCAIS DE ESTUDO

1. ***Parque Nacional Masoala***: O Parque Nacional Masoala consiste de uma península localizada no nordeste de Madagascar. Ele é a maior Reserva de floresta tropical de Madagascar.
2. ***A Península Sahamalaza***, é localizada no noroeste de Madagascar. A Península Sahamalaza é conhecida como o único local de distribuição Lêmure Preto Scalater em Madagascar.

Lêmure colarinho vermelho, *Varecia variegata rubra* e Lêmure preto Scalater, *Eulemur macaco flavifrons*

ESPÉCIES EM FOCO

Duas espécies de lêmures estão sendo atingidas no Parque Nacional Masoala: O lêmure cara-branca *Eulemur fulvus albifrons e o* lêmure colarinho vermelho *Varecia variegata rubra*. Na Península Sahamalaza, a espécie em foco é: Lêmure Preto Scalater, *Eulemur macaco flavifrons* (criticamente ameaçado).

Em Madagascar os Lêmures são pegos por pessoas locais para alimento, como fonte de proteína. Mas, com o aumento das necessidades de proteína devido a uma rápida explosão demográfica, a caça é considerada no momento a Segunda maior ameaça às populações dos Lêmures, a primeira sendo a perca

do habitat. Todas as espécies de Lêmures agora são protegidas pela lei Malagasy e por tratados internacionais, embora eles ainda se encontram entre as espécies de animais mais exploradas em Madagascar. A população local não possui nehuma outra alternativa para satisfazer as suas necessidades de proteína. A carne doméstica é mais cara e muito mais escassa nas regiões rurais. Os Lêmures são mais fáceis de seres pegos do que as outras espécies porque eles vivem em grupos sociais. A preferência aos Lêmures pode ser devido ao seu tamanho. Em geral, as espécies de maior porte são mais procurados do que as menores. Como resultado, as espécies de maior porte são mais vulneráveis às pressões da caça.

Por exemplo, no Parque Nacional Masoala a população prefere mais as espécies de maior porte tais como *Eulemur fulvus albifrons* (2.3Kg) e *Varecia variegata variegata* (3.5 a 4.5Kg), do que as menores tais como as *Microcebus* ou *Allocebus* (50-80 gr) ou *Cheirogaleus* (150-600gr) porque os animais mariores fornecem mais carne.

Embora muita pesquisa sobre a biologia e ecologia dos Lêmures já tem sido feita há pouca documentação relativa à quantidade de lêmures sendo caçados em Madagascar e o seu impacto nas populações dos mesmos. Na verdade, pouco estudo tem sido feito nesse sentido devido à falta de metodologia apropriada para tartar-se desse problema. A maior parte da pesquisa feita para estimar o número de animais abatidos para alimento tem sido baseada nas entrevistas feitas com as pessoas locais porque a carne dos lêmures não é encontrada nos mercados. Contudo, as pessoas locais nunca dizem que caçam lêmures. Eles são cientes da lei proibindo a caça de lêmures em Madagascar. Por exemplo, no Parque Nacional Masoala, a patrulha periódica feita pelos agents de conservação detectou muitas armadilhas para pegar os lêmures, na floresta. Mas, a monitoria ecológica do lêmure conduzida nesse Parque desde 1995 e entrevistas feitas com a população local não permitiu a avalição da quantidade da caça desses animais. Por isso, a frequência das armadilhas e o número de animais capturados não são conhecidos.

Às vezes a monitoria ecológica não encontra nenhuma variação significante na abundância do lêmure, talvez por que os locais de monitoria são distantes das áreas de caça. Comparando a densidade do lêmure entre uma área de caça e outra, com pouca ou nenhuma atividade de caça pode demonstrar somente se essa atividade afeta significantemente a abundância da população do lêmure, mas não mostra quantos são abatidos por ano.

Essa falta de informação sobre a caça do lêmure continua sendo um grande problema para a administração e conservação de suas populações nas áreas de proteção de Madagascar, por isso, os gerentes e os sócios não estão convencidos a tomar qualquer medida conservacionista particular contra a caça.Enquanto a metodologia para a avaliação da extensão da caça do lêmure é agora o foco do nosso trabalho no WCS de Madagascar, iniciamos a valorização dos animais potencialmente importantes como uma alternativa para reduzir a caça dos mesmos. Esse esforço focaliza-se principalmente no porco bravo por muitas razões:

1. O porco bravo é a maior espécie de caça em Madagascar, assim ele representa a fonte mais importante de carne para as comunidades rurais. Um porco bravo adulto pesa de 50 a 70 kg e fornece 55% de carne de seu peso total, o equivalente de 27-38 kg de carne por indivíduo adulto.
2. Os porcos bravos têm uma capacidade de produtividade relativamente alta (Uma fêmea reprodutiva produz em média de 4 a 6 leitões por ano). Isso os torna num potencial maior para a caça do que outras espécies.
3. Os porcos bravos são vistos como sendo uma peste para o ecosistema.

4. Eles são famosos por seu estrago em plantações.

Por exemplo, os porcos bravos são suspeitados estar entre o maior factor contribuindo para o rápido declínio da *Geochelone yniphora* (a tartaruga mais ameaçada do mundo, restrita à uma pequena área no oeste de Madagascar). Os porcos bravos são também considerados a ser um factor influencial contribuindo para o declínio da regeneração da *Canarium madagascariensis*, uma espécie de árvore cujos frutos constituem o alimento principal dos Aiais e muitas outras espécies de lêmures.Grandes estragos têm sido causados pelos porcos bravos em culturas de mandioca durante o ano 2001, na península de Sahamalaza . Um estudo de pesquisa feito nessa península mostrou que por causa da pilhagem causada pelo porco bravo :

- 106 T de mandioca foram destruídas (20% da produção anual)
- 90% dos campos de mandioca disponíveis não puderam ser cultivados porque não é possível para as pessoas construirem cercas ao redor dos campos todos para proteger a cultura contra os porcos.

Como consequência desse estrago, a demanda de terra aumenta. Na verdade, as populações locais cortam as florestas para produzir mais arroz usando o método agricultural de derruba e queimas.

Na península de Sahamalaza, a valorização dos porcos bravos proporciona dois benefícios:

- Mantém a densidade dos porcos num nível baixo, permitindo o povo a cultivar e aumentar a renda
- Reduz a derrubada da floresta e aumenta a viabilidade das espécies de lêmure.

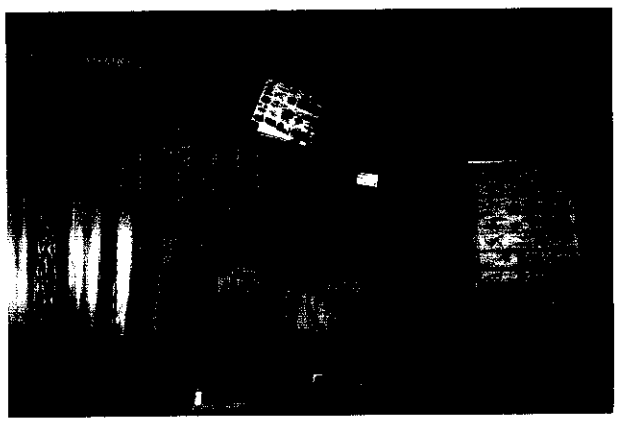
A valorização dos porcos bravos apresenta muitos problemas de acordo com o contexto local. Por exemplo, na península de Sahamalaza, o consumo dessa carne é tabu para o povo local, e eles têm menos interesse em caçá-los. Assim, para nós a solução seria a procura de mercado interessado nesse negócio.

Ao passo que, na península de Masoala onde a maioria das pessoas locais comem essa carne a caça dos porcos bravos é mais dura e mais difícil do que a caça clandestina dos lêmures. Assim a solução seria, concentrar-se em motivar o povo local a caçar os porcos bravos e esperar que a pressão nas populações dos lêmures se reduza.

A QUESTÃO DA "CARNE DE PEIXE"– A CARNE DE CAÇA SOB OS OCEANOS DO MUNDO

Willie Maritz, Aquário de East London e PAAZAB.

Como a situação da caça na África está se tornando em crise, há uma opinião crescente de apoio a programas de concientização e uma moção quanto ao uso sustentável dos recursos da fauna silvestre africana. Há entre todos os interessados nesse assunto uma estimativa da magnitude do problema e da dificuldade da tarefa que jaz à frente.



Srr Willie Maritz, duante sua apresentação sobre "Bushmeat under the sea" (Carne de caça do mar)

De uma forma muito similar os oceanos do mundo encontram-se em ameaça devido à pesca exagerada e pesca clandestina indiscrimidada dos recursos vivos marítimos. Quase toda a indústria da pesca no mundo extrai o máximo de sua capacidade ou opera de tal maneira que esta não será capaz de continuar sendo sustentável por muito tempo. 70% das espécies da linha pesqueira da África do Sul são consideradas em situação de "colapso".

A indústria da barbatana do tubarão está causando um massacre em altos mares – os tubarões são apanhados e suas barbatanas removidas enquanto vivos – os seus corpos são simplesmente lançados fora – milhares de tubarões são removidos do sitema e isso em si mesmo produzirá um efeito no equilíbrio do relacionamento predator-presa. Juntando-se a isso, a pesca clandestina do Peixe-dente da Patagônia, os sindicatos da pesca clandestine da Mandripérola que operam mundialmente e a pesca insustentável da vida marinha intertidal, a situação torna-se preta. Há, com certeza, uma crise relacionada à pesca.

Toda questão relacionada à carne de caça relaciona-se também ao peixe – o problema é exactamente o mesmo, só em habitat diferentes. No momento encontram-se muitas organizações trabalhando incessantemente à procura de soluções para essa crise – no final da história, as soluções encontradas para a crise da caça aplicar-se-ão também à crise da pesca.

Sob a direção da Gestão Marítima e Costeira (Marine and Coastal Management (MCM)) da África do Sul, uma rede de educadores marítimos e costeiros foi estabelecida – materiais de recurso foram desenvolvidos em forma de uma série de pôteres e um folheto dos factos marinhos e costeiros. Os pôteres e os folhetos são disponíveis a todos os educadores marítimos e costeiros para aumentar o nível de conscientização sobre o ambiente marítmo e principalmente as questões sobre a exploração demasiada e o uso sustentável dos recursos marítmos.

As associações regionais de zoológicos e aquários têm sido bem activas quanto à conscientização desse problema. Dentro da Pan African Association of Zoological Gardens, Aquaria and Botanical Gardens (PAAZAB) todos os aquários são membros da Rede de Educadores Marítimos e Costeiros (Marine and Coastal Educators Network. (MCEN)). Os esforços conjuntos de todas essas instituições resultou no ascréscimo da conscientização dos problemas da pesca.

Os folhetos sobre o cuidado da costa e os pôteres podem ser obtidos dos membros da MCEN na PAAZAB ou Marine and Coastal Management na Cidade do Cabo.

APRESENTAÇÃO ESPONTÂNEA
Cathy Kay – Wildlife and Environmental Society of South Africa (Sociedade do Meio Ambiente e Vida selvagem da África do Sul)

A Sociedade do Meio Ambiente e Vida Selvagem da África do Sul {Wildlife and Environment Society of South Africa (Wessa)} tem sido ativa durante os últimos 76 anos.

Nossa Visão

Fortalecer a nossa efetividade, como uma Organização Não-Governamental, independente, trabalhando para formar uma África do Sul administrada sabiamente por todos, com o fim de assegurar a sustentabilidade Ambiental por muito tempo.

A sociedade tem dois ramos

- Conservação
- Educação

Em 1974 a sociedade lançou as bases para o que é hoje conhecido como o Projecto de Educação em Conservação Africano (African Conservation Education Project), o qual através dos anos desenvolveu-se no Programa Educacional ambiental da Wessa, um programa altamente reconhecido e respeitado Internacionalmente em 12 países da SADC/CSAD

Por volta de 1992 mais de 30.000 alunos e professores atenderam os cursos de Educação formal oferecidos anualmente pela Wessa.

Em 2001, o Governo Sueco contratou a Wessa para ajudar com o ensino num curso de 3 semanas realizado na Suécia, para Educacionistas sêniors de toda a África e a Suécia. Esse curso de grande sucesso, é oferecido em parte na Suécia e em parte no Valey Umgeni da Wessa e será repetido regularmente.

A Wessa tem desenvolvido cursos para as indústrias em Malawi, incorporando o padrão ISO 14001 na Indústria de tabaco e madeira. O curso é designado a planejar uma Ética de cuidado e proteção da Terra.

Esse Curso Educacional serve para aumentar a conscientização, resultando em indústrias mais limpas, permitindo o comércio no mercado internacional.

A Wessa compromete-se em garantir a proteção e o uso sensato dos recursos naturais e, dessa forma, ela atua como Guarda Ambiental.

Assim ela influencia a Política e a tomada de decisão com relação ao mercado da caça nos países da SADC/CSAD.

A Análise de Relatórios do Mercado da Fauna e Flora em Comércio (Trade Records Analysis of Fauna and Flora In Commerce (TRAFFIC)) publicou recentemente um estudo de dois anos, autorizado pela Comissão Européia, sobre o mercado da Caça em sete países; Botswana, Quênia, Malawi, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue, o qual demonstrou uma confiança considerável e crescente nas fontes disponíveis, e quase sempre ilegais, de proteína da carne de Caça obtida das diversas espécies, variando dos elefante aos insectos.

Ficou claro que enquanto os caçadores/ceifeiros tradicionais continuam a depender da carne de Caça, a demanda tem aumentado entre various outros grupos, tais como o povo Pastoril Ngoni e Chewa de Malawiand e os Samburu do Quênia.

A maior parte dos criadores de gado considera os seus animais como uma posse cultural e capital, o povo dessas regiões, independentemente de etnicidade, evita consumir ou comerciar o seu gado quando a carne de caça é ascessível.

Em todas as áreas de pesquisa, a caça é usada extensivamente para que assim os animais possam ser concervados como uma posse capital e cultural permanente. Em Maputo, mais de 50t de caça é comerciada por mês. Uma grande variedade de espécies é utilizada regularmente partindo de insectos a roedores, de aves a animais menores tal como o cabrito cinzento, e da gazela de Grant's às famosas espécies tais como o elefante e o búfalo do Cabo.

As espécies de maior porte como o porco bravo e a impala são geralmente mais preferidas, por causa do seu sabor e devido às grandes quantidades de carne obtida por animal, contudo as populações maiores das caças de porte maior estão em declínio devido ao excesso de caça, a destruição da terra e a perca do habitat.

Os consumidores da caça têm-se adaptados às espécies menores capazes de sobreviverem em habitat modificado ou cultivado..

Havia uma grande tendência para com o consumo das espécies pequenas. Os animais com peso abaixo de 5kg formam 41,7% de todas as espécies usadas atualmente como carne. O rápido crescimento das populações humanas, a popreza severa e o desemprego geral na região, têm contribuído para uma ascendente dependência na carne de caça.

A pesquisa revelou que a mudança para espécies menores é um sinal sério do declínio da fauna silvestre, principalmente dos animais maiores e mais preferidos..

Foi também indicado que o aumento dos preços da carne de caça tem levado os caçadores e comerciantes a dirigirem-se à sempre crescente variedade de espécies. A grande demanda da caça tem levado-os a abandonar a caça tradicional sazonal em preferência da contínua, durante o ano todo, como resultado os animais selvagens não se beneficiam mais dos períodos de recuperação quando a temporada de caça é fechada.

Quais são as soluções?

A produção legal de carne de caça pode ajudar a dirigir-se a esse problema, mas o potencial é em grande medida inexplorável.

Todos os sete dos países acima mencionados produzem a carne de caça através do cultivo, da criação e colheita legais, com as suas iniciativas de caças licenciadas, ou controle de animais problemáticos produzindo 8.500t de carne anualmente. As iniciativas da produção da caça legal são geralmente limitadas pelos regulamentos veterinários, o qual favorece a produção da carne doméstica e limita severamente o ascesso aos mercados mais lucrativos.

A situação piora devido ao facto de que as iniciativas da caça recebem pouco incentivo em forma de subsídio do governo comparando com as operações baseadas no gado. A produção

legal da caça tem um potencial vasto e em grande medida inexplorado, como é visto em Zimbábue, que produz 2.925t de carne de caça anualmente

Os sete países mencionados produzem aproximadamente 8.500t de caça por ano, quase US$7.7 milhões em proteína de carne. A produção da caça, principalmente através da caça licenciada e planejada pode também representar um papel social importante, se a carne produzida for colocada no mercado para o povo local a preços bem mais baratos do que padrão doméstico.

Em South Broom na costa sul do Kwazulu Natal 800 laços foram confiscados nos matos indígenas ao redor do distrito. O animal mais procurado é o cabrito cinzento, o qual se encontra na lista das espécies ameaçadas.

Embora essas iniciativas poderiam aumentar significantemente para formar uma pedra angular no abastecimento da proteína de carne sustentável na área, o seu sucesso depende totalmente no força do governo e sua liderança

Talvez o que a sociedade deveria fazer é persuadir os líderes dos países africanos para que invistam doações para aliviar a pobreza e criar empregos em vez de armas de destruição e auto-indulgência.

Infelizmente, a série de eventos em Zimbábue levou ao colapso da indústria da Carne de Caça. Mais de 50% de seus animais selvagens foram dizimados com mais ainda a serem perdidos.

O insumo da sociedade da fauna silvestre e Meio Ambiente na conferência mundial focalizar-se-á a nível mundial, nos pontos onde a comunidade internacional precisa por em ordem os mecanismos para limitar a ganância e encorajar o desemvolvimento sustentável.

REDE DE ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE
Douglas Lecholo, Botswana, (BOCOBONET),

O governo de Botswana tem desenvolvido programas e estratégias direcionados ao meio de vida sustentável e ao alívio da pobreza.

As comunidades em Botswana agruparam-se para utilizarem esses programas e estratégias disponíveis, principalmente os povos rurais marginalizados e pobres. Os programas desenvolvidos, entre muitos outros, são Gerência de Recursos Naturais da Comunidade (Community Based Natural Resource Management), Programa de Assistência Financeira (Financial Assistance Policy), Assistência ao Desenvolvimento Empresarial do Cidadão (Citizen Entrepreneurial Development Assistance) e Plano Mestre Agricultural Nacional e Desenvolvimento de Laticínios (National Agricultural Master Plan and Dairy).

Com a situação acima em vez de Ambiente condutivo, estabelecemos Organizações na Comunidade, as quais usarão um certo tipo de recurso natural ao seu alcance, tais como a fauna silvestre, o turismo e os produtos do campo de alto valor.

Uma vez que o governo é o administrador da Fauna Silvestre o Programa CBNRM/GRNBC requereu a descentralização e as comunidades receberam o direito de utilização sustentável da fauna e também como um recurso selecionado. As comunidades no Noroeste, ao redor do Delta, receberam cotas para caçar ou vender aos operadores de Safari. São poucas as OBCs em Kgalagadi e Gantsi que receberam cotas e a maior parte delas consome a carne de suas cotas, os animais são poucos comparando com os do Noroeste.

É muito importante para nós atendermos esse workshop da Carne de Caça, uma vez que esse aumentará o nosso conhecimento para ajudar as OBCs a valorizar a carne que elas recebem dos Operadores de Safari e dos animais que não foram vendidos, e ajudar também as comunidades a usar as peles dos animais de uma melhor forma.

As comunidades em Botswana são difíceis de contentarem-se devido ao facto que elas não consomem nenhuma carne, mas aqueles que usam a carne dos animais selvagens recebem ensino em como preparar e preservá-la para uso posterior. Como coordenador do curso, creio que esse workshop é de grande valor. Prepararemos também programas para a preservação da carne para todos os nossos membros

QUALIDADE DA CARNE DE ANIMAIS DOMÉSTICOS E SELVAGENS

Prof EC Webb, Departmento de Ciências da Fauna Silvestre, Universidade de Pretoria

A carne é definida como todos os tecidos do animal apropriados como alimento para o consumo do ser humano (Forrest *et al.*, 1975). Isso inclue todos os produtos processados e manufaturados, preparados dos tecidos animais. A maioria da carne consumida vem dos animais domésticos e aquáticos mas, uma quantidade de espécies e produtos menos conhecidos são acrescidos à essa lista continuamente. A carne é subdividida em quatro categorias diferentes, ou seja:

- Carne vermelha (gado, ovelha/carneiro, porco, cabrito e uma pequena quantidade de cavalo e avestruz)
- Caça (incluindo a carne de animais selvagens ou não-domesticados, ex. Coelho, lhama, camelo, elã, impala, kudu, aves, etc.)
- Aves domésticas (galinha, peru e pato)
- Frutos do mar (ex. Várias espécies de peixe, carangeijos, lagostas, ostras, etc.)

Estima-se que cerca de 1.5 milhão de toneladas de carne é produzido na África do Sul. O número de gado abatido na África do Sul flutua consideravelmente. Mais ou menos 2 a 2.5 milhões de gado, 5 milhões de ovelhas e cabritos, e 2 milhões de porcos são abatidos anualmente. De acordo com Forrest *et al.* (1975), o consumo de carne é sempre um indicador da condição econômica do país e do indivíduo. O consumo *per capita* de carne nos países desenvolvidos ou industrializados é muito mais alta do que em países em desenvolvimento. Parece que as pessoas de posição econômica e social mais alta exigem uma quantidade maior dos produtos de alta qualidade da carne.

Parece que na África do Sul os produtores de carne estão encontrando dificuldades em suprir a demanda local de carne e cumprir os contratos de exportação. A publicidade negativa na totalidade da carne, ex. o conteúdo de gordura e as doenças coronárias, a doença da vaca maluca (BSE), a febre afetosa (MDC), a febre suína africana, como também a mudança para o cultivo orgânico, contribuem para o dclínio de muitos produtos tradicionais de carne.

Em contraste, a indústria da caça tem mostrado um crescimento significante nos últimos anos e é evidente que a caça e atividades a ela relacionadas representam no momento uma grande indústria. Há 5061 coutadas na África do Sul, abrangendo uma área de cerca de 10.3 milhões de hectares e estas estão aumentando a 5.6% ao ano (Eloff, 2002). Isso tem resultado em estudos mais aprofundados sobre a qualidade da caça, como também em como eliminar as práticas errôneas, principalmente, dos métodos de colheita e factores que afetam a qualidade e proteção da carne.

A caça é um produto procurado especialmente por causa de sua composição bioquímica favorável (baixo conteúdo de gordura e composição ácida saudável) e características organolépticas inagualáveis (Van Zyl *et al.*, 1969; Von la Chevallerie, 1970; Huntley, 1971; Skinner, 1973; Kroon *et al*, 1972; Ledger *et al.*, 1996; Hoffman, 2000). Há grandes semelhanças na qualidade da carne e os factores que afetam a sua qualidade entre a carne da caça e a dos animais domésticos.

A carne é composta, principalmente, de músculos. Outros componentes incluem, gordura (subcutânea, inter- e intramuscular), nervos, vasos e ossos. A qualidade da carne é determinada, principalmente pelas propriedades químicas e físicas da musculatura da carcaça e os tecidos conetivos associados. A característica dos músculos é determinada por suas

funções, ou seja, locomoção e sustento da postura. Um exemplo importante é que os músculos que contém grandes porções de tecidos conetivos, para realizar as funções estrênuas, são vistos como relativamente duros. É geralmente aceito que o conteúdo de colagem e a maciêz da carne são influenciadas pela idade do animal, local anatômico dos músculos, sexo, espécies e finalmente a maneira de cozinhar. Muitos artigos foram publicados sobre os fatores que influenciam a qualidade da carne de caça ex: espécie, idade, sexo, métodos de colheita, sangria, esfolagem e estripação, mudanças post morten (necrobiose, anaeróbico, autólise, depleção glicogênia, formação lactata e queda de pH, rigidez cadavérica), qualidade da carcaça, machucaduras, condição de envelhecimento, carnear, propriedades físicas da carne (comprimento de sarcômero, textura da carne, capacidade de retensão de água, côr da carne, pH da carne), doenças, higiêne da carne e zoonoses

A carne é um dos alimentos mais nutrivos, principalmente em termos de suprimento de proteína (aminoiácidos essenciais), minerais, e vitaminas. A carne tem propriedas sensórias inagualáveis. Isso é provado pelo facto de que a maioria dos esforços em preparar productos semelhantes à carne, sem usar produto de origen animal, não tem sido bem sucedidos. Contudo, o potencial para o "valor adicionado" e o "cuidado fácil" ou conviniência dos produtos da carne é enorme. Isso inclue a substituição parcial ou reposição dos músculos por outras fontes de proteína.

A quantidade da gordura contribui significantemente, para a qualidade da carne (Webb, 1994). Espécie, criação (tipo de maturidade) e fatores dietéticos (conteúdo de energia da dieta, processamento da dieta e pigmentos da gordura isto é, concentração de luteína na forragem) influenciam a composição e a quantidade de gordura da carcaça. Esses são fatores que tornar-se-ão muito importantes ao passo que a ênfase sobre a conservação da fauna silvestre muda para as fazendas de criação de animais selvagens.

REFERÊNCIAS

Eloff, T., 2002. The economic realities of the game industry in South Africa. In: Sustainable utilization- Conservation in practice. Eds. Ebedes, H., Reilly, B. Van Hooven, W. and Penzhorn, B., 78-86.

Forrest, JC *et al*, 1975. Meat as food, In: Principles of meat science, WH Freeman and Company, New York, pp.3-7.

Hoffman, LC, 2000. The yield and carcass chemical composition of impala (*Aepyceros melampus*), a southern African antelope species. J. Sci. Food Agric. 80, 752-756.

Huntley, BJ, 1971. Carcass composition of mature male blesbok and kudu. S. Afr. J. Anim. Sci. 1, 125-128.

Kroon, FE *et al.*, Van Rensburg, W.J.J. & Hofmeyr, H.S., 1972. Seisonale veranderinge in chemiese samestelling van volwasse blesbokramme (*Damaliscus dorcas phillipsi*) van die Van Riebeeck Natuurreservaat. S. Afr. Tydskr. Veek. 2, 41-44.

Ledger, H.P *et al.*, 1967. Wildlife and food production. Wrld. Rev. Anim. Prod. 3, 13-36.

Romans, JR *et al*, 1994. The meat we eat, Thirteenth Edition, Interstate Publishers, Inc.

Lawrie, RA, 1992. Meat Science. Elsevier Applied Science.

Skinner, JD, 1984. Selected species of ungulates for game farming in southern Africa. Acta Zool. Fennica 172, 219-222.

Steenkamp, K et al., 1999. The effect of age, sex and habitat on long-chain fatty acid composition of fat depots in the African buffalo, *SA J Anim Sci*. 29: 218-220.

Steenkamp, K et al., 1999. Fatty acid composition of different fat depots in the African buffalo, *SA J Anim Sci*. 29: 223-224.

Van Zyl, JHM. *et al.*, 1969. A note on the dressing percentage in the springbok (*Antidorcas marsupialis*, Zimmerman) and impala (*Aepyceros melampus*). Proc. S. Afr. Soc. Anim. Prod. 8, 199-200.

Von la Chevallerie, M, 1970. Meat production from wild animals. Proc. S. Afr. Soc. Anim. Prod. 9, 73-78.

Webb, EC. 1995. Animal fats affect meat quality, *Effective farming*, Vol.10, No. 2, pp.191-192.

Webb, EC *et al.*, 1994. Dietary influences on subcutaneous fatty acid profiles and sensory characteristics of Dorper and SA Mutton Merino wethers, *SA J Food Sci & Nutr.*, Vol. 6, No. 2, pp. 45-50.

Webb, EC *et al.*, 1997. Influence of dietary presentation on the composition of fatty acids and sensory characteristics of meat from wethers, *SA J Food Sci & Nutr.*, Vol. 9, No. 2, pp. 69-76.

Força-tarefa da Crise da Caça, Participantes do Workshop, representando a região Sul-Africana, Camerão, Tanzânia e os EUS no SAWC - África do Sul, 6 – 8 de Agosto de 2002

INTRODUÇÃO DA PRIMEIRA SESSÃO DA EQUIPE DE TRABALHO

O objectivo da primeira sessão da equipe de trabalho foi:

- Anotar e colocar em ordem de prioridade os problemas chaves relativos à caça.
- Identificar as necessidades de estudo ou módulos potenciais associados com esses problemas, e
- Identificar e selecionar aprendizes alvos.

Os delegados foram distribuídos igualmente em três grupos de trabalho cada um com os mesmos objectivos acima mencionados. Sob a direção de um dos membros dos funcionários do Colégio Sul-Africano da Fauna Silvestre (Southern African Wildlife College) cada equipe elegeu um facilitador, um escriba e um relator para prestar relatório na sessão plenária. O tempo foi controlado seriamente para obter a certeza de que os tópicos longos fossem discutidos, dando oportunidade a todos os delegados para contribuirem, de acordo com o Processo de Grupo Nominal. O seguinte é um relatório da contribuição de cada grupo:

Equipe Um - Objectivo Um

Os participantes dessa sessão foram os seguintes:

Moemi Batshabang
Jocelyn Rakotomalala
Francisco Pariela
Kathleen Hay
Bheki Nkosi
Andrew Lumbe
Willie Maritz
Charles Jonga
Ibrahim Njoya
Reg Hoyt

Os seguintes resultados foram obtidos no processo:

1. Questões chaves sobre a Caça:

1. Pobreza
2. Caça clandestina
3. Fatores socio-econômicos
4. Ambição
5. Hábitos Dietéticos
6. Demanda do mercado
7. Falta de conscientização
8. Desemprego
9. Execução da lei
10. Infra-estrutura
11. Falta de apropriação dos recursos
12. Administração fraca
13. Falta de alternativas
14. Impactos biológicos

15. Leniência no sistema judicial
16. Cercas fracas ou inexistentes
17. Toragem
18. Falta de equipamento
19. Legislação
20. Instabilidade política
21. Envolvimento militar (transporte/venda)
22. Analfabetismo
23. Crescimento populacional
24. Perca do habitat
25. Falta de conhecimento (ecológico)
26. Tecnologia de caça (nenhum controle)
27. Empoderamento da Comunidade
28. Baixo valor de percepção das espécies
29. Direito de terra
30. Conflicto humano/animal
31. Instalação ilegal
32. Comércio internacional
33. Subprodutos
34. Distribuição da carne
35. Risco de saúde humana
36. Cultura
    - Medicinal
    - Dieta
    - Roupa/ornamentos
    - Tótens

Esses problemas foram agrupados nas seguintes categorias mais amplas como questões prioritárias relatives à caça:

1. Fatores socio-econômicos
2. Impactos biológicos
3. Execução da lei
4. Política pública & Vontade Política

2. Grupos alvos

Os seguintes grupos foram identificados como possíveis aprendizes dos programas de treinamento caça.

1. Líderes das comunidades
2. Gerentes de campo/Executores da lei
3. Educadores ambientais

Ficou decidido que os Gerentes de campo e os Executores da lei deveriam ser agrupados numa só categoria porque os membros da equipe acharam que muitas das atividades dos Execurtores da lei associadas com a crise da caça seriam parte dos deveres dos gerentes de campo.

3. Módulos Potenciais

A equipe discutiu sobre os possíveis módulos de estudo que equiparia os vários grupos alvos com perícia necessária para lidarem com a crise da caça.

Embora foi necessário alocar módulos apropriados para cada grupo alvo, a equipe achou que cada módulo era relevante para todos os três grupos alvos e que eles não poderiam ser separados.

Introdução à Crise da Carne de Caça
Desenvolvimento Comunitário
Uso Sustentável de Recursos
Resolução de Conflitos
Legislação, Tratados & Convenções
Alternativas Potenciais
Pesquisa & Monitoria
Conscientização Pública
Identificação dos produtos da carne/animal
"Recitas Favoritas Africanas" (Costume/Uso tradicional)

Participantes do Workshop participando em apresentações de grupo após o término da primeira sessão.

Equipe Dois - Objectivo Um

Os participantes dessa sessão foram os seguintes:

Lesley Greyling (Facilitador do SAWC e assistente do Sr Pires como escriba)
Adam Pires (Facilitador de grupo e escriba)
Kopano Maleli
Vonjy Adrianjakarivelo
Dr Victoria Nicodemas
Yolan Friedman
James Harding
Israel Ngarira
Deo-Gratias M Gamasa
Ettienne Hatungimana

1. Questões chaves sobre a Caça:

1. Pobreza
2. Desemprego
3. Caça clandestina, de subsistência e troféu de caça
4. Fatores finaceiros relacionados à pobreza e desemprego
5. Falta de conhecimento sobre proteína alternativa
6. Demanda do mercado – essa foi vista como sendo uma dimensão vasta e importante
7. Falta de compromisso e/ou conhecimento dos Oficiais de Execussão da Lei
8. Corrupção
9. Falta de apropriação de recursos
10. Questões do uso e gerência da terra – particularmente na África do Sul
11. Fatores biológicos
12. Empreendimento Industrial – desmatamento, mineração, até mesmo o turismo em áreas anteriormente prístinas
13. Legislação
14. Conflicto – político, local, regional, cultural, homem-animal
15. Perca do habitat
16. Nenhuma lei específica governando a ética da caça – principalmente troféu de caça
17. Falta ou necessidade de Cpacitação da Comunidade
18. Conflicto humano/animal selvagem
19. Comércio internacional
20. Nenhuma distribuição de benefícios dos subprodutos da caça legal selecionada ou troféu de caça.
21. Risco de saúde humana
22. Usu cultural para os produtos, roupa, ornamentos e alimento
23. Uso medicinal – não somente na África Sulina mas também uso cultural ou medicinal dos produtos da caça no exterior – isto é, chifre do Rinoceronte no Japão.

2. Grupos Alvos

Os seguintes grupos foram identificados como possíveis aprendizes dos programas de treinamento da carne de caça.

1. Líderes da Comunidade

2. Gerentes da Áreas de Proteção (GAPs)
3. Educadores
4. Oficiais da Execução da Leis (OELs)

Houve grande debate sobre a questão da unificação dos Oficiais da Execução da Leis (OELs) e os Gerentes das Áreas de Proteção (GAPs), contudo ficou decidido mantê-los separadmente porque:

a. Os GAPs têm um certo nível de responsabilidades legais a executar
b. Contudo, para manejar propriamente o impacto total da crise da Caça, todos aqueles envolvidos na execução da lei precisam estar cientes do problema, a partir dos GAPs aos oficiais do tráfico, dos portos, dos aeroportos e da fronteira, aos magistrados e promotores públicos.

No entanto, a equipe não concordou em deixar de fora nenhum dos quatro principais grupos alvos indicados acima.

Equipe Três - Objectivo Um

A equipe 3 consistiu das seguites pessoas:
Douglas Lecholo
Eusebia Mabongani Adoro
Felisima Langamane
Theresa Sowry
Cathy Hay
Albert Machaba
Dave Morgan
Norman Rigava
Will Banham
Liyong Sama Emmanuel

1. Questões chaves sobre a Caça

1. Pobreza / fome / falta de infrastrutura econômica
2. Falta de educação / conscientização
3. Proximidades à áreas protegidas
4. Preguiça
5. Dinheiro fácil
6. Modo de vida / utilização tradicional
7. Falta de manutenção das cercas fronteiríças
8. Grande quantidade de imigrantes clandestinos
9. Lazer / passa tempo/competição
10. Comercialização
11. Execução da lei / falta de recursos / corrupção
12. Desemprego
13. Demanda internacional
14. Ruptura do valor tradicional
15. Guerras
16. Comunidades deslocadas
17. Nenhum substituto

18. Nenhuma proteção oficial
19. Indústria de toragem / mineração / estradas
20. Falta de ascesso aos serviços de saúde pública / objectivos médicos
21. Alvo fácil
22. Falta de monitoria / dados populacionais
23. Carne gratuita/barata
24. Uso do couro
25. Caça clandestina
26. Falta de habilidades gerenciais sustentáveis dos recursos na comunidade
27. Aumento populacional
28. Falta de apropriação e controle
29. Relacionamento da Comunidade / áreas de proteção
30. Práticas ritualísticas
31. Proximidade aos utilizadores de recursos
32. Cortezia
33. Transporte fácil / tráfico
34. Alta demanda da Caça
35. Disponibilidade de moderno equipamento de caça
36. Animais problemáticos
37. Valores culturais para com o gado

Essa lista de 37 problemas relativos à caça foi condensada em questões prioritárias e classificada de acordo com o número de pessoas participando na equipe. A seguinte lista foi compilada.

Questões prioritárias	**Classificação**
1. Pobreza / fome / falta de infra-estrutura econômica	1
2. Execução da lei / falta de recursos / corrupção	2
3. Falta de educação / conscientização	3
4. Desemprego	4
5. Falta de habilidades gerenciais sustentáveis dos recursos na comunidade	5
6. Comercialização	6
7. Proximidade aos utilizadores de recursos	6
8. Modo de vida / utilização tradicional	7
9. Falta de apropriação e controle	7
10. Caça clandestina	7
11. Lazer / passa tempo/competição	7
12. Falta de monitoria / dados populacionais	7

A lista dos problemas relativos à Caça foi usada para identificar os grupos de aprendizes potenciais. Mais uma vez os possíveis aprendizes foram identificados num período de silêncio durante o qual cada pessoa na equipe tomou nota das suas próprias idéias antes de compartilhá-las com o grupo todo. Cada membro da equipe teve a oportunidade de expressar as suas idéias. A equipe 3 identificou os seguintes aprendizes alvos:.

2. Aprendizes alvos

1. Construção política
2. Educadores ambientais

3. Magistrados e juizes
4. Administradores municipais
5. Gerentes das áreas de proteção
6. Vaqueiros
7. Curandeiros tradicionais
8. Caçadores
9. Mulheres
10. Tomadores de decisões
11. Clientela / policiais / executores da lei relativa aos animais
12. Gerentes de recursos
13. Comunidades (rurais)
14. Agrónomos
15. Lideres tradicionais / eleitos
16. O.N.G.s
17. Setor privado
18. Agências de conservação
19. Professores de escolas
20. Oficiais da C.B.C.
21. Ecologistas sociais
22. Alunos escolares
23. Comunidades urbanas
24. Produtores e distribuidores de alimento básico

A lista acima foi condensada em 4 categorias:

1. **Lideres** – construção política: administradores municipais: Gerentes das áreas de proteção: Tomadores de decisões: Gerentes de recursos: Lideres tradicionais / eleitos. O.N.G.s; Agências de conservação.
2. **Executores** –Magistrados e juizes: Gerentes das áreas de proteção; Clientela e policiais, executores da lei relativa à fauna silvestre; Gerentes de recursos: Lideres tradicionais / eleitos: Agências de conservação.
3. **Educadores** –Educadores ambientais; Agrónomos: ONG's; Setor privado. Professores de escolas: oficiais da CBC; Ecologistas sociais.
4. **Consumidores** – vaqueiros. Curandeiros tradicionais: Caçadores: Mulheres. comunidades rurais; Lideres tradicionais / eleitos; Setor privado. Comunidades urbanas: alunos escolares.

3. Necessidades de treinamento

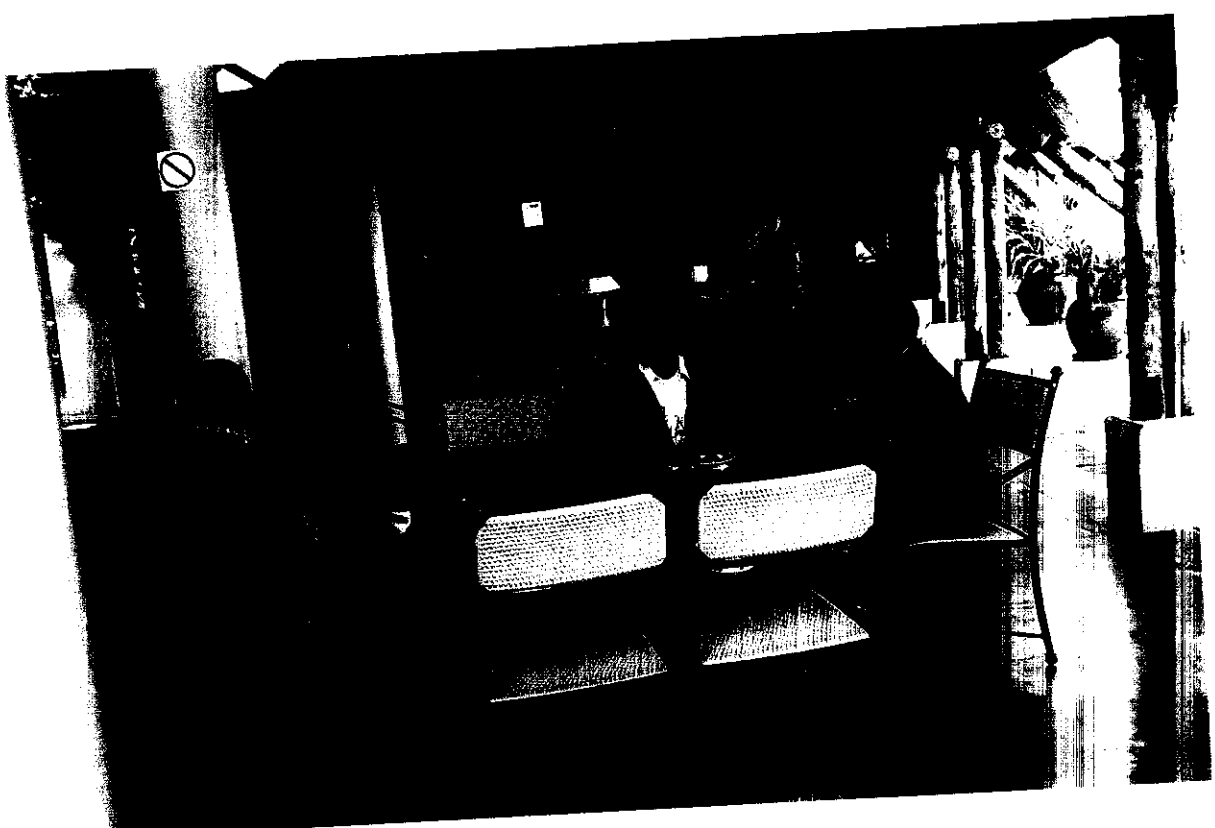
O último objectivo dessa sessão em grupo foi elaborar uma lista das necessidades de treinamento associadas para os aprendizes alvos. A equipe 3 foi incapaz de terminar essa tarefa, mas as seguintes necessidades foram traçadas para a categoria de lideres.

1. Criação ex-situ
2. Impactos e modalidades da re-alocação das populações humanas
3. Crise da caça – historia, causas e impactos, conexões com a pobreza
4. Gestão sustentavel de utilização
5. Origem da lei
6. Teoria ecologica / sustentabilidade
7. Valores morais / culturais

8. Planos de incentivo
9. Auditoria e Contabilidade das ofertas
10. Métodos anti – corrupção
11. Capacitação da execução da lei
12. Estratégias de sustento
13. Habilidades de liderança / responsabilidades
14. Habilidade em geração de rendas
15. Habilidades em resolução de conflictos
16. Conhecimento indígena / protegendo os direitos de propriedade intelectual da comunidade
17. Conservação de valores
18. Recenciamento / técnicas de monitoria
19. Técnicas de conservação e educação

CONCLUSÃO DA PRIMEIRA SESSÃO DA EQUIPE DE TRABALHO

Como pode ser visto acima os grupos contribuiram com insumo similar. Consequentemente, houve pouco debate durante a plenária e unanimidade foi alcançada rapidamente. O aspécto mais importante requerendo unanimidade foi o dos grupos de aprendizes, uma vez que estes formariam as bases para as duas sessões seguintes. As prioridades relatives aos grupos de aprendizes foram identificadas como **líderes comunitários**, **rgerentes das áreas de proteção e educadores**. Os executores da lei também foram vistos como um grupo importante, mas os participantes acharam que a justaposição deste com os aspéctos dos gerentes das áreas de proteção seria suficiente para cobrir o assunto.



Participantes do Workshop discutindo as atividades de grupo durante uma pausa

INTRODUÇÃO DA SEGUNDA SESSÃO DA EQUIPE DE TRABALHO

À cada uma das equips de trabalho foi alocado uma das prioridades relativas aos aprendizes com o objectivo de definirem as necessidades de estudo (módulos potenciais) em termos dos Objectivos de Aprendizagem específicos (resultados especícficos) e valores centrais que deveriam ser ensinados para equipá-los a tratarem da crise da caça dentro dos seus eleitorados. Aos participantes foi dada a oportunidade de eleger o grupo aprendiz cujo qual eles acharam que as suas contribuições seriam mais adequadas. Mediania foi necessária para assegurar uma distribuição equiparada dos números. Enquanto cada equipe estava discutindo sobre um grupo aprendiz diferente a sessão plenária tornou-se mais importante porque essa seria a oportunidade para os participantes contribuirem com as outros equipes.

Equipe Um - Objectivo Dois

Os participantes da equipe lidando com as necessidades de treinamento dos **líderes comunitários** foram:

Theresa Sowry
Albert Machaba
Dave Morgan
Vonjy Andrianjakarivelo
Dr Victoria Nicodemas
Charles Jonga
Douglas Lecholo
Deo-Gratias M Gamassa

Equipe um. durante as sessões

Esse grupo usou o processo de discussão e explosão de idéias (brainstorming) para elaborar o seguinte conjunto dos resultados específicos para cada módulo. A razão para a escolha desses módulos para esse grupo aprendiz alvo é delineado em cada módulo.

Módulo 1: A crise da Caça vs. utilização sustentável

Raciocínio desse módulo:

Os líderes comunitários precisavam ser instruídos e entender as diferenças entre a crise do mercado clandestino da carne de caça e a maneira em que a comunidade pode usar a caça e outros recursos naturais, de uma forma sustentável. Uma grande parte do comércio da caça acontence nas comunidades ao redor das áreas de reserva. O líder comunitário bem informado, poderia ajudar a instruir a sua comunidade e representar um papel importante na redução desse mercado.

Resultados Específicos:

- Compreender e explicar a história, o impacto e o efeito das actividades não sustentáveis da caça
- Identificar mercados possíveis
- Identificação das espécies
- Técnicas básicas de monitoria do censo
- Interpretar e aplicar os dados da lista das espécies ameaçadas

- Demonstrar entendimento básico da ecologia
- Identificar e aplicar práticas de utilização sustentável nas áreas comunais
- Conhecimento básico de caça, pesca e métodos usados
- Entendimento da lei regional relativa aos animais selvagens

Módulo 2: Dinâmica da população comunitária rural

Raciocínio desse módulo:

O líder da comunidade precisa entender que a população da comunidade da qual ele faz parte tem aumentado em tamanho e composição. O aumento da diversidade cultural nas áreas rurais tem acontecido como resultado do deslocamento das comunidades. Os líderes da comunidade precisam entender como essas culturas diferentes relacionam-se umas com as outras. Ele também precisa ser capaz de compreender porque os recursos na comunidade não são tão abundantes como no passado. O líder da comunidade é a pessoa perfeita para identificar as áreas na comunidade onde o mercado da caça tem aumentado. Ele precisa ser capaz de entender os mecanismos por detrás desse acréscimo no mercado, i.e. que mudanças na comunidade poderiam ter contribuído para esse acréscimo?

Resultados Específicos:

- Entender a demografia básica (tamanho e distribuição da população) da área
- Associar a distribuição dos recursos básicos à distribuição da população (humana)
- Entender a logística de reintegração e re-habilitação das pessoas anteriormente refugiadas (guerra,etc).
- Impacto do movimento populacional no mercado (Carne de caça).
- Entendimento e identifica and identificação da diversidade cultural nas comunidades
- Entender os valores e crenças culturais diferentes
- Entender os sistemas básicos de uso da terra

Módulo 3: Estratégias de sustento

Raciocínio desse módulo:

Esperançosamente, o líder da comunidade, comprometido em resover os problemas relativos à caça, será capaz de oferecer à sua comunidade alternativas econômicas e de proteína apropriadas para a caça. Ele precisa, portanto, ser capaz de oferecer à sua comunidade uma variedade de métodos substitutos para a geração de renda. Ele precisa ter conhecimento profundo desses métodos diferentes e saber como eles, possivelmente podem funcionar na comunidade.

Resultados Específicos:

- Identificar e entender os métodos alternativos para a proteína (galinha; soja; etc) e a geração de renda
- Conhecimento básico sobre as pequenas empresas
- Aplicar a capacidade de planejamento básico do uso da terra.

Módulo 4: Capacidade de liderança

Raciocínio desse módulo:

Os lideres da comunidade são as pessoas certas para canalizar a comunidade a ajudar no desenvolvimento das capacidades dentro das suas comunidades. Eles precisam entender o processo de capacitação e o que ele significa, realmente. Eles são os lideres das suas comunidades, por isso, eles precisam ser educados sobre a responsabilidade que têm para com elas. Eles precisam ser ativos nesse cargo, compreendendo as necessidades das suas comunidades e tentando actividades para melhorá-las.

Resultados Específicos:

- Entendimento de administração
- Aplicação de responsabilidade social
- Desenvolvimento de capacidades

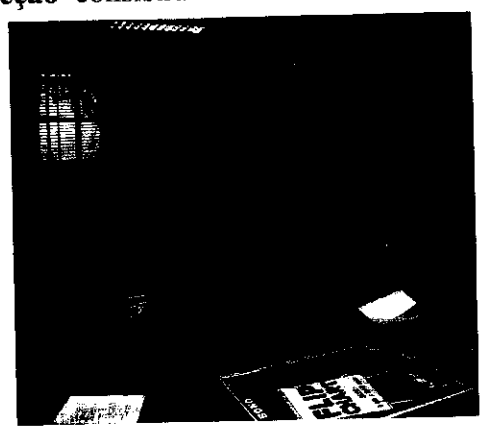
A Segunda parte dos objectivos dessa sessão foi, elaborar um conjunto de valores centrais para os líderes da comunidade. A seguinte lista mostra os resultados alcançados pela equipe de trabalho e a classificação desses valores centrais em ordem de prioridade, de acordo com o entendimento do grupo:

Líderes comunitários (valores centrais)	**Classificação**
• Relacionar facilmente com as pessoas	1
• Capaz de adaptar-se à uma variedade de circunstâncias sociais	1
• Acomodaticio	1
• Auto motivado	2
• Inovativo / riativo	2
• Ético	3
• Preparado para sacrificio pessoal	4
• Auto-disciplinado	5
• Trabalhador	5
• Fervoroso quanto aos problemas da comunidade	6
• Empático	7
• Paciente / tolerante	7

Equipe Dois - Objectivo Dois

O grupo lidando com os **Gerentes de Áreas de Proteção** consistiu de:

Adam Pires (Escriba)
Kathleen Hay (Facilitator)
James Harding
Andrew Lumbe
Bheki Nkosi
Liyong Sama Emmanuel
Israel Ngarira
Etienne Hatungimana
Cathy Kay
Adoro Mabongana



Grupo dois, durante as sessões de trabalho em grupo

O método de silêncio em gerar idéias foi usado inicialmente enquanto cada membro formulava os resultados para cada módulo específico. Cada equipe compartilhou os seus resuldados e depois estes foram discutidos entre o grupo. Foi descoberto que a discussão em grupo e a explosão de iéias (brainstorming) produziram resultados mais construtivos, uma vez que alguns aspéctos tiveram de ser clarificados entre o grupo. Muitos dos membros da equipe estavam incertos quanto aos resultados baseados no treinamento e a diferença entre os resultados e o esboço do módulo.

Ficou decidido anteriormente que o treinamento de Gerente de Campo & Executor da lei é muito semelhante com referência à crise da caça, e que o tópico Execução da Lei deveria ser incluído como um módulo desse curso.

Os seguintes resultados para cada módulo foram elaborado:

Módulo 1 – **Introdução à crise da caça**

Os problemas relativos à caça variam em natureza e intensidade entre as reservas e as regiões diferentes. É muito importante que todos os grupos alvos entendam a crise da caça como um todo, e como elas infuenciam as diversas áreas de proteção. Os gerents das áreas de proteção precisam ter conhecimento sobre o impacto e as causas do mercado da caça em suas próprias áreas e áreas vizinhas, para poder ser capaz de resolver a crise efetivamente, com conhecimento geral suficiente.

Resultados

- Saber o que é crise de caça.
- Entender a história da crise da caça.
- Compreender quais os motives por detrás do mercado da caça.
- Tipos de uso da carne de caça (subsitência versus mercado comercial).
- Capaz de identificar as causas e efeitos do mercado da caça.
- Implementar soluções e identificar alternativas para a crise da caça.

Módulo 2 – **Gerência e Monitoria das espécies em foco**

As áreas de proteção contém certas espécies de animais típicas de determinadas áreas e habitat. Todos os gerentes dessas áreas deveriam ter um conhecimento profundo das espécies de cada área e a sua situação presente. As espécies em demanda no mercado da caça variam de região para região, e os gerente deveriam ter um conhecimento profundo das espécies em foco, em cada área determinada. Eles precisam conhecer e reconhecer as partes e derivadas para a identificação, os hábitos, o comportamento e a ecologia geral associados com cada espécie para poder resolver a crise.

Resultados

- Capaz de identificar as espécies prioritárias e as suas partes/derivadas usadas.
- Capaz de fazer pesquisa e monitorar efetivamente as atividades sobre as espécies em foco/prioritárias.
- Capaz de implementar a utilização sustentável das espécies.
- Capaz de identificar os sintomas de doenças e suas implicações.
- Entender e implementar métodos de re-introdução e técnicas de captura.

Módulo 3 – Execução da lei

Cada área de proteção tem um pessoal associado com a proteção da área contra a invasão e utilização ilegal das espécies ocorrendo dentro da reserva. Para aliviar a crise da caça é necessário o implemento e a manutenção de medidas protetoras efetivas das áreas e especies em ameaça. O gerente da área de proteção terá de ser proficiente em todas as medidas e leis contra a caça clandestina, aplicáveis ao problema da caça, na área.

Resultados

- Implementar medidas pro-activas e reactivas contra a caça clandestina.
- Implementar métodos ativos de execuação da lei.
- Entender o procedimento do sistema de justiça e leis relevantes.

Equipe Três – Objectivo Dois

Grupo alvo de aprendiz: EDUCADORES

Os membros da equipe para essa sessão foram os seguintes:

Lesley Greyling (Facilitador do SAWC)
Reg Hoyt
Kathy Kay (relator)
Dr Will Banham
Moemi R Batshabang
Felisima Langamane
Norman Rigava
Willie Maritz
Ibraham S Njoya (facilitador)

Equipe três, durante as sessões de trabalho em grupo

Essa equipe preferiu os sitema de discussão e explosão de idéias (brainstorming), onde os membros da equipe expressaram as suas idéias, as quais foram anotadas e discutidas, aceitas ou rejeitadas no processo. Embora esse método tenha tomado muito tempo no início, o grupo respeitou o tempo e alcançou os seus objectivos.
Esse método funcionou porque os participantes do grupo eram igualmente, mais ou menos confidentes e contribuiram ativamente no processo. A equipe elegeu um outro facilitador, esscriba e relator, para cada objectivo, para assegurar a fluência de participação e responsabilidade.

A princípio, a equipe gastou muito tempo para determinar quem seriam os educadores, uma vez que essa é uma categoria vasta. O membros acharam que os dois grupos de "Aprendiz Alvo" já discutidos nas equipes de trabalho 1 e 2, seriam também, dessa forma, educadores, e essa equipe não quiz repetir o trabalho feito pelos outros grupos. Finalmente, foi aceito que os "educadores" não incluiriam os professores de escola, por que eles acharam que esse é um campo especializado. Foi determinado que os educadores seriam:

- Agrónomos (incluindo aqueles afiliados em indústrias)
- ONG's
- CBO's
- Educadores Ambientais

Essa equipe foi de sorte em ter vários delegados familiarizados com os métodos de treinamento baseado em resultados, o que facilitou o processo porque eles puderam ajudar o grupo a diferenciar entre os resultados específicos de aprendizagem e o esboço do curso, ou estruturas do módulo.

Os seguintes resultados para cada módulo foram:

Módulo 1 – **Introdução à crise da caça**

- Entender o conceito 'Bushmeat'
- Entender o porquê da crise da caça.
- Entender a história da crise da caça..

- Conhecer os tipos de uso da carne de caça (subsitência versus mercado comercial).
- Implementar soluções e identificar alternativas para a crise da caça.

Módulo 2 – Produtos da Caça

- Capaz de identificar os produtos básicos e sub-produtos da caça
- Capaz de mostrar aos outros como os produtos clandestinos da carne podem ser identificados pelos oficiais da execução da lei.

Módulo 3 – Legislação Ambiental Relevante

- Capaz de demonstrar e entender o que são tratados e convenções. e como eles afetam o comércio da caça
- Capaz de demonstrar e entender a legislação ambiental e a sua relação à crise da caça
- Cpaz de explicar para as comunidades e àqueles em contacto. como as espécies ameaçadas são protegidas pela lei.

***Módulo* 4 – Uso Sustentável dos Recusos Naturais**

- Capaz de explicar diferentes conceitos de sustentabilidade
- Explicar os métodos de colheita sustentável
- Entender os valores e benefícios da conservação
- Entender as consequências da exploração excessiva
- Capaz de ensinar os outros como utilizar sustentável e efetivamente os produtos da caça obtidos legalmente

Módulo 5 – Pesquisa e Monitoria

- Capaz de comunicar a necessidade da pesquisa e monitoria e como essa se relaciona à crise da caça
- Demonstrar um conhecimento básico dos diferentes métodos de pesquisa e monitoria
- Ajudar as comunidades a realizar monitoria básica e fazer o censo para a pesquisa
- Ajudar as comunidades a verbalizar o seu conhecimento e experiências culturais num contexto de pesquisa e monitoria.

Módulo 6 – Alternativas Potenciais

- Capaz de identificar alternativas potenciais para o uso da caça
- Capaz de demonstrar um entendimento de como avaliar as vantagens e desvantagens das alternativas potenciais para as suas circunstâncias específicas

Módulo 7 – Resolução de Conflito

- Capaz de entender o conceito e a origem do conflito
- Capaz de explicar diferentes métodos de resolução de conflito
- Capaz de classificar e identificar os tipos de conflito

Módulo 8 – Desenvolvimento Comunitário

- Ser capaz de assitir as comunidades a identificarem as suas necessidades
- Ser capaz de assitir as comunidades a satisfazê-las

Os seguintes valores centrais foram determinados para os Educadores:

- Um compromisso em despertar a conscientização sobre a crise da caça
- Uma certeza de que a educação deveria ser realizada em conjunto com as comunidades baseada em confiança e co-operação mútuas
- Uma atitude ética e profissional para com a educação

CONCLUSÁO DA SEGUNDA SESSÁO DA EQUIPE DE TRABALHO

A divisão das equipes de acordo com as áreas de perícia provou ser construtiva, uma vez que durante a sessão plenária não houve insumo adicional ou significativo, mesmo quando esta havia sido prorrogada para o útimo dia. Tempo para os cometários foi permitido e esses foram incluídos, quando apropriados, para discussões posteriors na sessão seguinte.

INTRODUÇÃO À TERCEIRA SESSÃO DA EQUIPE DE TRABALHO

As equipes de trabalho reassumiram, como na Segunda sessão, e continuaram de onde haviam parado. O objetivo desse terceira e última sessão foi comentar sobre os Objectivos de Aprendizagem aceitos (resultados específicos) propondo unidades de estudo e estruturas de módulos para cada uma delas

Equipe Um – Objectivo Três

Os participantes para a equipe de líderes alvos da comunidade permaneceu como antes, exceto pelo acréscimo de Liyong Sama Emmanuel, que uniu-se a esse grupo para ajudar com a tradução do inglês para o francês. Mais uma vez, esse grupo achou melhor o método de explosão de idéias do que gerar idéias individuais. As idéias foram exploradas e as seguintes unidades de estudo (e estrutura de módulo após as unidades de estudo) foram elaboradas para satisfazer os resultados específicos de cada módulo.

Módulo 1: Crise da Caça vs. utilização sustentável

1. Crise da caça
   1.1 História
   1.2 Causas
   1.3. Impactos (incl. transmissão de doenças)
   1.4. Zonas perigosas

2. Ecologia básica e monitoria
   2.1. Introdução à ecologia básica (definição e conceitos)
   2.2.Identificação e distribuiçãode espécies
   2.3.Lista de espécies em perigo
   2.4.Técnicas de monitoria

3. Utilização sustentável
   3.1. Definição e conceitos (incl. ameaças à biodiversidade)
   3.2. Técnicas de Utilização
   3.3. Exemplos de utilização sustentável (incl. CBNRM)
   3.4. Fontes inconsumíveis da utilização da fauna silvestre

4. Legislação relativa à fauna silvestre
   4.1.Política, legislação e proceddimentos existentes

Módulo 2: Dinâmica da população comunitária rural

1. Demografia populacional
   1.1. Definição e conceitos
   1.2. Modelos de população rural
   1.3. Exemplos (incluindo a distribuição de ONG's associadas com as comunidades)

2. Gestão do deslocamento da População
   2.1. Causas
   2.2. Composição

2.3. Viagem
2.4. Período de tempo
2.5. Impactos
2.6. Reações (aos pontos acima mencionados)

3. Entendendo culturas
   3.1. Definição e exemplos do conhecimento indígena
   3.2. Diversidade cultural + exemplos

Módulo 3: Estratégias de sustento

1. Introdução comparativa às práticas convencionais e não-convencionais de cultivo.
   1.1. Métodos
   1.2. Exemplos
   1.3.Conceitos

2. Introdução à micro-empresa
   2.1. Princípios de gerência das pequenos empresas
   2.2. Princípios empresariais, legalidade, procedimentos
   2.3. Exemplos (tais como ecoturismo)

Módulo 4: Capacidade de Liderança

1. Resolução de conflito
2. Habilidade de comunicação
3. Habilidade em negócios
4. Ética social

Equipe Dois – Objectivo Três

Mais uma vez, o sistema de explosão de idéias foi o melhor durante essa sessão. Uma vez que a estrutura começou a ser formada, ficou claro que vários dos resultados tiveram de ser reformulados e mais uma porção acrescidos, para corresponder com o esquema do curso.

Inicialmente foi decidido estudar "Ex-situ breeding of species" (criação ex-situ de espécies) como um módulo, mas depois da plenária essa idéia foi abandonada e ficou decidido incluí-lo no Módulo 1 para ser discutido como uma das soluções das alternativas para a crise da caça.

Na elaboração dos resultados, durante a Segunda sessão, uma introdução à caça também estava faltando e essa foi formulada como um módulo em si, nessa terceira sessão.

O seguinte Esboço do Curso foi sugerido:

Módulo 1 – Introdução à Crise da Caça

1. História da crise da caça

    1.1 Costumes tradicionais
    1.2 Crise Sub-Saharana da caça
    1.3 Comparação da extinção das espécies do continente

2. Uso de subsistência versus mercado comercial da caça

    2.1 Pobreza e desemprego
    2.2 Mercado da caça – oferta e demanda
    2.3 Cadeia de fornecimento da caça
        - Local
        - Nacional
        - Internacional
    2.4 Economia da caça & crise econômica

3. Causas e efeitos da crise da caça

    3.1 Desenvolvimentos Industriais
        - Meio de Transporte
    3.2 Reforma agrária e invasão
    3.3 Perca da biodiversidade
    3.4 Conflictos
    3.5 Corrupção
        - Identificar
        - Combater/ reduzir

4. Medidas de combate

    4.1 Mitigação
    4.2 Participação da Comunidade
    4.3 Instruindo os educadores

5. Alternativas

5.1 Cruzamento Ex-situ
5.2 Introduçãode novas fontes de proteína
5.3 Acesso aos recursos alternativos

Módulo 2 – Gestão e monitoria das espécies em foco

1. Introdução à situação das espécies em foco

1.1 Identificação das partes do animal e derivadas
1.2 Identificação das espécies em foco / prioridades

2. Pesquisa e monitoria

2.1 Tecnologia do censo
2.2 Aplicação do SIG/GIS / Sensoriamento remoto
2.3 Técnicas de monitoria/ métodos de coleta
2.4 Análise de dados

3. Indicadores do Habitat

3.1 Capacidade máxima de sustentação
3.2 Distribuição do Animal

4. Utilização sustentável dos animais

4.1 Determinação da Cota
4.2 Caça comercial e de subsistência
4.3 Colheita
4.4 Benefício de custo

5. Controle de doenças

5.1 Transmissão humana e animal
5.2 Transmissão de animais domésticos e salvagens
5.3 Técnicas de manejo da Carcaça

6. Re-introdução de espécies

6.1 Métodos de introdução
6.2 Captura e remoção

Módulo 3 – Execução da lei

1. Legislação aplicável

1.1 Direitos humanos
1.2 Actos relevantes

2. Procedimento da execução da lei
   2.1 Procedimento de detenção
   2.2 Coleta, preservação e disposição de evidências
   2.3 Processo judicial

3. Medidas pro-activas e reactivas

   3.1 Métodos e técnicas anti-clandestinos
   3.2 Relações comunitárias
   3.3 Investigações e coleta de informações
   3.4 Motivação e uso de incentivo (princípios de)

"Chegando ao fim"participantes do Workshop fazendo as últimas anotações

Equipe Três – Objectivo Três

Mais uma vez, o sistema de explosão de idéias foi o melhor durante essa sessão. É importante notar que, com todos os módulos, exceto o da Crise da Caça, a equipe achou que os Educadores necessitariam somente de uma visão geral do assunto e não precisariam, necessariamente, ser 'peritos' no conteúdo dos outros módulos. Contudo, eles concordaram que os Educadores precisavam do conhecimento de informação histórica oferecida nos outros módulos, para poder serem capazes de educar os outros sobre a crise da caça. A equipe achou tempo para elaborar não somente o esboço para os seus Grupos alvos, com os seus resultados, unidades, e sub-unidades especificos, mas também, para classificar as unidades de acordo com as prioridades. Os módulos foram organizados na sequência em que o grupo achou que deveriam ser apresentados.

O seguinte esboço de curso foi elaborado:

Módulo 1 – Introdução à crise da caça

1. História da crise da caça

    1.4 O conceito 'Bushmeat' (BM)
    1.5 Espécies envolvidas
    1.6 Extensão geográfica da crise da caça
    1.7 Escala macro-econômica do comércio da caça (mercados, stakeholders, procura e oferta, rotas de fornecimento, produtos)
    1.8 Métodos de caçada e colheita da carne de caça

2. Cursos sobre a crise da caça

    2.1 Fatores socio-econômicos
    2.2 Fatores biológicos
    2.3 Fatores compostos
    2.4. Política Pública e Vontade Política
    2.5. Execução

3. Impactos da crise da caça

    3.1 Biológicos
    3.2 Socio-econômicos
    3.3 Questões da saúde humana
    3.4 Conflitos

4. Reações à crise da caça

    4.1 Reações globais
        - BCTF, CITES
    4.2 Reações Regionais
        - TRAFFIC (Leste, África Sulina)
        - PAAZAB
        - Lusaka Agreement Task Force (LATF)
        - Colégios Sul-Africanos da fauna silvestre/ BCTF workshops

4.3 Estratégias de curto prazo

- Renda alternativa e/ou fontes de proteína
- Associações de controle dos vendedores / caçadores
- Conexão com a indústria
- Mídia e conscientização pública

4.4 Estratégias de longo prazo

- Desenvolvimento da política
- Educação
- Finanças sustentáveis
- Áreas de proteção

5. Alternativas

5.1 Cruzamento Ex-situ
5.2 Introdução de novas fontes de proteína
5.4 Acesso aos recursos alternativos

Módulo 2 – Produtos da caça

1. Tipos de produtos da caça

O objectivo desse módulo é oferecer aos educadores uma visão geral e conhecimento básico dos métodos de identificação dos produtos da caça, e mostrá-los exemplos dos produtos e sub-produtos. Não se espera dos educadores a habilidade de identificar os produtos da caça para fins da execução da lei.

1.3 Caça (fresca, seca, defumada, processada)
1.4 Peles
1.5 Chifres / presas
1.6 Cascos/patas/pé
1.7 Dentes
1.8 Roupas, ornamentos, curiosidades
1.9 Produtos Medicinais

2. Identificação básica de espécies principais

2.1 Espécies protegidas
2.2 Métodos básicos de identificação das espécies
2.3. Espécies protegidas
2.4 Métodos básicos de identificação do produto

Módulo 3 – Legislação ambiental relevante

1. Tratados e convenções (panorama)

1.3 CITES
1.4 CBD convenção
1.5 Convenção Africana
1.6 LATF
1.7 Protocol da SADC sobre a gerência da fauna silvestre
1.8 E outras

2. Legislação e política nacionais

2.1 Legislação nacional e política ambiental

2.2 Legislação e política locais
2.3 Lei tribal

Módulo 4 – Uso sustentável dos recursos

1. Valores de conservação
    1.1. Benefícios
    1.2. Consequência da exploração demasiada

2. Conceitos de sustentabilidade
    2.1. Ecológico
    2.2. Econômico
    2.3. Social

3. Métodos sustentáveis de colheita
    3.1. Métodos de colheita
    3.2. Determinação da cota
    3.3. Temporadas fechadas
    3.4. Áreas de proteção / fechadas
    3.5. Métodos de redução do lixo
    3.6.Técnicas de gerência co-operativa

Módulo 5 – Pesquisa e monitoria

1. A necessidade de pesquisa e monitoria
    1.1. Determinando a situação dos recursos
    1.2. Determinando o nível de ameça
    1.3. Apoiando a colheita sustentável

2. Métodos de pesquisa e monitoria
    2.1. Exemplo de métodos usados
    2.2. Uma introdução ao APR/PRA e outros métodos de pesquisa na comunidade

3. Monitoria de Recursos da Comunidade
    3.1. Métodos de censo
    3.2. Determinação de cota
    3.3.Incorporando e usando o conhecimento indígena
    3.4. Método co-operativo para administrar as àreas de proteção

Módulo 6 – Alternativas Potenciais

1. Alternativa potencial para a proteína
    1.1. Aumento da disponibilidade e acesso dos produtos da carne doméstica (incluindo gado, peixe, coelho, e galinha)
    1.2. Colheita sustentável e legal das espécies da fauna silvestre
    1.3. Criação de animais/ criação de gado
    1.4. Cultivo de proteína vegetal

2. Alternativas potenciais de renda
    2.1. Criação de emprego

2.2. Micro-crédito
2.3. Distribuição de beneficiosderivados do turismo/caça troféu e legal / colheita

3. Avaliação das Alternativas potenciais
3.1. Praticalidade
- Financeira
- Ecológica
- Social / cultural

Módulo 7 – Resolução de conflito

1. Conflitos potenciais no contexto da crise da caça
1.1. Comunidade / animais selvagens
1.2. Comunidade / executores da lei
1.3. Comunidade / Comunidade
1.4. Comunidade / Adminsitração das áreas de proteção

2. Método de resolução de conflito
2.1. Mediação
2.2. Negociação
2.3. Conciliação
2.4. Arbitragem
2.5. Outros

Módulo 8 – Desenvolvimento comunitário

1. Necessidade de avaliação
1.1. Métodos APR
1.2. Análise de SWOT
1.3. Outras necessidades e métodos

2. Desenvolvimento de Capacidades
2.1. Negócios e Planejamento de Projeto
2.2. Habilidades empresariais
2.3. Proposta de projetos/aplicação de fundos
2.4. Acesso à informação monetária e agências de capital
2.5. Análise das necessidades de estudo

CONCLUSÃO DA TERCEIRA SESSÃO DA EQUIPE DE TRABALHO

A percepção geral das discussões da plenária, no final da terceira sessão da equipe de trabalho foi de satisfação quanto ao trabalho bem feito. Embora esses tenham sidos 3 dias intensos, os participantes permaneceram construtivos até o fim. A qualidade da contribuição da equipe ficou evidente na forma em que os grupos alternativos recebiam o que era apresentado. Não houve nenhuma dúvida de que o que tinha sido planejado foi alcançdo e que o Colégio Sul-Africano da fauna silvestre foi o lugar apropriado, e um modelo construtivo do qual um currículo para dirigir-se às necessidades de estudo sobre a crise da carne de caça pode ser produzido.

APÊNDICE A
LISTA DOS PARTICIPANTES

Name & Surname		Organisation	*Postal Address*	Tel/Fax	E-Mail Address
Felismina	Longamane	DNAC/MITUR	Av. 25 de Septembro No 1018	258 1 303650/25813633	coutadas@turismo.moz.com
Deo-Gratis	Gamassa	CAWM-TANZANIA	Box 3031, Moshi, Tanzania	1255-742 783887	dgamassa@yahoo.co.uk
James Harding	VODACOM	PAAZAB	P/Bag x 9904, SANDTON, 2146	011 653 5628	james.harding@vodacom.co.za
Dave Morgan	PAAZAB	PAAZAB	5 Steyn str, Prince van Rynveld Centurium, Pretoria	012 662 1854	davetsp@iafrica.com
Willie	Maritz	PAAZAB	P.O Box 984 East London 5200	043 705 2637	willie@elaquarium.co.za
Douglas S	Lecholo	BOCOBONET	P/Bag BO 166 Gaborone BOTSWANA	09267 585081	bocobonet@mega.bw
Victoria	Nicodemas	NWR	Namibia	1 064 61 2857000	nwr@mweb.com.na
Andrew	Lumbe	CIS-SANPARKS	Private Bag x 01021 Phalaborwa 1390	27-13735 6508/ 27-82764 5808	andrewl@parks-sa.co.za
Moemi R	Batshabang	DWNP BOTSWANA	P.O. Box 131, Gaborone	1267 341 705	mbatshabang@gov.bw
Etienne	Hatungimana	EFG	P.O. Box 271,Garoua	267 312 354	ecolefaunegaroua@iccnet.cm
Albert	Machaba	SANPARK. KNP	Private Bag x 402 Skukuza 1350	27 13 735 6311(T) 27 13 735 6304(F)	albertm@parks-sa.co.za
Ibrahim S	Njoya	Ecole de Fauna/GAROUA	P.O. Box 271 CAMEROON	237 2273135	ecolefaunagaroua@iccnet.cm
Natalie	Bailey	BCTF	8403 Colesville Rd Ste 710 Silver Spring MD 20910 USA	1301 5620 777231(T) 1301 5620 888 F	nbailey@busmeat.org
Kopano L	Malehi	LHDA Nature Reserves	P.O. Box 333 Botha- Bothe Lesotho	09266 461 223	
Reg	Hoyt	Philadelphia Zoo BCTF	3460 West Girard Avenue Philadelphia,PA 19104	215 243 5309	Hoyt.reg@philadelphiazoo.org
Cathy Kay	Kay	Wildlife and ENVIR Society Southern Africa	P.O. Box 52 Ortshestrone Natal 4240	27 393 155 757 (T) 27 393 155 755 (F)	ckay@venturenet.co.za
Liyong	Sama	SAWC Student Korup N.P Cameroon			Lsama_k@yahoo.co.uk
Charles	Jonga	Campfire Association	Box 661, Harare,Zimbabwe	263 4747436 (T) 263 4747470 (F)	campfire@ecoweb.co.zw
Norman	Rigava	WWF-SAPRO	Box Cy1409,Causeway Harare Zimbabwe	263 4 252533	nrigava@wwf.org.zw
Yolan	Friedmann	Wildlife Trust WT & CBSC SA	P.O. Box 731, LANSERIA	27 11 701 3811	cbsgsa@wol.co.za
Rakotomalala	Jocyln	National Park Network ANGAPA	P.O. Box 4000 Toliara	261 209443570 / 261 209443032	angaptle@dts.mg
Mabongana	Adoro	Lesotho National Park	P.O. Box 92 Maseru 100	09266 310515	
Andrianjakarivelo	Vongy	WCS Madagascar	Antananarivo(101) P.O. Box 8500 Madagascar	Tel 261 2272856	wcsmad@dts.mg
Bheki	Nkosi	Mpumalanga Parks Boad	P.O. Box 846 Caroline 1185	Tel 017 8432603	
Will	Banham	Cawm Mweka	Cawm Mweka P.O. Box 3031 Moshi Tanzania	Tel 255 (0) 748347012	wb@mwekawildlife.ac.tz

Israel	Ngarira	National Parks Zimbabwe	5141 Hwange Zimbabwe	Student @ SAWC	info@sawc.org.za
Lesley	Greyling	SAWC	P/Bag x 3015 Hoedspruit 1380	Tel: (27) 015 793 7300 Fax: (27) 015 793 7314	lgreyling@sawc.org.za
Adam	Pires	SAWC	P/Bag x 3015 Hoedspruit 1380	Tel: (27) 015 793 7300 Fax: (27) 015 793 7314	apires@sawc.org.za
Theresa	Sowry	SAWC	P/Bag x 3015 Hoedspruit 1380	Tel: (27) 015 793 7300 Fax: (27) 015 793 7314	tsowry@sawc.org.za
Kathleen	Hay	SAWC	P/Bag x 3015 Hoedspruit 1380	Tel: (27) 015 793 7300 Fax: (27) 015 793 7314	khay@sawc.org.za
Fanie	Greyling	SAWC	P/Bag x 3015 Hoedspruit 1380	Tel: (27) 015 793 7300 Fax: (27) 015 793 7314	fgreyling@sawc.org.za